

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

O MEU CORAÇÃO É FELIZ PORQUE TU, CRISTO, VIVES



RÍMINI 2017

O MEU CORAÇÃO É FELIZ PORQUE TU, CRISTO, VIVES

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI 2017

Texto original em italiano.
Tradução: Maria Ramos Ascensão
Versão brasileira: Cláudio Cruz
Revisão: Isabella Alberto

© 2017 Fraternità di Comunione e Liberazione

“Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rimini, Sua Santidade o Papa Francisco, espiritualmente partícipe, dirige seu cordial pensamento e seus bons votos. Ele faz votos aos numerosos participantes, e a todos quantos estão conectados via satélite, de abundantes frutos de redescoberta interior da fecundidade da fé cristã, num mundo dilacerado pela lógica do lucro, que produz novas pobreza e gera a cultura do descarte, sustentados pela certeza da presença de Cristo ressuscitado e vivo.

O Santo Padre invoca os dons do Espírito Divino para que possa realizar-se aquela revolução da ternura iniciada por Jesus com seu amor de predileção aos pequenos, na trilha traçada pelo benemérito sacerdote monsenhor Luigi Giussani, que exortava a fazer da pobreza o nosso amor. E enquanto pede que persevereis na oração para sustento de seu ministério universal, invoca a proteção celeste da Virgem Maria e concede, de todo o coração, ao senhor e a todos os participantes, a implorada bênção apostólica, estendendo-a de bom grado a toda a Fraternidade.”

Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade,
28 de abril de 2017

Sexta-feira, 28 de abril, noite

Na entrada e na saída:

Franz Schubert, Sinfonia n. 8 em si menor, D 759

“Incompleta”

Carlos Kleiber – Wiener Philharmoniker

“Spirto Gentil” n. 2, Deutsche Grammophon

■ INTRODUÇÃO

Julián Carrón

“Que a oração não seja um gesto mecânico”, dizia-nos Dom Giussani. Portanto, “elevemos a nossa consciência, despertemos a nossa responsabilidade! [...] Todo o mundo está como que debaixo de uma capa de chumbo, que é o esquecimento do objetivo por que acordamos de manhã, retomamos as coisas, retomamos as rédeas de nós mesmos. O impacto que todas as coisas têm sobre o homem é o de lhe dizer: “Acorde [...]”. [...] Meus Deus, como deveria ser este o chacoalhão de toda manhã! E, em vez disso, é um grave esquecimento o que desqualifica desde o início, normalmente, os nossos dias, ainda que depois sejam cheios de atividades. [...] Quando nos reunimos, é para olhar para a luz [...] [para nos recompor deste esquecimento, para] não permitir que o homem ao nosso lado chore, sozinho e sem horizonte. [...] Assim, neste momento, nossa cabeça pode erguer-se sobre a névoa normal, que normalmente a cobre: retomemos a consciência, retomemos a responsabilidade por nós e pelas coisas, por amor de nós e por amor do sol, por amor de nós e por amor dos homens. [...] Depende de nós que fique desperta no mundo e subsista esta companhia, esta possibilidade de companhia, que elimina a estranheza entre mim e você, entre o homem e o outro homem, e permite que as coisas sejam úteis, o tempo seja útil”.¹

Peçamos isto com toda a consciência de que somos capazes.

Oh! vinde, Espírito Criador

No início destes nossos dias, leio o telegrama que o Santo Padre nos enviou: “Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rímíni, Sua Santidade o Papa Francisco, espiritualmente partícipe, dirige

¹ L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo (1990-1991)*. Milão: Bur, 2013, p. 219-220.

seu cordial pensamento e seus bons votos. Ele faz votos aos numerosos participantes, e a todos quantos estão conectados via satélite, de abundantes frutos de redescoberta interior da fecundidade da fé cristã, num mundo dilacerado pela lógica do lucro, que produz novas pobreza e gera a cultura do descarte, sustentados pela certeza da presença de Cristo ressuscitado e vivo. O Santo Padre invoca os dons do Espírito Divino para que possa realizar-se aquela revolução da ternura iniciada por Jesus com seu amor de predileção aos pequenos, na trilha traçada pelo benemérito sacerdote monsenhor Luigi Giussani, que exortava a fazer da pobreza o nosso amor. E enquanto pede que persevereis na oração para sustento de seu ministério universal, invoca a proteção celeste da Virgem Maria e concede, de todo o coração, ao senhor e a todos os participantes, a implorada bênção apostólica, estendendo-a de bom grado a toda a Fraternidade. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade”.

1. “Que seria uma salvação que não fosse livre?”

Parece um paradoxo a forma como começamos esta noite: Dom Giussani exortou-nos a rezar de forma tal que nossa oração não seja mecânica, convidou-nos a elevar nossa consciência, a despertar nossa responsabilidade, ou seja, a brandir nossa liberdade; e no entanto, pouco antes de ouvirmos novamente as suas palavras, cantamos o quanto somos incapazes de viver com verdade e contraditórios no uso da liberdade: “Aprendi somente a enganar-me a mim mesmo [...]. / Nas minhas mãos não sobrou nada além de / terra queimada, nomes sem um porquê [...]. / *Com as minhas mãos / nunca poderei fazer justiça!*”²

Por que é que Dom Giussani insiste tanto em retomarmos a consciência, em elevarmos nossa consciência, em brandirmos nossa liberdade? É Péguy quem nos lembra o porquê: “Que seria uma salvação [diz Deus] que não fosse livre? / Como se poderia qualificá-la? / Queremos que conquiste esta salvação por si próprio. / Ele mesmo, o homem. Seja buscada por ele. / Provenha, em certo sentido, dele mesmo. É este o segredo, / É este o mistério da liberdade do homem. / É este o valor que nós damos à liberdade do homem”.³

Quem poderia imaginar uma valorização do homem e de sua liberdade como esta? Deus nos quer verdadeiramente protagonistas da nossa salvação. O que é bem diferente de esvaziar o valor do tempo e da his-

² C. Chieffo, “La guerra”. In: *Cantos*, p. 339.

³ Cf. C. Péguy, *O mistério dos santos inocentes*. Cascais: Lucerna, 2015, p. 46.

tória! Por quê? “Porque eu mesmo sou livre, diz Deus, e criei o homem à minha imagem e semelhança. / É este o mistério, é este o segredo, é este o valor / De toda e qualquer liberdade. / Esta liberdade desta criatura é o mais belo reflexo que há no mundo / Da Liberdade do Criador. É por isso que nós vos conferimos, / Que nós vos damos um valor próprio”.⁴

Mas por que Deus faz tanta questão de nos envolver na nossa salvação, sabendo que somos uns coitados? Qual é a razão dessa sua insistência na nossa colaboração?

“Uma salvação [continua Péguy] que não fosse livre, [...] que não procedesse de um homem livre, já não nos diria nada. [...] / Que interesse apresentaria uma salvação assim? / Uma bem-aventurança de escravos, uma salvação de escravos, uma bem-aventurança servil, como quereis que isto me interesse? Porventura poderíamos gostar de ser amados por escravos?”⁵

Péguy toca aqui, antecipando-se ao seu tempo, no ponto mais sensível de hoje: a liberdade. Se em alguma época da história estas palavras foram verdadeiras, com maior razão o são no nosso presente. É um momento, com efeito, em que já nenhuma convenção dura, em que nenhum hábito pode ser suficiente para comunicar o cristianismo e torná-lo aceitável. Pelo contrário, tudo parece estar contra ele. O cristianismo, com efeito, já não está na moda, já não é algo que se possa transmitir por hábito ou pelos costumes sociais. Para muitos ao nosso redor, a fé já virou uma “coisa velha”, que se deve abandonar sem sequer levá-lo em consideração. Isto pode ter em nós o efeito de nos abater ou, então, de nos relançar na aventura, exaltando ainda mais o que é verdadeiro desde a origem do cristianismo: Cristo propõe-se à liberdade do homem.

É verdade primeiramente para nós: nada nos pode poupar da liberdade, nada se pode enraizar em nós se não for acolhido e conquistado pela liberdade. É uma urgência que sentimos nós em primeiro lugar, como me escreve uma de vocês: “Caríssimo Julián, a três dias dos Exercícios Espirituais, senti o desejo de lhe comunicar por que decidi participar mais uma vez. Não me basta aderir mecanicamente a um aviso. Preciso redescobrir uma razoabilidade que me faça estar ali com a mente e o coração abertos. Num mundo aparentemente tão distante do gesto que fazemos, sinto-os ainda assim como um bem e uma utilidade para mim e para o mundo. Na vida de cada um se joga esta grande partida da relação com o Infinito que, de modo misterioso, atravessa o finito das

⁴ Cf. *Ibidem*.

⁵ Cf. *Ibidem*, p. 47.

nossas vidas e as chama para Si. Abrir-me a isto mudou a perspectiva com que vivo. Como para todo o mundo, a vida para mim não é simples. Descobri, combatendo, na grande graça do caminho que você nos chama a fazer, que a vida é bela não porque esteja tudo em ordem e corra exatamente como eu a imagino. A vida é bela porque em cada dia há uma possibilidade de relação com o Mistério e tudo pode tornar-se um desafio para descobri-lo e receber um ‘a mais’ para mim. O que me liberta da ansiedade e do medo (as verdadeiras doenças deste tempo, que tentam curar com remédios) é ter experimentado que no imprevisto se esconde algo que foi preparado para mim, uma ocasião para aprofundar essa relação com o Mistério. Preciso voltar a ouvir Alguém que me chama pelo nome e preciso que aquilo que começou comigo possa nunca acabar. Por isso sou grato a você, que foi chamado a despertar o nosso olhar e o nosso coração para a atratividade de Jesus e para cada um de nós, apaixonado pelo próprio destino”.

Por outro lado, a quem poderia interessar uma salvação que não fosse livre, uma bem-aventurança de escravos? E que prazer encontraria Deus em ser amado por pessoas que o fizessem por inércia ou obrigação? Não teria custado nada a Deus criar outros seres que cumprissem sua tarefa mecanicamente, como escravos. Bem como poderia ter criado outros astros que girassem mecanicamente. Eles também contribuiriam, diz Péguy, para fazer resplandecer o Seu poder. “Meu poder resplandece sobejamente nas areias do mar e nas estrelas do céu. / Não é minimamente contestado, é conhecido, resplandece sobejamente na criação inanimada. / Resplandece sobejamente no governo, / No acontecimento mesmo do homem.”⁶

Que queria Deus, então? “Na minha criação animada, diz Deus, quis melhor, quis mais. / Infinitamente melhor. Infinitamente mais. Pois eu quis essa liberdade. / Eu *criei* essa mesma liberdade. [...] / Quando provamos uma vez o que é ser amado livremente, as sujeições já não têm gosto algum. / Quando provamos o que é ser amado por homens livres, as prosternações de escravos já nada nos dizem. [...] / Nada mais tem esse peso, nada mais tem esse valor. / É certamente minha maior invenção.”⁷

Portanto, Deus quis algo melhor. Nós também o sabemos: “Quando provamos uma vez o que é ser amado por homens livres, as prosternações de escravos já nada nos dizem”, “as sujeições já não têm gosto algum”. Deus queria alguma coisa de “infinitamente melhor. Infinitamente mais”: ser amado livremente.

⁶ Cf. *Ibidem*.

⁷ Cf. *Ibidem*.

“Perguntai a um pai se o melhor momento / Não é quando os filhos começam a amá-lo como homens, / A ele mesmo como um homem, / Livrentemente, / Gratuitamente, / Perguntai a um pai cujos filhos estão crescendo. // Perguntai a um pai se não há uma hora secreta, / Um momento secreto, / E se porventura não é / Quando seus filhos começam a tornar-se homens, / Livres / E a ele mesmo tratam como a um homem, / Livre, / Amam-no como a um homem, / Livre, / Perguntai a esse pai cujos filhos estão crescendo. // Perguntai a esse pai se não há uma eleição entre todas / E se porventura não é / Precisamente quando cessa a submissão e quando seus filhos feitos homens / O amam, (o tratam), por assim dizer como conhecedores, / De homem para homem, / Livrentemente. / Gratuitamente. O estimam assim. / Perguntai a esse pai se não sabe que nada equivale a / Um olhar de homem que se cruza com um olhar de homem. // Ora, eu sou o pai deles, diz Deus, e conheço a condição do homem. / Fui eu quem a fez. / Não lhes peço muito. Não peço mais do que o seu coração. / Quando tenho o coração, acho bom. Não sou difícil. // Todas as submissões de escravos do mundo não valem um belo olhar de homem livre. / Ou melhor, todas as submissões de escravos do mundo repugnam-me, e eu daria tudo / Por um belo olhar de homem livre.”⁸ Um belo olhar; não talvez a perfeição, mas um belo olhar de homem livre. Conclui Péguy: “Por essa liberdade, por essa gratuidade, sacrifiquei tudo, diz Deus, / Por esse prazer que tenho em ser amado por homens livres, / Livrentemente, / Gratuitamente, / Por verdadeiros homens, viris, adultos, firmes. / Nobres, ternos, mas de uma ternura firme. / Para obter essa liberdade, essa gratuidade, sacrifiquei tudo, / Para criar essa liberdade, essa gratuidade, / Para pôr em jogo essa liberdade, essa gratuidade. // Para ensinar-lhes a liberdade”.⁹

Confirma-o com outras palavras São Gregório de Nissa: “Aquele que criou o homem para fazê-lo participe de seus bens [...] não poderia tê-lo privado do melhor e mais precioso daqueles bens, quero dizer, do dom [...] da liberdade”.¹⁰ Que interesse tem uma salvação que não é livre? Para nós, nenhum. Mas tampouco para Deus. A salvação torna-se interessante para o homem e para Deus somente se for livre. Para Deus, porque quer ser amado por homens livres e não por escravos. Para nós, porque senão não seria uma salvação minha, tua. A liberdade é decisiva para entendermos que a salvação não é uma coisa de servos, uma coisa forçada da qual, no fundo, nos defendemos, mas como pertinente às nossas exigências de

⁸ Cf. *Ibidem*, p. 69-70.

⁹ Cf. *Ibidem*, p. 70.

¹⁰ Gregório de Nissa, *La grande catechesi*. Roma: Città Nuova, 1990, p. 58.

homens. Ao longo da história, vimos aonde leva uma salvação que não seja livre, uma salvação imposta por coação, por hábito ou por medo. As coações humanas vacinaram muita gente contra essa espécie de salvação. E o hábito fez com que, com o tempo, se perdesse o interesse por ela.

Então a grande questão que cada um de nós se deve colocar no início deste nosso gesto é simples: a salvação permaneceu interessante para mim? Não o hábito, não a repetição mecânica de determinados gestos, mas a salvação! Interessa-me ainda como no início, com a mesma intensidade do início? Não é óbvio, como sabemos. O tempo e as vicissitudes da vida não poupam ninguém. Por isso, cada um tem de olhar para a sua própria existência e responder na primeira pessoa.

2. “Cristo fica como que isolado do coração”

Preparando o prefácio do novo livro que reúne os Exercícios da Fraternidade pregados por Dom Giussani, deparei com a preocupação que pesava sobre ele nos primeiros Exercícios, os de 1982, o ano do reconhecimento pontifício. Naquela ocasião, ele expunha à vista de todos que não bastava permanecer passivamente no Movimento para manter o frescor do início, para que o encontro feito continuasse interessante. Tampouco para nós, que tínhamos sido escolhidos e agraciados com um dom tão avassalador como o encontro com Cristo através de Dom Giussani, podia bastar o hábito para conservar aquele início. Dizia, com efeito: “Vocês cresceram: ao mesmo tempo em que asseguraram uma capacidade humana na profissão de vocês, há – possivelmente – como que um distanciamento de Cristo, em comparação com a emoção de tantos anos atrás [não a coerência, mas a emoção de tantos anos atrás], sobretudo de determinadas circunstâncias de tantos anos atrás. Há um distanciamento de Cristo, exceto em determinados momentos [exceto em certas ocasiões]. [...] Exceto quando se põem, digamos assim, a realizar obras em Seu nome, em nome da Igreja ou em nome do Movimento”. Como vemos, Dom Giussani não se tinha deixado confundir por uma possível euforia pelo reconhecimento. “É como se Cristo”, apesar de podermos estar empenhados em tantas coisas, “estivesse distante do coração [...], ou melhor, Cristo fica como que isolado do coração”.¹¹ A simples permanência não bastava para continuar a experimentar a “emoção de tantos anos atrás”, do início.

O ponto chave do juízo de Dom Giussani está em ter entendido que, tornando-nos adultos, estávamos vivendo a vida, com todos os seus em-

¹¹ L. Giussani, *Una strana compagnia*. Milão: Bur, 2017, p. 21-22.

penhos, ainda que justos, de um modo em que “Cristo fica como que isolado do coração”. E, se Cristo fica isolado do coração, mais cedo ou mais tarde deixa de ser interessante. De fato, Cristo é interessante exatamente pela capacidade que tem de fazer vibrar o nosso coração, de lhe corresponder totalmente e de nos fazer entender essa correspondência.

Mas este isolamento entre Cristo e o coração não diz respeito apenas à nossa relação com Ele, mas sim à relação com tudo. O distanciamento entre Cristo e o coração, continua Dom Giussani, gera outro, que se verifica num “último empecilho entre nós – estou falando também de marido e mulher –, [...] o distanciamento entre Cristo e o coração afasta o último aspecto do coração de um do último aspecto do coração do outro, a não ser nas ações comuns (a casa para cuidar, os filhos para criar, etc.)”.¹²

Se o isolamento entre Cristo e o coração diz respeito à relação com tudo, é “porque o coração”, diz logo a seguir, “é como uma pessoa olha para seus filhos, como olha para sua mulher ou seu marido, como olha para um transeunte, como olha para as pessoas da comunidade ou os colegas de trabalho, ou – sobretudo – como se levanta de manhã”.¹³ Ora, se Cristo não tem a ver com a forma como olhamos para a mulher, o marido, o transeunte, os colegas de trabalho, etc., então não tem a ver com a vida, com noventa e nove por cento da vida. Consequentemente, com o tempo, torna-se inútil, perde o interesse.

Por experiência, sabemos bem que Cristo se tornou uma presença interessante para nós porque fez vibrar o nosso coração, fez vibrar de forma diferente o nosso eu diante de tudo (“A realidade torna-se evidente na experiência”,¹⁴ dizia-nos Dom Giussani). Da mesma forma, nós reconhecemos que ela ou ele eram a pessoa com quem queríamos dividir a vida porque faziam vibrar a profundidade do nosso eu. Aquela vibração era apenas um sentimentalismo, ou era antes a possibilidade de descobrir o peso que a sua presença tinha para nós? O mesmo vale para o encontro com Cristo, para o impacto com a Sua presença, na experiência do início.

Para entender como as coisas estão para nós, bastaria que cada um se perguntasse: o que prevalece agora como sentimento da vida? O que eu descubro como fundo último de mim mesmo? Qual é o pensamento dominante? Qual é a música de fundo que prevalece? Porque o homem é uno. E, no final, há apenas um único pensamento – qualquer que seja – que domina, um único sentimento último da vida que prevalece. Todas as

¹² Ibidem, p. 22.

¹³ Ibidem, p. 24.

¹⁴ L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*. Milão: Bur, 2002, p. 143.

análises são inúteis, porque todo o mundo está despido diante da grande pergunta: Cristo permaneceu interessante como da primeira vez?

Basta fazer a comparação com o sobressalto que o início provocou em nós para ver se Cristo continua mais colado ao nosso coração agora do que estava no início, ou se hoje está mais separado, mais isolado do nosso coração em relação ao sobressalto inicial que fez de nós pessoas “tomadas”. Eis a alternativa: tomados ou isolados. Cada vez mais tomados, ou cada vez mais isolados. Não o digo para nos medirmos de forma moralista – não vamos perder tempo com isso! –, mas para nos darmos conta se Ele continuou interessante como no início, para tomarmos consciência do quanto estamos entusiasmados agora em comparação com antes.

3. Um caminho a percorrer

Neste maior ou menor distanciamento entre Cristo e o coração, está em questão a nossa liberdade. A mesma liberdade está em questão na relação com quem tanto aproximou Cristo de nós: Dom Giussani, seu carisma, a herança que recebemos.

Na audiência de 7 de março, o Papa lembrou-nos que “fidelidade ao carisma não quer dizer ‘petrificá-lo’ – é o diabo que ‘petrifica’, não vos esqueçais disto! Fidelidade ao carisma não significa escrevê-lo num pergaminho e colocá-lo numa moldura. A referência à herança que Dom Giussani vos deixou não pode reduzir-se a um museu de lembranças, de decisões tomadas, de normas de conduta. Sem dúvida, exige fidelidade à tradição, mas fidelidade à tradição – dizia Mahler – ‘significa manter aceso o fogo e não adorar as cinzas’. Dom Giussani nunca vos perdoaria se perdésseis a liberdade e se vos transformásseis em guias de museu ou em adoradores de cinzas. Mantende aceso o fogo da memória daquele primeiro encontro e sede livres!”¹⁵

Sem liberdade, a vida de cada um de nós pode transformar-se num museu de recordações dos tempos antigos. Se não existe algo que prevaileça no presente como mais interessante do que todas as recordações, a vida fica bloqueada. Porque todas as recordações, ainda que bonitas, as decisões tomadas, as normas de conduta, não são suficientes para manter vivo o fogo agora. É um caminho que nunca se pode interromper: não se pode viver de renda. Já o escrevia Von Balthasar no início dos anos cinquenta: “Uma verdade que só continua a ser transmitida, sem ser repen-

¹⁵ Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

sada a fundo, perdeu a sua força vital”.¹⁶ E, nos mesmos anos, Guardini confirmava: “Na monotonia do puro prosseguir, nós sufocaremos”.¹⁷

Naquele momento, em 1982, enquanto todos estavam contentes por estar em Rimini celebrando o reconhecimento pontifício da Fraternidade que tinha acabado de acontecer, Dom Giussani não pisou no freio, não se afastou de uma paixão pela vida de cada um de nós. Interessava-lhe que aquele momento, marcado pelo ato de reconhecimento da Santa Sé, fosse a ocasião para tomar consciência de que a nossa vida, ao crescermos, se estava afastando de Cristo. Com que é que Dom Giussani estava preocupado? Com a maturidade da experiência das pessoas da Fraternidade – sobretudo depois do reconhecimento –, uma maturidade que ainda hoje depende exclusivamente do caminho que cada um deve percorrer.

Ele estava bem consciente de que não há fórmulas ou manuais de instrução que possam substituir o movimento da liberdade; ela é indispensável para a realização do caminho até a maturidade, até a verdade de nós mesmos. E dizia: “Como é impressionante pensar que a vida, o tempo, é mudança. Por que razão uma mãe dá uma criança ao mundo e esta vive quarenta anos, cinquenta anos, sessenta anos, oitenta anos, noventa anos? Para que mude! Para que se transforme! Mas que quer dizer mudar? Tornar-se cada vez mais verdadeira, cada vez mais ela mesma”.¹⁸ Como observa Kierkegaard, “eu não conheço [...] realmente a verdade senão quando ela se torna vida em mim”,¹⁹ e é este o sentido da mudança, da transformação. Eis a razão última do apelo de Dom Giussani: que nós nos tornemos cada vez mais verdadeiros, cada vez mais nós mesmos. Tudo, menos moralismo! Mas é uma mudança que não pode acontecer sem nós, sem a nossa liberdade, sem o constante envolvimento de cada um de nós.

Por que Dom Giussani insistia tanto na necessidade de um caminho de amadurecimento? Porque é precisamente no amadurecimento da familiaridade com Cristo que reside a possibilidade de uma plenitude da nossa vida, do nosso tornar-nos nós mesmos. Senão a alienação domina. Mas este amadurecimento, de fato, não é óbvio, não se dá automática-

¹⁶ H. U. von Balthasar, *La percezione dell'amore: Abbattere i bastioni e Solo l'amore è credibile*. Milão: Jaca Book, 2010, p. 13.

¹⁷ R. Guardini, *Natale e capodanno: Pensieri per far chiarezza*. Bréscia: Morcelliana, 1993, p. 38.

¹⁸ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 125.

¹⁹ S. Kierkegaard, “Esercizio del cristianesimo”. In: Idem, *Le grandi opere filosofiche e teologiche*. Milão: Bompiani, 2013, p. 2109, 2111.

mente, simplesmente com o passar do tempo, com o crescer nos anos. Não é óbvio nem mesmo para os que cresceram dentro da experiência do Movimento. É este o motivo por que, em 1982, Dom Giussani dizia: há um “equivoco sobre o que é ‘crescer’ [...]”. Eu não considero, com efeito, que seja uma característica estatisticamente normal que o crescer nos tenha familiarizado com Cristo [...], nos tenha familiarizado mais com a resposta à pergunta com a qual ouvimos a proposta há vinte e cinco anos. Não creio”.²⁰

Não é estatisticamente normal que o crescimento nos tenha familiarizado mais com Cristo! Podemos entender estas palavras como uma repressão que nos incomoda, ou então podemos acolhê-las com uma gratidão sem fim, como o gesto de alguém que quer tanto bem à nossa vida, ao nosso caminho, que usa todas as ocasiões para nos chamar à verdade de nós mesmos, para não nos deixar acabar no nada.

E então surge a pergunta: por que diminuí o interesse, ao ponto de sentirmos Cristo distante do nosso coração? Por que o crescimento não aumentou a familiaridade com Ele? Porque não basta a espontaneidade – sempre nos disse Dom Giussani –, porque crescer não é um processo espontâneo: é preciso um empenho da liberdade, é preciso um caminho, como foi para os apóstolos “a trajetória da convicção”.²¹

Deixemo-nos guiar por Dom Giussani nesta renovada tomada de consciência do caminho que nos espera para um amadurecimento da nossa fé. É necessário um empenho da liberdade, acima de tudo para manter aberta a nossa humanidade: a “abertura última do espírito [...] é algo em que a pessoa deve se empenhar continuamente. Grande é a responsabilidade da educação: aquela capacidade de compreender, de fato, ainda que corresponda à natureza, não é espontânea. Se for tratada como pura espontaneidade, aquela base de sensibilidade de que dispomos originalmente será sufocada; reduzir a religiosidade à pura espontaneidade é a forma mais sutil e definitiva de persegui-la, de exaltar os seus aspectos flutuantes e provisórios, ligados a um sentimentalismo contingente. Se a sensibilidade pela nossa humanidade não for constantemente solicitada e ordenada, nenhum fato, nem mesmo o mais evidente, encontrará uma correspondência. Todos já experimentaram a sensação de obtusa estranheza ante a realidade, que se experimenta quando nos deixamos levar pelas circunstâncias, quando não fizemos nenhum esforço: as coisas, as palavras e os fatos, que antes se nos apre-

²⁰ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 24-25.

²¹ Idem, *Na origem da pretensão cristã*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012, p. 71ss.

sentavam como razões claras, naquela ocasião deixam de fazê-lo, e repentinamente não são mais compreensíveis”.²²

O que capta a correspondência? O nosso coração, a nossa humanidade. Se o nosso coração não estiver desperto, nenhum fato, nem mesmo o de Cristo, poderá mostrar e realizar a sua correspondência a esse coração. E, sem correspondência, prevalece apenas a estranheza. “Como estou só aqui! Meu Deus, como estou só aqui e como me sinto estrangeira! Tudo ao meu redor me é hostil, e não há lugar para mim. Até as coisas ao meu redor, dir-se-ia que não me veem e que eu não estou aqui. [...] A realidade está ausente. A vida verdadeira está ausente.”²³ Não basta que Cristo continue a acontecer, se eu não tiver aquela abertura que me permite dar-me conta disso e não senti-Lo como um estranho, se eu for obtuso ao Seu estar presente. Por isso, sem a liberdade não é possível que a salvação continue a ser interessante. Ressaltar a liberdade é essencial, não é um extra, ainda que isto não signifique, de fato, que na vida posamos dar conta sozinhos. Não! É que sem implicar livremente toda a nossa humanidade, Cristo fica isolado, longe de nós mesmos.

4. “O nosso primeiro perigo é o formalismo”

Qual é a consequência desse isolamento entre o coração e Cristo, dessa obtusa estranheza que às vezes sentimos, mesmo depois de tanto tempo? O formalismo. “Nosso primeiro perigo, portanto, é o formalismo, a repetição de palavras ou a repetição de gestos, sem que palavras e gestos abalem ou, ao menos, ponham em crise, isto é, movam algo em você, iluminem mais o olhar que você dirige a si mesmo, sem que alimentem uma convicção acerca de um valor (porque, por exemplo, ter de se empenhar nas eleições é uma necessidade da sua humanidade, senão falta uma medida à sua humanidade)”.²⁴ Giussani dizia estas coisas no início dos anos oitenta, falando aos responsáveis dos universitários. Mas quanto são atuais, quanto valem também para nós!

O formalismo é uma fé que corre paralela à vida, que se satisfaz com a repetição de palavras e de gestos; é uma adesão que se identifica com a participação em certos momentos ou com o desenvolvimento de determinadas atividades; mas, na medida em que não move algo em nós, fora

²² Ibidem, p. 121.

²³ P. Claudel, *Il pane duro*. In: Idem, *Il pane duro: Destino a mezzogiorno*. Milão: Massimo, 1971, p. 102.

²⁴ L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*. Milão: Bur, 2008, p. 194-195.

daqueles momentos e terminadas aquelas atividades, ficamos diante da vida como todo o mundo, nós também presos na alternativa entre uma “exasperada presunção e o mais tenebroso desespero”.²⁵

Dom Giussani também falava de um “formalismo na adesão à comunidade”. E descrevia-o assim: “Não está tudo bem porque fazemos Escola de Comunidade, não está tudo bem porque participamos da Santa Missa com o padre amigo, não está tudo bem porque fazemos panfletagens ou afixamos um manifesto com juízos. Esta pode ser a formalidade com que pagamos o pedágio à realidade social a que aderimos. Mas quando tudo isto se torna experiência? Quando nos diz algo e move (‘movimento’) algo em nós”.²⁶

E, ainda aos universitários, em 1977, dizia: “O verdadeiro problema é o formalismo da fé. Nós estamos numa época em que a fé está totalmente reduzida a formalismo. [...] Não se parte da consciência de Cristo como minha vida e, por isso, como vida do mundo e, por isso, do mundo como minha vida”.²⁷

Também o grande teólogo ortodoxo Olivier Clément estava consciente disto: “A prática da Igreja muda sem que se note, não como consequência de uma criação consciente, mas por causa de concessões, escleroses, desvios, reinterpretações *a posteriori*, venerações de hábitos de per si contingentes”.²⁸

É um ponto sobre o qual Dom Giussani nunca nos deu tregua. Num texto de 1984, afirma: “Qualquer expressão de um movimento como o nosso, se não faz nascer do íntimo das experiências concretas que se vivem o apelo à memória da presença de Cristo, não serve. Aliás, piora a situação do humano, porque favorece o formalismo e o moralismo. Faria decair o acontecimento entre nós – acontecimento que deveríamos reter com tremor nos olhos e no coração como critério do nosso comportamento mútuo – em refúgio sociológico, em posição social”.²⁹

E no novo livro dos Exercícios da Fraternidade acrescenta: “Então se dá aquele fenômeno graças ao qual, [...] em determinados momentos a nossa alma fermenta, [...] “acorda”, se move, mas depois o olhar para a vida de todos os dias volta a deixar tudo opaco, tudo homogêneo, tudo pesado, tudo delimitado, tudo sufocado. E é como se nunca conjugássemos esses dois momentos de pensamento e de olhar sobre nós mesmos, a não ser de fora, de forma moralista, no sentido em que – dado que temos

²⁵ Idem, *O caminho para a verdade é uma experiência*. São Paulo: Cia Ilimitada, 2006, p. 105.

²⁶ Idem, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 194.

²⁷ Idem, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*. Milão: Bur, 2006, p. 109-110.

²⁸ O. Clément, *La rivolta dello spirito*. Milão: Jaca Book, 1980, p. 82.

²⁹ L. Giussani, “Appendice”. In: Idem, *Alla ricerca del volto umano*. Milão: Jaca Book, 1984, p. 90.

fé – algumas coisas não se podem fazer, outras é preciso fazer. E isto vem de fora, não de dentro: o que fazemos ou não fazemos não é expressão de uma consciência nova (conversão), de uma verdade de nós, mas é como um pedágio pago, tributado a algo de fora, ainda que devota e profundamente reconhecido e estimado. E é o contrário: ou Deus é a vida, ou então é como se ficasse para fora da nossa porta”.³⁰ É a alternativa que se joga em cada momento, em cada circunstância, no início de cada ação, quando começamos a trabalhar ou quando estabelecemos uma relação: ou Deus é a vida, ou é relegado para o lado de fora da porta.

Quando sucumbimos a esta separação (entre Deus e a vida, entre a presença de Cristo e a vida, entre a fé e a vida), as nossas tarefas tornam-se um mero apêndice da nossa existência, algo de estranho ao nosso coração. Ressalta-o o Papa na *Evangelii gaudium*: “Hoje nota-se em muitos [...] uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e de relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade. Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização. Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores, não obstante rezem, uma acentuação do *individualismo*, uma *crise de identidade* e um *declínio do fervor*”.³¹

As atividades sem espírito não são desejáveis, tudo se desgasta. É novamente o Papa Francisco quem descreve o resultado da separação entre a fé e a ação: um ativismo cansativo. “O problema não está sempre no excesso de atividades, mas sobretudo nas atividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável. Daí que as obrigações cansem mais do que é razoável, e às vezes façam adoecer. Não se trata de uma fadiga serena, mas tensa, pesada, desagradável e, em definitivo, não assumida.”³²

Qual é a consequência de tudo isto? “Assim se gera a maior ameaça, que ‘é o pragmatismo cinzento da vida quotidiana da Igreja, no qual aparentemente tudo procede dentro da normalidade, mas na realidade a fé vai-se deteriorando e degenerando na mesquinhez’. Desenvolve-se a psicologia do túmulo, que pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu. Desiludidos com a Igreja, com a realidade ou consigo mesmos, vivem constantemente tentados a apegar-se a uma tristeza melosa, sem

³⁰ Idem, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 194-195.

³¹ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, §78.

³² Ibidem, §82.

esperança, que se apodera do coração como ‘o mais precioso elixir do demônio’. Chamados a iluminar e a comunicar vida, acabam por se deixar cativar por coisas que só geram escuridão e cansaço interior, e que corroem o dinamismo apostólico. Por tudo isto, permito-me insistir: não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!”³³

5. O fundo do problema: “Estamos separados do fundamento humano”

Quando Cristo fica isolado do coração e não se revela como interessante para a nossa vida, o cristianismo cristaliza-se em doutrina. Se Cristo não é reconhecido como minha necessidade, se não é descoberto por mim como essencial para a plenitude dos meus dias, como a Presença de que não posso abrir mão para viver – porque tenho um desejo que nada mais pode satisfazer –, o cristianismo passa a ser, no máximo, como o nobre pretexto para um envolvimento social ou religioso, do qual esperarei uma realização – ou uma satisfação – que nunca há de chegar. Por isso é necessário não se equivocar a respeito da natureza do coração, do alcance do nosso desejo, da nossa necessidade, e não nos iludir de que podemos preenchê-lo com algo diferente da Sua presença. Cristo, com efeito, torna-se estranho quando o nosso coração se torna estranho a nós mesmos.

Dom Giussani identificou com clareza qual é o núcleo da questão que o Papa tão bem descreveu e devido à qual acabamos na estranheza por Cristo e por nós mesmos. “Nós cristãos [dizia em Chieti em 1985] no clima moderno fomos separados não diretamente das fórmulas cristãs [podemos sabê-las de cor], não diretamente dos ritos cristãos [podemos continuar a repeti-los], não diretamente das leis do decálogo cristão [podemos continuar a ser fiéis a eles]. Fomos separados do fundamento humano, do senso religioso. Temos uma fé que já não é religiosidade [...], que já não responde como deveria ao sentimento religioso”. Por isso temos uma fé “não consciente, uma fé que já não é inteligente de si mesma. Dizia o meu velho autor Reinhold Niebuhr: ‘Nada é tão inacreditável como a resposta a um problema que não se põe’. Cristo é a resposta ao problema, à sede e à fome que o homem tem da verdade, da felicidade, da beleza e do amor, da justiça, do significado último”.³⁴

A fé perde interesse, esvazia-se, em proporção ao quanto nos afastamos ou nos deixamos afastar do fundamento humano. Por isso Cristo começa

³³ Ibidem, §83.

³⁴ L. Giussani, *La coscienza religiosa nell'uomo moderno*, 21 de novembro de 1985. In: *Quaderni del Centro Culturale “Jacques Maritain”*. Chieti, jan. 1986, p. 15.

a afastar-se, e com Ele os outros e toda a realidade, e as coisas que fazemos começam a tornar-se um pedágio que temos de pagar. Como diz Tolstói: “Sentia que me escapava o que me era indispensável para viver”.³⁵

A obliteração de Cristo hoje – na nossa sociedade ocidental – não passa primeiramente pela contestação explícita e frontal de Cristo, mas pela redução do humano, dos desejos e das necessidades do homem, pela censura da nossa sede, ou seja, da nossa pobreza original. Cristo torna-se assim um mero nome (já repetimos isto muitas vezes), e o cristianismo transforma-se numa matriz cultural e no pretexto para um apelo ético.

Podemos detectar nisto uma influência do Iluminismo sobre nós. “Verdades históricas casuais não podem nunca tornar-se a prova de verdades racionais necessárias”,³⁶ dizia Lessing. E Kant acrescentava: “Uma fé histórica, fundada unicamente em fatos, só pode alargar a sua influência até onde conseguem chegar, segundo circunstâncias de tempo e lugar, os relatos relacionados com a capacidade de julgar a sua credibilidade”.³⁷ Também nós achamos que podemos conhecer, podemos mudar, elaborar uma concepção e uma prática eficazes independentemente da realidade de Cristo, isto é, acreditamos que podíamos passar sem o Fato, sem a presença histórica e carnal de Cristo, que se torna experimentável na Igreja.

Mas, como Dom Giussani nos disse – e repetimos nos Exercícios do ano passado –, é uma “história particular [...] o ponto chave da concepção cristã do homem, da sua moralidade, em sua relação com Deus, com a vida, com o mundo”.³⁸ Quer dizer, só no seio da história particular gerada por Cristo, só através da experiência de Cristo no coração de cada um de nós, é que pode emergir e pode manter-se viva no tempo uma concepção verdadeira do homem, a possibilidade de uma moralidade. É o acontecimento de Cristo, o encontro histórico com a Sua presença, tanto agora como então, que torna possível o escancaramento de uma verdade completa sobre o homem e o caminho até ela.

Vamos ouvir como Dom Giussani descreveu a ocorrência pontual, precisa, desta história particular em sua vida: “Se eu não tivesse encontrado monsenhor Gaetano Corti no primeiro ano do liceu; se não tivesse assistido às poucas aulas de italiano do monsenhor Giovanni Colombo, que depois foi cardeal de Milão; se não tivesse encontrado

³⁵ L. Tolstói, *La confessione*. Milão: SE, 2000, p. 81.

³⁶ G. E. Lessing, “Sul cosiddetto ‘argomento dello spirito e della forza’”. In: Idem, *La religione dell’umanità*. Roma; Bari: Laterza, 1991, p. 68.

³⁷ I. Kant, *A religião nos limites da simples razão*. Lisboa: Edições 70, 1992, p. 108.

³⁸ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, 1998, p. 82.

jovens que, diante do que eu sentia, arregalavam os olhos como se diante de uma surpresa tão inconcebível quanto bem-vinda; se não tivesse começado a encontrar-me com eles; se não tivesse encontrado cada vez mais gente que se envolvia comigo; se não tivesse tido esta companhia; se você não tivesse tido esta companhia, Cristo, para mim assim como para você, teria sido uma palavra-objeto de frases teológicas ou, na melhor das hipóteses, um apelo a uma afetividade ‘piedosa’, genérica e confusa, que se estabeleceria apenas no temor dos pecados, ou seja, num moralismo”³⁹.

Mas – voltando ao tema deixado em aberto –, para fugir à cristalização do cristianismo em doutrina (frases teológicas) ou à sua redução a ética (moralismo), é necessário um parto; ou seja, é necessário que Cristo não se acrescente à nossa existência a partir de fora, de forma moralista, permanecendo em última instância estranho ao nosso coração, mas que se coloque na raiz da nossa consciência e da nossa ação; de forma a que a evidência da Sua presença jorre do interior da vida enfrentada na relação com Ele, à luz da ligação com a Sua presença, como afirmava Mounier neste texto lido e comentado por Dom Giussani nos Exercícios da Fraternidade de 1989: “‘É da terra, da solidez [a terra ou solidez é o conjunto de condições nas quais se encarna a vida: a roupa, a voz que tenho, os olhos que me servem até certo ponto] que deriva necessariamente um parto cheio de alegria [ou de grito, mas é o grito da letícia por aquilo que nasce], o sentimento paciente da obra que cresce [o que nasce cresce, organiza-se, torna-se um corpo, um caminho, uma história cheia de paciência], das etapas que se sucedem [as etapas da história], esperadas com calma, com segurança [segurança porque Ele está aqui]. É preciso sofrer para que a verdade não se cristalice em doutrina.’ Tudo é sofrimento: parto, paciência, uma etapa depois da outra que não vem logo, o sacrifício supremo da segurança, ou seja, da certeza de um Outro. É sofrimento para que o fato que está entre nós, Cristo, não seja um exemplo ou um conjunto de valores morais, mas nasça da carne. É preciso sofrer: aderir ao modo com que essa presença está entre nós. De resto, Cristo ressuscitou mas passou pela morte. Na oração do *Angelus*, pedimos a Deus que nós, que conhecemos a encarnação de Seu filho Jesus Cristo, por sua morte e ressurreição sejamos conduzidos à experiência de Sua glória, à mudança da vida e do mundo. Aderir a Cristo, fazê-lo penetrar na nossa carne, significa olhar, conceber, sentir, julgar, avaliar, procurar tratar a nós mesmos e às coisas com a memória

³⁹ L. Giussani, *Qui e ora. 1984-1985*. Milão: Bur, 2009, p. 209-210.

da sua presença, com a sua presença nos olhos. [...] Desta memória deriva toda a moral. Não fica abolido nem sequer um jota da lei, mas a sua presença lhe dá o fundamento”.⁴⁰

Como disse o Papa Francisco na Quinta-feira Santa, “nunca a verdade do *lieto Annuncio* poderá ser apenas uma verdade abstrata, daquelas que não se encarnam plenamente na vida”.⁴¹

Escreveu-me uma professora: “Participando de um gesto dos Colegiais, eu estava almoçando com alguns dos meninos. Perguntei ao garoto que estava à minha frente como se chamava, quantos anos tinha e que escola frequentava. ‘Dezesseis anos, terceiro colegial’. Depois lhe fiz outras perguntas. E ele, com um tom de voz desprovido de qualquer vibração, respondeu-me: ‘Sim, estou contente, concordo com tudo o que ouvi, mas para mim não são coisas novas, já as conheço, já as ouvi do padre da minha comunidade com quem me encontro já faz três anos. Para mim é um aprofundamento’. O ‘dar por óbvio’ feito carne estava ali, na minha frente! Eu me senti bloqueada nessa conversa. Sentia uma vontade terrível de me esquivar. Mas no fundo, no fundo, realmente no fundo, impossível até de pensar, estava agradecida a ele, pois me tornava consciente de mim, do meu desejo. Essa ferida me pôs de joelhos: sem Ti, sem Ti, Cristo, aqui, agora, presente, eu não sou nada, perco a minha humanidade, o meu eu. Nos detalhes banais de um almoço ‘sem graça’, pude descobrir a exigência fundamental, a necessidade essencial da minha existência: dar-me conta de que Tu existes. Até pouco tempo atrás, eu não teria sequer registado um fato desse tipo, ou ele me teria provocado apenas um breve sofrimento, quase um incômodo. Que gratidão imensa por Dom Giussani, que me introduziu num caminho em que nada, nada mesmo, pode ser esquecido ou excluído!”

Estas linhas demonstram o quanto precisamos da pobreza – ao ponto de nos pormos de joelhos para pedi-la – a que nos exorta o Papa na carta que nos mandou (para nos agradecer a oferta que lhe demos depois da peregrinação do Jubileu) e que amanhã vou retomar. Tudo fica chato, tudo fica óbvio, sem a consciência da nossa pobreza, da nossa necessidade, sem o empenho da nossa liberdade. Como Péguy tem razão! Se não nos tornarmos seus protagonistas, como ele afirma, a salvação não será interessante para nós.

⁴⁰ Idem, *É preciso sofrer para que a verdade não se cristalize em doutrina, mas nasça da carne*. Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Rímimi, 1989, p. 24.

⁴¹ Francisco, *Homilia na Santa Missa Crismal*, 13 de abril de 2017.

6. “Do lado do sepulcro ou do lado de Jesus”

O Papa disse ainda, na homília da Páscoa: “Pensemos um pouco, cada um pense, nos problemas diários, nas doenças que vivemos ou que um dos nossos parentes sofre; pensemos nas guerras, nas tragédias humanas e, simplesmente, com voz humilde, sem floreios, sozinhos, diante de Deus, diante de nós, digamos: ‘Não sei como vai isto, mas estou certo de que Cristo ressuscitou e aposto nisto’”.⁴²

Com Cristo podemos enfrentar qualquer situação em que possamos vir a estar. E nisto consiste também a nossa verificação. Não estamos condenados à cristalização e à aridez, mas, uma vez mais, para realizar esta verificação é necessária a nossa liberdade. Temos de decidir de que lado estamos.

O Papa Francisco disse isto de forma clara e comovente em Carpi, no último dia 2 de abril. Falava às vítimas do terremoto na Emília, mas seu apelo é válido para nós aqui, hoje: “Analisemos [...] o último dos sinais milagrosos que Jesus realiza antes da sua Páscoa, no sepulcro do seu amigo Lázaro. [...] Em volta deste sepulcro, acontece portanto um grande *encontro-desencontro*. *Por um lado há a grande desilusão*, a precariedade da nossa vida mortal que, atravessada pela angústia e pela morte, experimenta com frequência a derrota, uma obscuridade interior que parece insuperável. A nossa alma, criada para a vida, sofre sentindo que a sua sede de bem eterno é oprimida por um mal antigo e obscuro. Por um lado há esta derrota do sepulcro. Mas *por outro* há a esperança que vence a morte e o mal e tem um nome: a esperança chama-se Jesus. [...] Amados irmãos e irmãs, também nós somos convidados a decidir de que parte estar. Podemos estar *do lado do sepulcro* ou *do lado de Jesus*. Há quem se deixa dominar pela tristeza e quem se abre à esperança. Há quem permanece vítima dos destroços da vida e quem, como vós, com a ajuda de Deus, remove os destroços e reconstrói com esperança paciente. Face aos grandes ‘porquês’ da vida, temos dois percursos: ficar olhando melancolicamente para os sepulcros de ontem e de hoje, ou deixar que Jesus se aproxime dos nossos sepulcros. Sim, porque cada um de nós já tem um pequeno sepulcro, alguma parte um pouco morta dentro do coração: uma ferida, uma injustiça suportada ou cometida, um rancor que não dá trégua, um remorso que vai e volta, um pecado que não se consegue

⁴² Francisco, *Homília na Santa Missa do Domingo de Páscoa na Ressurreição do Senhor*, 16 de abril de 2017.

superar. [...] Sentimos então dirigidas a cada um de nós as palavras de Jesus a Lázaro: ‘Sai!’; sai do engarrafamento da tristeza sem esperança; desata as ataduras do medo que impedem o caminho; aos laços das debilidades e das preocupações que te bloqueiam [...]. Seguindo Jesus aprendamos a não atar as nossas vidas em volta dos problemas que se emaranham: haverá sempre problemas, sempre, e quando resolvemos um, imediatamente chega outro. Mas podemos encontrar uma *nova estabilidade*, e esta estabilidade é precisamente Jesus, esta estabilidade chama-se Jesus [...]. E mesmo se os pesos não faltarão, haverá sempre a sua mão que alivia”.⁴³

E na noite de Páscoa o Papa afirmou: “Com a Ressurreição, Cristo não lançou por terra apenas a pedra do sepulcro, mas quer fazer saltar também todas as barreiras que nos fecham nos nossos pessimismos estéreis, nos nossos mundos conceituais bem calculados que nos afastam da vida, nas nossas obcecadas buscas de segurança e nas ambições desmesuradas capazes de jogar com a dignidade alheia. [...] Deus irrompe para subverter todos os critérios e, assim, oferecer uma nova oportunidade. [...] Alegra-te, porque a tua vida esconde um germe de ressurreição, uma oferta de vida que aguarda o despertar. Eis o que esta noite nos chama a anunciar: o palpitar do Ressuscitado, Cristo vive! [...] Vamos e deixemo-nos surpreender por esta alvorada diferente, deixemo-nos surpreender pela novidade que só Cristo pode dar. Deixemos que a sua ternura e o seu amor movam os nossos passos, deixemos que o pulsar do seu coração transforme o nosso tênue palpitar”.⁴⁴

Por isso estamos juntos nestes dias: para nos apoiar, para nos chamar a atenção uns aos outros, com o nosso testemunho, brandindo a nossa liberdade, para nos deixar surpreender e abraçar pela Sua presença, a fim de não sucumbirmos no nosso sepulcro, como diz o Papa. “Somos convidados a decidir de que parte estar. Podemos estar *do lado do sepulcro* ou *do lado de Jesus*.”

Peço a todos que respeitem o silêncio, justamente para nos ajudarmos a estar do lado de Jesus. Não devemos achar que já o sabemos. Se não nos ajudarmos a que o silêncio seja pleno e não algo de mecânico, cheio da inclinação para reconhecer a Sua presença, se não nos exercitarmos a fazer silêncio, estes não serão “exercícios” espirituais para nós. Também o silêncio deve nascer da carne para se tornar meu.

⁴³ Idem, *Homilia em Carpi*, 2 de abril de 2017.

⁴⁴ Idem, *Homilia na Vigília Pascal da Noite Santa*, 15 de abril de 2017.

Este ano pensamos em dedicar uma parte do silêncio que pedimos na entrada no salão para retomar algumas canções da nossa história. A proposta que fazemos nasce do desejo de não dar por óbvio o dom que é cantarmos juntos. Desejamos que cada um de nós – e portanto as nossas comunidades – possa redescobrir o gosto, a beleza e a força educativa de cantarmos juntos.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 5,34-42; Sl 26; Jo 6,1-15

HOMILIA DE PE. STEFANO ALBERTO

“Jesus retirou-se de novo, sozinho, para o monte” (Jo 6,15). Que é este retirar-se? Uma fuga da realidade? Uma humilde ocultação? Jesus acabara de realizar o mais espetacular de seus milagres, alimentando milhares de pessoas. Apenas a ressurreição de Lázaro é que vai superar este sinal em notoriedade e evidência inequívoca do poder divino daquele Homem. Mas Cristo neste momento, sobre o monte, preocupa-se primeiramente com a liberdade dos seus, já posta à prova naquele dia perante aquela multidão imensa. Sabe que no dia seguinte haverá uma prova ainda maior, quando dirá na sinagoga: “Não vos darei de comer do pão que perece, mas o meu corpo e o meu sangue” (cf. Jo 6,51). E os que agora O estão buscando entusiasmados para fazê-Lo rei, para reconhecer-Lhe um consenso social, até mesmo político, foram todos embora escandalizados. “Vós também que-reis ir embora?”, perguntará aos seus. Pedro responderá: “Não. A quem iremos? Só tu tens palavras que dão sentido à vida”. E Jesus lhe dirá: “Não foi a tua humanidade quem te revelou isso, mas o Pai”.

E agora começamos a ver o sentido profundo desse “retirar-se, sozinho”. Na última ceia, no último discurso aos seus, dirá: “Eu não estou só” (Jo 16,32). “Só”, para Ele, quer dizer estar sempre com o Pai; quer dizer reconhecer como raiz e consistência da Sua humanidade a relação contínua com o Pai. É assim que a liberdade de Cristo, a obediência do homem Jesus ao Pai enraíza a liberdade dos seus, a liberdade de Pedro que lealmente lhe dirá: “Tu somente és o sentido completo da minha vida” (cf. Jo 6,68). A liberdade de Cristo, a paixão de Cristo por cada um de nós, da qual Carrón nos falou esta noite na Introdução com uma pergunta: qual é o sentimento dominante agora na minha vida? Qual é o amor mais caro agora, neste momento? Os apóstolos deixaram-se vencer, agarrar, levar para dentro desse amor de Cristo pelo Pai e n’Ele pelo destino do homem.

Peçamos à Sua mãe Maria que nos deixe ser agarrados de novo, profunda e totalmente, um a um, cada um de nós por Ele.

Sábado, 29 de abril, manhã

Na entrada e na saída:

Ludwig van Beethoven, Sinfonia n. 7 em lá maior, op. 92

Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker

“Spirto Gentil” n. 3, Deutsche Grammophon

Pe. Pino. Se eu estiver presente, se estiver consciente, sei que estou aqui para me tornar eu mesmo e que este dia pode tornar-me mais eu mesmo. Mas eu sou uma ânfora vazia, uma ânfora fazia na fonte. Tu respondes ao meu grito.

Angelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

“Bem-aventurados os pobres no espírito”

Gostaria de começar pela carta que o Papa Francisco nos enviou para nos agradecer as ofertas recolhidas durante as peregrinações do Jubileu da Misericórdia e entregues a ele. Como todos lemos, o Papa aproveitou essa ocasião para nos dar algumas sugestões para o nosso caminho no presente da Igreja e do mundo. Com certeza não podemos deixar passar uma carta endereçada a nós pelo Santo Padre sem tentar compreender toda a sua amplitude. Por isso, aproveitamos o gesto mais importante do nosso Movimento, os Exercícios da Fraternidade, para continuar a aprofundar seu conteúdo.

O Papa faz questão de nos comunicar que grande motivo de consolo foi para seu coração o fato de que “tantas pessoas tomaram o caminho da misericórdia no espírito da partilha com os necessitados”,⁴⁵ ou seja, que durante o Ano Santo não tenhamos esquecido as pessoas necessitadas.

A gratidão por esta nossa experiência de partilha propiciou-lhe a ocasião de nos lembrar que “os pobres [...] remetem-nos para o essencial da

⁴⁵ Francisco, *Carta a Julián Carrón*, 30 de novembro de 2016.

vida cristã”.⁴⁶ A radicalidade deste chamado de atenção mostra-se na citação de Santo Agostinho que se encontra na carta: “Há pessoas que mais facilmente distribuem todos os seus bens pelos pobres, em vez de tornarem-se elas mesmas pobres em Deus”. O sentido desta frase é explicado pelo próprio Santo Agostinho, que fala dos que são “ricos por si mesmos e não pobres de Deus; têm de sobra em si mesmos, e não sentem falta de Deus”⁴⁷ e cita São Paulo: “Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos pobres, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria”.⁴⁸

Em sintonia com estes pensamentos, o Papa Francisco indica-nos ao que nos quer chamar: “Esta pobreza é necessária porque descreve o que temos verdadeiramente no coração: a necessidade d’Ele”.⁴⁹

Portanto, nossa pobreza é tão profunda que é necessidade d’Ele, necessidade de Deus. O pobre, lembra-nos Dom Giussani, é todo espera: “Vejam se isto não é realmente a descrição do pobre pobre pobre, do pobre que anda pela rua: espera que lhe deem o que vai permitir que ele viva o momento seguinte, que ele prolongue seu caminho; toda a sua pessoa está nessa espera, mas é sem nenhuma pretensão, não tem nada em que apoiar sua pretensão; por isso está totalmente no momento, todo”.⁵⁰

Então o primeiro passo do nosso trabalho nestes dias, seguindo o Papa Francisco, é redescobrir a nossa pobreza constitutiva, a nossa real necessidade. Pôr em foco a pobreza, diz ainda o Papa na carta, “não é um programa liberal, mas um programa radical, porque significa um regresso às raízes”.⁵¹

Tentemos dar-nos conta desta pobreza.

1. A natureza da necessidade do coração

A pobreza é o reconhecimento da necessidade de que é feito o nosso coração. “O pobre de espírito é a pessoa que não tem nada exceto uma coisa pela qual e da qual é feita, vale dizer, uma aspiração sem fim [...]: uma

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ Santo Agostinho, “Salmo 71, §3”. In: Idem, *Comentário aos salmos*. São Paulo: Paulus, 1997, v. 2. (Coleção Patrística, 9).

⁴⁸ Cf. 1Cor 13,3. Apud ibidem.

⁴⁹ Francisco, *Carta a Julián Carrón*, 30 de novembro de 2016.

⁵⁰ ARQUIVO HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO ECLESIAL MEMORES DOMINI, Milão (ASAEMD), *Registro audiovisual*, OR.AUDIO/1458, Encontro da casa, Gudo Gambaredo (MI), 23 de março de 1970; transcrição da gravação.

⁵¹ Francisco, *Carta a Julián Carrón*, 30 de novembro de 2016.

espera sem limites. Não é uma espera sem limites porque é sem fim o acúmulo de coisas que ela espera; não, não espera nada, mas vive uma abertura sem limites – e não espera nada! –. Como diz uma poesia de Clemente Rebora [...]: “Não espero ninguém...”, e no entanto tende completamente. [...] Esta é a originalidade do homem”.⁵² ser espera. O homem tende completamente a algo além, além de todo limite, que não sabe definir.

Parece a descoberta da pólvora, algo já sabido. Mas, como veremos, é o próprio achar que já sabemos o que nos pode levar de maneira absolutamente rápida ao formalismo. O verdadeiro desafio que temos, então, é como descobrir sempre e de novo quem somos, a natureza da nossa necessidade, a partir do íntimo das coisas concretas que vivemos, para evitar sucumbir ao formalismo ou ao moralismo. Dom Giussani traçou-nos o caminho, e segui-lo depende da nossa abertura: “Uma definição”, ele diz, “deve dar forma a uma conquista já obtida, caso contrário não passaria da imposição de um esquema”⁵³ ou de uma repetição formal que se torna doutrina. Se isto é importante para todos, é primeiramente para nós. Agora. Neste nosso tempo.

O coração não é uma premissa teórica, mas existencial. Quer dizer, está em ação, mas deve ser trazido à tona e reconhecido em sua natureza. Isto facilita o encontro com todos a partir da experiência, num momento em que uma definição compartilhada do homem fracassou, como constatamos nas discussões de todo dia.

A natureza do coração não é uma definição já conhecida, que podemos contentar-nos em repetir – cristalizando-a assim numa doutrina abstrata – e que não move nenhuma parte do nosso eu. Quantos de nós já não sabem o discurso correto sobre o coração, mas todos vemos que não basta “sabê-lo” para que o nosso desejo se desperte constantemente. Embora conheçamos a definição, podemos transcorrer dias inteiros vazios, cheios de esquecimento, sem sentir “a necessidade d’Ele”. Por outro lado, existencialmente, está sempre à espreita a possibilidade de viver conforme uma imagem reduzida do coração. Portanto, temos um caminho a fazer para poder descobrir, a partir de dentro da nossa experiência, a humanidade que está em nós.

De que caminho se trata? A que somos chamados? “Devemos, primeiramente, abrir-nos a nós mesmos”, adverte-nos Dom Giussani, “ou seja, tomar consciência vivamente das nossas experiências, olhar com simpatia o humano que está em nós, devemos levar em consideração o que verda-

⁵² L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 298.

⁵³ Idem, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 90.

deiramente somos. Considerar quer dizer levar a sério tudo o que experimentamos, *tudo*, colher *todos* os aspectos, buscar *tudo* o seu significado.”⁵⁴ Esta simpatia pelo humano, por tudo o que vibra em nós, é tão crucial, tão “radical”, que sem ela não podemos entender nada de todo o resto.

Dom Giussani contou-nos o momento em que, na sua experiência de jovem seminarista, se deu conta daquela falta constitutiva que caracterizava a sua humanidade, ou seja, da natureza do seu coração. Tomou consciência a partir do íntimo dos eventos concretos que vivia. Identifiquemo-nos com sua experiência: “Naquele primeiro ano do liceu, naquele timbre de voz eu tinha percebido o arrepio de algo que faltava, não ao bellissimo canto da romanza de Donizetti, mas à minha vida: havia algo que faltava e não encontraria apoio, completude, resposta, satisfação em parte alguma. Porém o coração exige uma resposta, vive somente por ela”. É um ponto capital, que permite julgar tudo o que vem ao nosso encontro. Por isso Giussani ressalta: “Se não se parte disto, não se consegue entender nada do resto”.⁵⁵ Quando nos desorientamos ou não entendemos, é porque não partimos desta exigência, e então tudo se torna uma abstração, permanecem apenas frases repetidas.

Dom Giussani estava bem consciente de que não é óbvio partir da experiência, do que realmente vivemos. Ele nos convida, por isso, a prestar muita atenção: “Muito facilmente não partimos da nossa experiência verdadeira, isto é, da experiência completa e genuína. De fato, muitas vezes identificamos a experiência com impressões parciais [...]. E mais frequentemente ainda confundimos a experiência com preconceitos ou esquemas, talvez inconscientemente assimilados do ambiente”. Como constatamos frequentemente, a mentalidade que nos circunda e penetra também em nós “não considera nem mesmo as nossas necessidades verdadeiras, tampouco sabem o que são”.⁵⁶

Como evitar deter-se em impressões parciais? Dom Giussani sintetiza o percurso: “Observar a experiência com olhos abertos, e aceitar o humano em tudo quanto ele exige”. Senão acabamos por oscilar “entre essa exasperada presunção” de resolver as nossas necessidades e “o mais tenebroso desespero”⁵⁷ quando nos damos conta de que não conseguimos.

⁵⁴ Idem, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., p. 104.

⁵⁵ Idem, “Quel che cerchi c’è”. In: *Spirto Gentil: Un invito all’ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*. Organização de S. Chierici e S. Giampaolo. Milão: Bur, 2011, p. 12.

⁵⁶ Idem, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., p. 104-105.

⁵⁷ Ibidem, p. 105.

Portanto, a questão é descobrir as necessidades verdadeiras que nos constituem. Mas, para fazê-lo, é preciso um comprometimento com a nossa experiência, que implica o exercício daquela liberdade de que fala Péguy. Nossas necessidades verdadeiras, com efeito, emergem na experiência (“do íntimo das experiências concretas que se vivem”,⁵⁸ como dizia Dom Giussani): só nela vem à tona o que o nosso coração realmente deseja. Ou melhor, o humano só é provocado a sair ao ar livre, com todas as suas exigências, na relação com a realidade, diante de algo que acontece. Sem a provocação do real, cada um poderia interpretar a seu bel-prazer o que o coração quer, identificando-o com esta ou aquela imagem – que pontualmente será desmentida assim que for submetida à verificação –. É a experiência, enfim, que nos mostra quais são as nossas autênticas necessidades. E a experiência, como sempre dissemos, não é um puro provar. As exigências que me constituem vêm para a minha consciência quando estou empenhado com o que provo: elas, observa Dom Giussani, florescem em mim diante do que experimento. É só neste ponto que provar se torna experiência.⁵⁹

“Trinta anos atrás”, notava Dom Giussani, “quando estava começando a dizer estas coisas, não acreditava que depois de trinta anos teria de repeti-las tantas vezes para fazer entendê-las aos que há dez anos já percorrem o caminho! Porque leem [atenção!], acreditam que as entenderam, seguem em frente e não são sérios com as palavras que usam, ou seja, não são sérios com a realidade que as palavras indicam”.⁶⁰ Como veem, o formalismo está sempre à espreita.

Mas a realidade é teimosa e volta sempre de novo a bater à nossa porta com suas provocações. Por isso, nem quem tem uma definição reduzida de si pode impedir que venha à tona na experiência o tecido autêntico de seu coração. As ideologias são fracas demais em comparação com a imponência do real, que se evidencia na experiência.

Quais são os sinais com que o coração do homem se revela em sua natureza? Um deles é o tédio de que fala Moravia, tantas vezes mal interpretado, e que ele adverte como o sintoma da insuficiência do real: “O meu tédio poderia ser definido como uma doença dos objetos, consistindo num murchamento ou perda de vitalidade quase repentina; como ver em poucos segundos, por transformações sucessivas e velozes, uma

⁵⁸ Ver aqui, p. 15.

⁵⁹ “O homem é educado pela experiência, não pelo que prova” (L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?* Milão: Bur, 2011, p. 82).

⁶⁰ Idem, *Si può (veramente?) vivere così?*, op. cit., p. 83.

flor passar do botão ao murchamento e ao pó. [...] O tédio, para mim, é propriamente uma espécie de insuficiência ou inadequação ou escassez da realidade. [...] O sentimento do tédio nasce em mim do sentimento de absurdidade de uma realidade [...] insuficiente, ou seja, incapaz de persuadir-me da própria e efetiva existência”.⁶¹ O que Moravia não diz é que nós só podemos fazer experiência da insuficiência do real e, portanto, do tédio por causa da natureza infinita do nosso desejo. Os cães, com efeito, não se entediam. É Leopardi quem capta bem a questão: tudo se revela “miseró e pequeno diante de nossa alma”, isto é, em relação à infinitude do nosso desejo. “Padecer angústia e vazio e, portanto, tédio”, é por isso o “maior sinal da magnitude”⁶² da natureza humana.

Outro sinal é a nostalgia, o sentido angustiante de algo que nos falta e que não conseguimos definir. “Sempre jogaram na minha cara”, escreve Ernesto Sabato, “a minha necessidade de absolutos, que aliás aparece nas minhas personagens. Esta necessidade atravessa como um rio a minha vida, como uma nostalgia, melhor dizendo, de algo que eu nunca alcançaria. [...] Eu nunca pude acalmar a minha nostalgia, domesticá-la, dizendo-me que aquela harmonia foi um tempo na infância; quem me dera tivesse sido, mas não. [...] A nostalgia é para mim uma saudade nunca satisfeita, o lugar aonde nunca pude chegar. Mas é o que queríamos ter sido, o nosso desejo. Tanto é verdade que não se chega a vivê-lo, que se poderia até acreditar que está fora da natureza, não fosse que qualquer ser humano traz em si essa esperança de ser, esse sentimento de que algo nos falta. A nostalgia desse absoluto é como um pano de fundo, invisível, incognoscível, mas com o qual medimos toda a vida”.⁶³

Essa “saudade nunca satisfeita” revela-nos o tecido do coração, faz-nos entender a natureza da nossa pobreza, faz-nos conhecer a profundidade da nossa necessidade. Nós trazemos conosco esta incolmável nostalgia como um pano de fundo invisível, incognoscível, mas real, com o qual medimos toda a vida. Como diz Andrei Tarkóvski, “tudo o que somos levamos conosco na viagem. Levamos conosco a casa da nossa alma, como faz uma tartaruga com seu casco”.⁶⁴ Há em nós uma nostalgia de algo além que não podemos domesticar, que se entrelaça

⁶¹ A. Moravia, *La noia*. Milão: Bompiani, 1992, p. 7-8.

⁶² G. Leopardi, “Pensamentos”. In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 497 (LXVIII).

⁶³ E. Sabato, *España en los diarios de mi vejez*. Barcelona: Seix Barral, 2004, p. 178-179.

⁶⁴ As palavras de Andrei Tarkóvski (1932-1986) provêm de uma entrevista originariamente publicada em sueco: cf. A. Tarkóvski, “Att resa i sitt inre. Samtal med Tarkóvskij”, entrevista a Gideon Bachmann, *Chaplin*, n. 193, set. 1984, p. 158-163.

a uma implacável insatisfação, que ninguém enfim consegue esconder. Escreve-o Pavese: “Todos os homens têm um câncer que os vai roendo [...]: sua insatisfação; o ponto de choque entre o seu ser real, de carne e osso, e a infinita complexidade da vida. E todos, antes ou depois, se dão conta disso”.⁶⁵

São estes alguns dos indícios – poderíamos oferecer outros tantos – que comprovam a feitura original do coração. E tudo o que vivemos, as circunstâncias, os desafios, não nos são dados para complicar nossa vida, mas são ocasiões para entender qual é a natureza da nossa necessidade, para descobrir as nossas necessidades verdadeiras. De fato, como relembramos, o impacto com a realidade é a maneira como emergem as dimensões fundamentais do humano.

Neste caminho tudo serve (e contribui para trazer à tona quem somos), até a decepção. A experiência da decepção, inevitável justamente porque nada corresponde totalmente ao coração, não detém o homem, mas – como Dom Giussani nos relembra – exaspera-o, exaspera-lhe a sede. “Esta é a natureza da razão, esta é a natureza do coração do homem, esta é a natureza do que constitui o homem como homem. Quer dizer, o fato de que uma pessoa, enfrentando qualquer coisa, perceba seu limite e sempre seja ferida por ele de alguma forma, em qualquer caso (na medida, é claro, em que se dá conta do que acontece, na medida em que não está distraído); o fato de que, portanto, enfrentando tudo, uma pessoa se dê conta do limite e da decepção, da não correspondência, e que isto não a detenha, mas a exaspere, comprova que ela não pertence ao limite e à dor, e por isso é como que empurrada, motivada, levada a tentar agarrar mais, a conhecer mais, a penetrar mais.”⁶⁶ Na nossa vida, continuamente tentamos tomar nas mãos o que provoca a nossa nostalgia, temos sede de conhecer o além de que sentimos a falta e que sempre nos foge.

É a partir da experiência a que estamos acenando que descobrimos o que é a pobreza.

Aquilo que o Evangelho chama de pobreza, diz Giussani, é muito bem descrito por Romano Guardini em seu comentário aos primeiros capítulos das *Confissões* de Santo Agostinho: “‘Porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto enquanto não repousar em Vós’. Nestas palavras, o conceito agostiniano do homem toca o fundo. O homem é colocado pelo Criador no ser real, autorizado a estar no próprio

⁶⁵ C. Pavese, *O ofício de viver*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 60.

⁶⁶ L. Giussani, *Ciò che abbiamo di più caro (1988-1989)*. Milão: Bur, 2011, p. 491-492.

centro e a proceder com o seu passo; porém a sua realidade é diferente da das outras criaturas. Estas enraízam-se na sua natureza, estão baseadas sobre si mesmas e voltam a si. A figura da sua existência é o círculo que se fecha em si mesmo; a do homem, ao contrário, é o arco que é lançado para além daquilo que encontra. [...] Esta é a lei da sua existência, e dá testemunho dela uma inquietação profunda que nunca desaparece. Ela pode ser mal entendida, mas não eliminada. Quando o homem se dá conta dela, ela se torna um tormento; quando a aceita, ela o conduz à calma essencial, ou seja, à realização do seu ser”.⁶⁷ A pobreza é, então, a “disponibilidade a esticar a corda do próprio arco em busca não de si mesmo, mas de um outro”,⁶⁸ além de si, irredutível às próprias medidas.

Quem é então o pobre? Quem não tem nada que defender, senão a própria sede, a própria espera, a própria natureza original, que ele não se deu por si, e por isso fica todo inclinado a reconhecer e a acolher quem lhe possa responder. É a razão por que Jesus define os pobres “bem-aventurados”. Esta pobreza não é uma desgraça para Jesus, mas uma bem-aventurança: “Bem-aventurados os pobres no espírito... Bem-aventurados os que têm fome e sede...”.⁶⁹ Na realidade, diz Dom Giussani, “todas as bem-aventuranças são sinônimos, são maneiras diferentes” de falar desta pobreza, da “pobreza de espírito”.⁷⁰

Mas por que esta insistência de Jesus na pobreza? Por que esta insistência de Giussani? E por que, agora, esta insistência do Papa Francisco?

Porque é justamente esta pobreza, esta espera, este desejo ardente de conhecer quem pode satisfazer a nossa sede, “que nos faz capazes de reconhecer o tom da Sua voz quando ela ecoa na nossa vida. O que nos faz reconhecer a Cristo, seu tom, o tom da sua presença é a lealdade, a sinceridade, a intensidade deste desejo de conhecer o que Deus é para a minha vida, para a nossa vida. ‘Raramente o homem aprende o que acha que já sabe’, dizia uma romancista inglesa, Barbara Ward. Os fariseus achavam que já sabiam, não aprenderam a reconhecer aquela Presença que era a resposta ao senso religioso, a toda a história deles”.⁷¹ Por isso, no rol das bem-aventuranças, a primeira é: “Bem-aventurados os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus”. De fato, só quem for consciente da sua

⁶⁷ R. Guardini, *L'inizio*. Milão: Jaca Book, 1973, p. 30-31. Apud L. Giussani, *Por que a Igreja*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 313-314.

⁶⁸ L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., p. 313.

⁶⁹ Mt 5,3-12.

⁷⁰ L. Giussani, “Dal senso religioso a Cristo”. In: C. Fornasieri; T. Lanosa (Orgs.), *Dove la domanda si accende*. Castel Bolognese (RA): Itaca, 2012, p. 55-56.

⁷¹ *Ibidem*, p. 53-54.

pobreza, que admite a sua necessidade, que sente a sua fome e a sua sede, é que poderá reconhecer o portador do reino, o portador da resposta.

Atenção – poderá parecer-nos surpreendente –, esta sede, como Dom Giussani ressalta sem tréguas, é a coisa mais importante não apenas para quem deve encontrar a Cristo, mas também para nós que já somos cristãos. O senso religioso não é uma premissa que se pode abandonar depois de um tempo, mas é uma *condição* sempre necessária: em primeiro lugar, para “reconhecer o tom da Sua voz quando ela ecoar”; em segundo lugar, para haver uma experiência real daquela resposta presente que é Cristo: tão logo censuramos ou minimizamos a sede, tão logo nos separamos do fundamento humano, Cristo torna-se irrelevante, tão inacreditável quanto a resposta a um problema que não se põe ou que já não se põe (por isso o encontro com Cristo responde à sede aprofundando-a e não abolindo-a). “Cristo é a resposta à sede que o homem tem de viver a relação com aquilo que é o seu destino, o significado do que faz, do comer, do beber, do velar, do dormir, do amar, do trabalhar. Na medida em que esta espera e este desejo não estão vivos em mim, não consigo reconhecer a resposta [...]. Por isso a coisa mais importante para nós cristãos é a verdade do nosso senso religioso, porque então também a realidade de Cristo se comunica à nossa vida.”⁷²

Uma pessoa como a samaritana, que sentia a sede do seu coração, reconheceu imediatamente Quem é que estava em condições de saciá-la. Sua sede despontou em toda a sua inteireza, ela só pôde vê-la até o fundo, como nunca antes, diante d’Aquele que encarnava a promessa de responder a ela. Porque o “senso religioso” – a sede do coração – só se esclarece e desperta completamente no encontro com Cristo: “O encontro histórico com este homem constitui o encontro com o ponto de vista resolutivo e esclarecedor da experiência humana”.⁷³ Por isso, precisa que Cristo seja sempre contemporâneo para que o senso religioso possa ser despertado e mantido vivo.

Citei anteriormente o trecho em que Dom Giussani se espantava com quantas vezes tinha dito estas coisas, que continuam a ser lidas apenas por cima. Vemos o que sucede quando, porém, as levamos a sério: “Caríssimo Pe. Julián, há anos queria dizer-lhe, mas não conseguia mesmo fazê-lo, deixar sair; eu me considero – aliás, sou – uma ‘desfamiliarada’, uma sem família. Infelizmente os sofrimentos foram tão pesados, que determinaram o fim do meu casamento. Vivi isto com raiva por muitos anos, e quando

⁷² Ibidem, p. 54.

⁷³ Idem, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit. p. 113.

“você continuamente dava exemplos sobre o amor da mãe ou do pai, eu o mandava com vontade para aquele lugar, pensando que você era sortudo por não ter tido pais com problemas que marcaram a mente e o corpo. Eu fiz um encontro excepcional, mas sempre me considereei diferente dos outros, com esta objeção de fundo...”; o que significa que o encontro pode não chegar a determinar a percepção que temos de nós mesmos; embora reconheçamos que fizemos um encontro excepcional, pode persistir em nós uma objeção de fundo, ligada a contradições e problemas que carregamos conosco como “um caruncho: eu vivia um sentimento de abandono que me perseguia como uma sombra em tudo, no juízo sobre a companhia, se eu era ou não acolhida, se era procurada ou valorizada ou deixada de lado. Depois aconteceu algo em mim após a última transmissão da Escola de Comunidade, em março; eu estava péssima, mas, quando você falou de pôr a mão na massa e de empenhar-se na realidade – aquela realidade que me traz tantas dificuldades –, no trabalho, com a família, com os amigos e com muitos aspectos da minha vida, entendi que não era livre, que esperava a felicidade dos ‘momentos solares’ e que reduzia a presença de Jesus somente à companhia. A passagem crucial que despertou meu coração foi a citação de Dom Giussani, de *Vivendo nella carne*: ‘O motivo por que as pessoas já não creem ou creem sem crer [e o encontro excepcional feito não incide até o ponto de despertar uma experiência diferente do viver, uma percepção diferente de si [...]] é porque não vive a própria humanidade, não está comprometida com a própria humanidade, com a própria sensibilidade, com a própria consciência, e portanto com a própria humanidade’.⁷⁴ Ali, naquela noite, foi como dar um respiro gigantesco”.

Este é o ponto: quando deixamos o encontro entrar na nossa vida, pondo em evidência a nossa necessidade, logo reconhecemos a correspondência: o sinal é que se introduz em nós um enorme respiro. A carta continua: “Eu decidi algo porque você tinha me ajudado a me entender, tinha me feito entender o nó da minha vida. Comecei a levar a sério tudo de mim: raiva, tristeza, dificuldades, injustiças, dores e solidões. Toda manhã eu acordo e decido [aqui a liberdade entra em jogo] levar tudo a sério, não censurar nada, e o que está acontecendo é um espetáculo. Não é uma análise introspectiva, é fazer a experiência de que nunca estou sozinha dentro desse pôr a mão na massa; e o encantamento e o gosto aumentam até à misericórdia pelos meus irmãos e pelos meus falecidos pais”.

Quando se vence o afastamento entre Cristo e o coração – por causa do reconhecimento de que Ele foi o primeiro a vencê-lo –, vence-se tam-

⁷⁴ Idem, *Vivendo nella carne*. Milão: Bur, 1998, p. 66.

bém o afastamento dos outros, como escreve ainda a nossa amiga: “Parece que estou começando a entender que esta é a postura correta porque estou feliz; descobri que Jesus está presente em tudo o que atravessamos, se o atravessarmos com a postura correta, que é a da certeza da nossa dependência total! Isto me dá um gosto tal, que aos olhos dos outros eu pareço ser uma pessoa sem problemas!” – porque os problemas já não a determinam, não é que não os tenha mais –. “Ultimamente as pessoas me dizem que fiquei mais bonita e me perguntam o que está me acontecendo; eu não sou jovem, tenho mais de cinquenta anos! Obrigada, caro Pe. Carrón, eu também quero aprender para mim o método de Dom Giussani. Quero que se torne meu, quero ser feliz e apreciar tudo da vida; até os domingos que passei sozinha em casa estudando para a escola ou limpando já não me deixam com medo. Descubri que não estou sozinha. Rezo por você, para que Nossa Senhora o sustente. Com gratidão.”

É uma experiência ao alcance de todos, como vemos. E não porque já não haja problemas, mas porque nos abrimos a outra possibilidade: levar a sério o que Dom Giussani nos propôs.

2. Do fundo do nosso erro, uma sede de salvação, uma necessidade de perdão

A necessidade de significado e de destino de que falamos não pode ser desassociada de outra necessidade, igualmente radical, que nos constitui e que todos conhecemos bem: é a necessidade de perdão, de misericórdia e de resgate após cada erro nosso, após cada falha ou derrota ou falta que se repete. Por isso, um olhar realista para nós não pode deixá-la fora da nossa consideração. Como Jesus não a deixa fora do Seu olhar.

Somos necessidade de perfeição, de significado, de amor, de justiça, mas também estamos, com estas nossas exigências, conforme vamos vivendo, diante dos resultados da nossa impotência para realizá-las, da contradição do nosso agir. Como documentou a carta que acabei de citar, todos fazemos a experiência de destruir o que amamos (como é frequente nas relações afetivas ou com os filhos!), de falhar onde queríamos ter sucesso, de ser incapazes de construir justamente nas situações em que mais nos importamos, de cair num vórtice de erros, de fraquezas, de mesquinhez, sem saber como sair daí: ficamos impotentes e esmagados pelos nossos limites, juízes implacáveis de nós mesmos, até o ponto de quase nos considerarmos imperdoáveis: quem nos dará crédito, depois de tudo o que fizemos? Quem ainda nos amará, se somos tão frágeis, inadequados e incoerentes? É como a face mais incômoda e mais humilhante da nossa pobreza e da nossa impotência de ser, aquela de que

o Evangelho nos fala constantemente. Nós somos exatamente como os “pobres”, os publicanos e os pecadores com que Jesus convive. No fundo do nosso sentimento de fracasso, de frustração e de raiva, há uma sede mais ou menos explícita de perdão, a espera por um olhar que nos faça recomeçar, mesmo que às vezes não o confessemos nem a nós mesmos.

Os publicanos do Evangelho são como o protótipo desta situação, que muitas vezes é também a nossa. Estavam rodeados por uma mentalidade tão profundamente moralista, que não conseguiam evitar que ela também penetrasse neles. Podemos ver isto na parábola do fariseu e do publicano no templo. Para entender a oração do publicano temos de olhar para ele, como nos recomenda o estudioso Joachim Jeremias, com os olhos com que os publicanos eram olhados e se olhavam naquele tempo, os mesmos com que muitas vezes nós nos sentimos olhados pelos outros e nos olhamos quando erramos: “Também o publicano deve ser visto com os olhos do tempo. [...] A dor toma conta dele, porque Deus está tão longe”, está no fundo do templo e não ousa sequer levantar a cabeça. “Sua situação, e da sua família, é de fato sem esperança. Pois, para ele, é preciso não só largar a vida pecaminosa, isto é, a sua profissão, mas também ressarcir os danos causados, o que envolvia um quinto de acréscimo. Como poderá saber [depois de ter passado uma vida fazendo essas coisas] de todos a quem enganou? Não só a sua situação, como também o seu pedido de perdão é sem esperança!”⁷⁵ E tampouco cumprir a pena pelo mal infligido aos outros pode bastar para restituir a paz desejada, como nos testemunham os detentos. É como se não conseguíssemos tirar de nós o mal feito a nós mesmos – aquele que só nós conhecemos – e o que fizemos aos outros.

Comentando alguns trechos do Evangelho, o Papa Francisco identifica bem a questão: “Nenhum daqueles que estavam ali, nem sequer Mateus, [...] conseguia crer na mensagem do dedo que o indicava, na mensagem daqueles olhos que o fitavam com misericórdia e o escolhiam para o seguimento”.⁷⁶ É como se não fosse possível acreditar nesta possibilidade. O Papa diz isto também de Zaqueu: “Nem sequer ousa esperar que possa ser superada a distância que o separa do Senhor; resigna-se a vê-lo só de passagem”.⁷⁷

Como é que Jesus olha para a pobreza de quem não ousa sequer esperar? Para responder, “temos de nos identificar com as pessoas de que

⁷⁵ J. Jeremias, *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1976, p. 145-146.

⁷⁶ Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁷⁷ Idem, *Angelus*, 3 de novembro de 2013.

fala o Evangelho”, diz Dom Giussani. E logo acrescenta: “Mas não as compreenderemos, nem conseguiremos identificar-nos com o que eram, se não nos identificarmos com Cristo que diz: ‘Zaqueu, desce que vou para a tua casa’; compreendemos o que Zaqueu era naquele momento. Pensem no que Zaqueu sentiu, em como mediu imediatamente todos os erros cometidos sem nem sequer medi-los, em como sentiu o que ele era e quem era aquele que o estava chamando. É identificando-nos com Cristo que vemos o que Zaqueu era”.⁷⁸ “É esta proximidade, é esta presença; não a presença de alguém que olha para o outro lado, a presença de alguém que olha para você. É esta proximidade que desconcerta, pela qual a vida se transfigura; em suma, Zaqueu não disse enquanto ia para casa: ‘Agora ele vai me dizer que roubei cem daqui, trinta e quatro de lá, agora...’. Estava cheio daquele olhar, foi para casa para fazer o almoço para aquele homem, para aquele homem que tinha olhado para ele.”⁷⁹ Estava cheio de silêncio.

Mas não basta a presença de Jesus cheia de ternura para fazermos a experiência do perdão. É preciso aceitar a Sua presença, render-se ao Seu perdão, à Sua misericórdia. E, como Zaqueu, é preciso descer da árvore e correr para casa para recebê-Lo. Aqui está, de novo, em evidência a liberdade. Certas páginas de alguns romances que fomos convidados a ler deram-nos uma imagem vívida e dramática desta experiência. Pensemos no Inominado de Manzoni, perante o Cardeal Frederico: “O Inominado ficou atônito ante aquela fala tão inflamada, ante aquelas palavras que respondiam tão resolutamente ao que ainda nem dissera, e tampouco estava muito determinado a dizer; e, comovido mas assombrado, manteve o silêncio. ‘E então?’, retomou Frederico ainda mais afetuosamente: ‘tens uma boa nova a dar-me e me fazes esperá-la tanto assim?’. ‘Uma boa nova, eu? Tenho o inferno no coração; e sou portador de uma boa nova? Diga-me o senhor, se o sabe, qual é essa boa nova que espera de minha parte’. ‘Que Deus te tocou o coração e quer fazer-te seu’, respondeu pacatamente o cardeal. ‘Deus! Deus! Deus! Se eu o visse! Se o ouvisse! Onde está esse Deus?. [...] Se esse Deus existe, se é o que dizem, que quer que faça de mim?’. Estas palavras foram ditas com um tom desesperado; mas Frederico, com um tom solene, como de plácida inspiração, respon-

⁷⁸ ASAEMD, *Redazioni a stampa e dattiloscritti*, OR.STAMPA/104, Assembleia com um grupo de jovens que iniciaram o caminho vocacional na Associação Eclesial Memores Domini, Gudo Gambaredo (MI), 26 de junho de 1993.

⁷⁹ Anotações da palestra nos exercícios espirituais dos noviços dos Memores Domini, Le Pianazze (PC), 7 de agosto de 1982, conservados na Secretaria dos Memores Domini, Milão.

deu: ‘que pode Deus fazer de ti? que quer fazer de ti? Um sinal de seu poder e de sua bondade: quer obter de ti uma glória que ninguém mais lhe poderia dar. [...] Tu me perguntas que pode Deus fazer? [...] Que tal perdoar-te? que tal salvar-te? e cumprir em ti a obra da redenção? Não são coisas magníficas e dignas d’Ele?’”⁸⁰

É aqui que aparece, em sua plenitude, a Sua verdade; é aqui que mais resplandece a Sua glória. Escutemos novamente o Cardeal Frederico: “Oh! pensa! Se eu homúnculo, eu miserável, e ainda assim tão cheio de mim mesmo, eu qual sou, me condeo tanto agora da tua salvação, que por ela daria com grande alegria (Ele é minha testemunha) estes poucos dias que me restam; oh! pensa! Quanta, como deve ser a caridade d’Aquele que me infunde esta tão imperfeita, mas tão viva; como deve amar-te, como deve querer-te Aquele que me comanda e me inspira um amor por ti que me devora!’. À medida em que essas palavras saíam de seus lábios, o rosto, o olhar, cada gesto exalava o sentido delas. A face de seu ouvinte, de alterada e convulsiva, fez-se a princípio atônita e atenta; depois se compôs numa comoção mais profunda e menos angustiada; seus olhos, que desde a infância já não conheciam as lágrimas, incharam-se; quando as palavras cessaram, cobriu seu rosto com as mãos e derramou um choro copioso, que foi como a última e mais clara resposta”⁸¹. O Inominado finalmente se rende. Vê-se isto pela face, que de “alterada e convulsiva” fica “atônita e atenta”. Sem este movimento da liberdade, a salvação não será minha. O que não significa substituir-se a Deus para salvar-se por conta própria. Significa que Deus, que nos criou sem nós, não pode salvar-nos sem nós.

Render-se a uma presença que perdoa, aceitar ser salvo: é o drama contínuo da liberdade. Depois de um momento de rendição, de fato, a vida volta a ficar pesada, prevalece a medida de nós mesmos. Como acontece com Miguel Mañara, o protagonista da peça teatral homônima de Milosz: “Depois de ter-se confessado com o abade, continuava a procurá-lo para desabafar por causa de seus pecados; não conseguia esquecê-los, não conseguia ‘desdentá-los’, não conseguia arrancá-los fora: existiam, tinha-os cometido”⁸². Nós também podemos ter a mesma dificuldade. Durante uma reunião, dizem a Dom Giussani: “Podemos sair do confessional oprimidos pelos próprios pecados exatamente como entramos”.

⁸⁰ Cf. A. Manzoni, *Os noivos*. São Paulo: Abril, 1971, p. 186. (Coleção *Os imortais da literatura universal*.)

⁸¹ *Ibidem*, p. 187.

⁸² L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 388.

E ele: “Para uma grande maioria, a Confissão não vale, *non valet*, não tem consistência existencial, não incide na existência, portanto, menos ainda, incide na história. Domina mais a reação que depois de um tempo, talvez um ano depois, se tem diante da lembrança dos pecados cometidos: a humilhação, o peso das consequências, especialmente sociais. Enquanto uma pessoa fizer uma coisa e ninguém for atingido, pode ficar tranquila; mas, quando se fala disso na sociedade ou nos jornais, então para ela vira algo enorme e massacrante. [...] ‘Eu errei, eu fiz...’: é uma vergonha, ainda que ninguém o soubesse, contra mim mesmo; vou confessar-me e prevalece a imagem do que eu fiz sobre a grandeza e a certeza do perdão”.⁸³

De que se vê, no entanto, que em mim prevalece a certeza, o olhar de uma Presença? Se me recria. Porque o perdão recria – como aconteceu com o Inominado –. “Somente o mesmo idêntico gesto da pobreza pode separar-me de mim mesmo e tornar-me alegre: porque Cristo vive e Cristo é meu (*Propter nos homines*). Isto é importante!”⁸⁴ Quando Miguel Mañara, depois da confissão, vai novamente até o abade para queixar-se dos próprios pecados, o abade responde-lhe secamente, surpreendendo-o: “Tudo isto nunca existiu [...]. Só Ele é”. Mas é preciso ceder. Dom Giussani comenta o episódio com estas palavras: para que os pecados não continuem a pesar, para sermos “realmente livres, livres dos próprios males”, livres dos pecados que podemos até ter confessado, “não basta tê-los confessado: depende da clareza, da afeição e da certeza de que Cristo existe e de que Cristo é o perdão”.⁸⁵

“Queremos que [o homem] conquiste esta salvação por si próprio”,⁸⁶ disse-nos Péguy. Mas conquistar a salvação não quer dizer produzi-la com as próprias forças, com o próprio esforço moralista: trata-se de acolher a salvação que já nos foi dada por Cristo, que é Cristo presente, vivo. Muitas vezes nós sentimos o peso dessa falta de disponibilidade.

Que pobreza é preciso para acolher o perdão que é Cristo! Uma pobreza que “se torna possível pelo fato de que Cristo existe, de que a presença dominante é Cristo, de que o objeto do meu olhar é Cristo. Por isso é que podemos sair da confissão finalmente livres: se a confissão é ir até Cristo, não se é outra coisa. Uma confissão feita para ficar em paz com os erros que vou cometer de novo amanhã não me deixa em paz; mas,

⁸³ Ibidem, p. 386-387.

⁸⁴ Ibidem, p. 387.

⁸⁵ Ibidem, p. 388.

⁸⁶ Ver aqui, p. 5.

se você sabe que por causa da sua fraqueza pode acontecer amanhã de novo, e mesmo assim vai confessar-se olhando para Cristo, e diz: ‘Eu ainda prefiro profundamente Você a qualquer outra coisa’, ‘Eu ainda digo sim a Você’, isto liberta”.⁸⁷

Zaqueu estava de tal forma cheio daquele olhar, que “mediu imediatamente todos os erros cometidos sem nem sequer medi-los”.⁸⁸ Aquele olhar fez vir nele uma pobreza de espírito, originou nele um instante de pobreza de espírito. Em nós também é assim. Ao menos por um instante, vemos em nós essa pobreza de espírito, ainda que muitas vezes não a favoreçamos. Portanto, ao gesto ousado de Jesus, que se convida para comer na casa de Zaqueu, deve corresponder outro e igualmente ousado gesto da liberdade do homem para acolhê-lo. Mas às vezes o fariseu que há em nós grita: “Escândalo! Não é possível. Não se iluda que ele possa comer com um pecador como você. Não se iluda que você possa ser perdoado. Veja o que dizem todos: ‘Vai comer na casa de um pecador!’”. Assim Zaqueu, como cada um de nós, está numa encruzilhada! Dá para entender que desafio impressionante o gesto de Jesus representa para Zaqueu e para nós. Ninguém o expressou melhor do que São Paulo: “Dificilmente alguém morrerá por um justo; por uma pessoa muito boa, talvez alguém se anime a morrer. Pois bem, a prova de que Deus nos ama é que Cristo morreu por nós, quando éramos ainda pecadores”.⁸⁹

Cristo continua a desafiar-nos hoje, como desafiou então a Zaqueu, com uma presença histórica: “Não há profissão nem condição social, não existe pecado nem crime de qualquer tipo que possa eliminar da memória e do coração de Deus um só dos seus filhos. ‘Deus recorda’ sempre, não se esquece de nenhum daqueles que Ele criou. [...] E eu digo-te: se tiveres um peso na consciência, se sentires vergonha de tantas coisas que cometestes, para um pouco, não te assustes. Pensa que alguém te espera, porque nunca deixou de se recordar de ti; e este alguém é o teu Pai, é Deus que te espera! A exemplo de Zaqueu, também tu sobe na árvore do desejo de ser perdoado; garanto-te que não ficarás decepcionado. Jesus é misericordioso e nunca se cansa de perdoar! Recordai-vos bem disto, Jesus é assim”.⁹⁰

Acolher o abraço de Cristo requer uma pobreza radical: aceitar ser tão “necessidade” a ponto de depender totalmente da misericórdia de outro; é preciso ser pobre a ponto de não ter nada de próprio em que se

⁸⁷ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 388.

⁸⁸ Ver aqui, p. 37.

⁸⁹ Rm 5,7-8.

⁹⁰ Francisco, *Angelus*, 3 de novembro de 2013.

apoiar, nem méritos de que se vangloriar. É necessária uma consciência última da nossa verdadeira necessidade, daquilo que realmente somos. E esta é a verdade de nós, sem subterfúgios: para viver, para retomar, para não sucumbir sob o peso dos nossos erros, precisamos de uma presença que nos perdoe, de um abraço que nos devolva a possibilidade de recomençar e de olhar positivamente para nós mesmos. Enfim, trata-se de ser tão pobre a ponto de depender totalmente de Jesus.

Como dissemos, não basta uma presença que perdoe: é preciso um gesto da liberdade que aceite o perdão. Isto fica claro mais uma vez na parábola do fariseu e do publicano. Apesar de estarem diante de uma presença que perdoava, os fariseus, com efeito, não estavam disponíveis ao perdão. Já os publicanos, por sua vez, embora sob o peso do próprio mal, tinham aquela disponibilidade última a deixar-se perdoar, não pretendiam ter nada de próprio em que se apoiar. A parábola é endereçada precisamente aos que tinham a íntima presunção de ser justos e desprezavam os outros. Jesus diz: “Dois homens subiram ao templo para orar. Um era fariseu, o outro publicano. O fariseu, de pé, orava assim em seu íntimo: ‘Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros, ladrões, desonestos, adúlteros, nem como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de toda a minha renda’. O publicano, porém, ficou a distância e nem se atrevia a levantar os olhos para o céu; mas batia no peito, dizendo: ‘Meu Deus, tem compaixão de mim, que sou pecador!’ Eu vos digo: este último voltou para casa justificado, mas o outro não. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado”.⁹¹

Agora podemos compreender mais claramente a carta do Papa: “Os pobres, com efeito, remetem-nos para o essencial da vida cristã. [...] Esta pobreza é necessária porque descreve o que temos verdadeiramente no coração: a necessidade d’Ele”.⁹² Os pobres põem na frente dos nossos olhos essa necessidade que em nós fica facilmente calada, esquecida, coberta pelas nossas seguranças provisórias, pelas satisfações com que nos aquietamos, pela ilusão de domínio sobre as coisas e de controle da vida. Não há obstáculo maior à nossa realização do que o esquecimento da nossa pobreza, da nossa necessidade irredutível de outro, da nossa necessidade de significado e de salvação.

A ausência de consciência da nossa sede de um significado para viver, junto com a falta de consciência do nosso limite, do nosso mal, do nosso pecado, e portanto da nossa necessidade de perdão e de salvação, fecha-

⁹¹ Lc 18,10-14.

⁹² Francisco, *Carta a Julián Carrón*, 30 de novembro de 2016.

-nos ao encontro com o outro, ao encontro com Cristo. A pobreza, no duplo significado trazido à luz, é condição para entrar no reino de Deus e para acolher a presença mesma de Deus, aquela Presença em que Deus se encarnou. Por isso, Jesus dizia: “‘Como é difícil, para os que possuem riquezas, entrar no Reino de Deus’. Os discípulos ficaram espantados com estas palavras. E Jesus tornou a falar: ‘Filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus! É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!’ Eles ficaram mais admirados e diziam uns aos outros: ‘Quem então poderá salvar-se?’ Olhando bem para eles, Jesus lhes disse: ‘Para os homens isso é impossível, mas não para Deus. Para Deus tudo é possível!’”⁹³

Mas Deus, tendo-nos criado livres, não quer passar por cima da nossa liberdade. Portanto, Ele vem ao nosso encontro primeiro, toma a iniciativa conosco, para suscitá-la, como diz Guilherme de Saint-Thierry: “Vós nos amastes primeiro para que vos amássemos. Não tínheis necessidade de ser amado por nós, mas não poderíamos atingir o fim para o qual fomos criados se não vos amássemos. [...] Para vós, falar por meio do vosso Filho não foi outra coisa senão [...] suscitar pelo vosso amor o nosso amor por vós. Bem sabíeis, ó Deus criador dos homens, que este amor não pode ser imposto, mas que é necessário estimulá-lo no coração humano. Porque onde há coação não há liberdade, e onde não há liberdade também não há justiça”,⁹⁴ ou seja, não pode haver salvação.

Deus espera pela nossa liberdade sem deixar de nos perdoar, como nos lembrou o Papa: “É graças a este abraço de misericórdia que surge em nós o desejo de responder e de mudar”.⁹⁵ E a primeira mudança, a primeira conversão é ceder, ceder ao Seu abraço. A primeira atividade é uma passividade – dizia-nos Dom Giussani –, é acolher algo que nos é dado.⁹⁶ Quanto precisamos aprender a pobreza de que nos fala o Papa! “A moral cristã não é o esforço titânico, voluntarista”, dizia-nos no dia 7 de março de 2015, “de quem decide ser coerente e é bem sucedido, uma espécie de desafio solitário perante o mundo. Não! Esta não é a moral cristã, é outra coisa. A moral cristã é uma resposta, é a resposta comovida a uma misericórdia surpreendente, imprevisível e, segundo os critérios

⁹³ Mc 10,23-27.

⁹⁴ Guilherme de Saint-Thierry, “Deus nos amou primeiro”. In: *Liturgia das horas segundo o Rito Romano*: Tempo do Advento e Tempo do Natal (Vol. I). Rio de Janeiro: Vozes, 2004. (Segunda-feira da III semana do Advento, Ofício das Leituras, segunda leitura).

⁹⁵ Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁹⁶ “É uma passividade o que constitui a minha atividade originária, a de receber, constatar, reconhecer” (L. Giussani, *O senso religioso*. Brasília: Universa, 2009, p. 157).

humanos, até ‘injusta’, de Alguém que me conhece, conhece as minhas traições e que, no entanto, me ama, me estima, me abraça, me chama de novo, espera em mim, espera algo de mim. A moral cristã”, concluía o Papa, “não consiste em nunca cair, mas em levantar-se sempre, graças à sua mão que nos resgata”.⁹⁷

3. O meu coração é feliz porque Tu, Cristo, vives

Quem é consciente da infinitude da própria necessidade, sobre a qual Cristo se debruçou, não pode senão exclamar com Dom Giussani: “O meu coração é feliz porque Tu [, Cristo,] vives”.⁹⁸ Deus responde com Sua presença – encarnando-se, fazendo-se companheiro do homem – precisamente a esta insuportabilidade de nós mesmos, a esta clamorosa da nossa fraqueza. Então “a verdade do homem não se reduz à observação evidente de sua miséria, mas ao anúncio estupefato e exaltante de que esta miséria é amada. Esta Presença amante, forte e fiel, mais do que a volúvel e vulnerável fragilidade humana que é a consistência do homem em si mesmo, é descoberta como a verdadeira riqueza do homem. E não se diz que a evidência da própria miséria constitua o ponto de partida, a descoberta inicial; pois é na imponência do anúncio daquela Presença que o homem pode também descobrir a própria nudez, a própria inaptidão, a própria mesquinhez. A Presença de um Outro é, portanto, a consistência – certeza e esperança – do homem; aceitar isto, afirmar isto, é a existência como amor. Porque amar é afirmar que um Outro é a própria vida, e que a própria vida é a afirmação de um Outro. ‘Tu és eu’. ‘Vivo, mas já não sou eu que vivo, é um outro quem vive em mim’ (São Paulo). Portanto, a resposta do cristianismo a esta intolerabilidade de nós mesmos é uma humildade que se torna amor; ou seja, é um reconhecimento da própria miséria (*humus* = terra) que se abre à rica Presença”.⁹⁹

Quanto mais vemos brotar das entranhas da vida a nossa verdadeira necessidade, tanto mais entendemos que a resposta não pode ser um discurso, mas uma presença presente. Uma pessoa consciente da sua real pobreza pode entender bem o que Cristo introduz na história. Isto é o que fazia Giussani exaltar, a ponto de repetir com frequência: “O meu coração é feliz porque Tu, Cristo, vives”. Como foi para os discípulos depois da morte de Jesus: apenas uma presença seria capaz de responder

⁹⁷ Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁹⁸ L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*. Milão: Bur, 2001, p. 148.

⁹⁹ Idem, *Em busca do rosto do homem*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1996, p. 264-265.

ao choro, à tristeza, à solidão em que foram precipitados após o Seu sepultamento. Não porém uma presença qualquer. Porque os discípulos ainda estavam juntos, mas estavam todos assustados, reunidos a portas fechadas, desiludidos; tinham comido e bebido com Ele, tinham visto os milagres realizados por Jesus, lembravam-se bem, mas a lembrança deles não bastava para vencer o medo. Só a Sua presença poderia responder.

É o mesmo para nós. Para nos libertar das engrenagens em que continuamente ficamos encaixados, é preciso uma presença presente. É esta a natureza do cristianismo: um acontecimento agora. “O acontecimento não identifica somente uma coisa que aconteceu e com a qual tudo teve início, mas é aquilo que desperta o presente, define o presente, dá conteúdo ao presente, torna possível o presente. O que se sabe ou o que se tem converte-se em experiência se aquilo que se sabe ou se tem é algo que nos é dado agora: há uma mão que no-lo oferece agora, há um rosto que vem avançando agora, há sangue que se derrama agora, há uma ressurreição que tem lugar agora. Fora deste ‘agora’ não existe nada! O nosso eu não pode ser movido, comovido, ou seja, transformado, a não ser por uma contemporaneidade: um acontecimento. Cristo é algo que me acontece agora. Então, para que aquilo que sabemos – Cristo, todo o discurso sobre Cristo – seja experiência, é necessário que seja um presente que nos provoca e percute: é um presente, como para André e para João foi um presente. O cristianismo, Cristo, é exatamente aquilo que foi para André e João [uma história particular, que não se pode substituir com um discurso] quando iam atrás d’Ele; imaginem quando Se voltou, e como ficaram impressionados! E quando foram à Sua casa... É sempre assim até agora, até este momento!”¹⁰⁰

É esse acontecimento, a contemporaneidade de Cristo, a única resposta ao anseio do homem: tal acontecimento é essencial não só no início, mas também em todo e qualquer momento do desenvolvimento. A propósito disto, o Papa afirma: “Ao designar-se como ‘primeiro’ este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras [...], em todas as suas etapas e momentos. [...] Não se deve pensar que, na catequese, o *querigma* é deixado de lado em favor duma formação supostamente mais ‘sólida’. Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda a formação cristã é, primariamente, o

¹⁰⁰ Idem, texto do Cartaz de Páscoa de 2011 de Comunhão e Libertação.

aprofundamento do *querigma* que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne [...]. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo coração humano”.¹⁰¹

A certeza da Sua presença só cresce e se sustenta com a experiência pessoal, que empenha a nossa liberdade, como explica ainda o Papa Francisco. Só “por experiência própria” é que se aprofunda a convicção de “que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não conhecê-Lo, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tateando [...]. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa”.¹⁰² Fora desse “agora” da Sua presença não há nada! É a experiência que cada um de nós é convidado a fazer, para alcançar a convicção de que fala o Papa.

A Fraternidade para nós é o lugar onde somos educados a viver a pobreza necessária para poder reconhecê-Lo e para olhar para tudo sem medo, como escreve uma de vocês: “Domingo passado fizemos a reunião da Fraternidade. Eu não queria ir porque ultimamente me parece inútil (não é como eu penso). Estávamos trabalhando sobre a carta que o Papa enviou a todos nós. No fim, decidi me confiar a Deus, fui e disse isto: contei da minha dificuldade, da aflição, da decisão inicial de não ir. Percebi que ia lá para aprender a ser pobre, a não deixar prevalecer a minha ideia, mas os rostos que tinha na frente. Para mim isto foi uma revelação! É como ter entendido, aliás, re-entendido o que é a Fraternidade: aprender a ser pobre, isto é, a readquirir o olhar original para quem está na minha frente. Senão, por que nos vemos a cada vinte dias, senão para aprender essa pobreza para com os amigos e para com todos? Espero que esta experiência me fortifique, e, da próxima vez que eu for à reunião sem vontade, perguntando-me por que ir, peço que volte a ser preponderante o desejo de me tornar pobre em Cristo!”.

É no lugar que o Mistério nos deu – a nossa Fraternidade, dentro da vida da Igreja – que podemos aprender, como nos disse Dom Giussani, a viver tudo a partir de dentro da relação que revolucionou a nossa vida: “Como um filho ao lado do pai, como o discípulo diante do verdadeiro mestre, como um amigo perto de um amigo poderoso, o homem [cada um de nós] vê *a partir de dentro daquela relação* [de uma relação presente] e opera com uma energia continuamente *dada por aquela relação*. É como fazer que o objeto primeiro da atenção seja esta Presença: não o ‘dever’ a cumprir. É como fazer que o termo primeiro da afeição seja aquela

¹⁰¹ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, §164-165.

¹⁰² *Ibidem*, §266.

Presença: não a realidade a possuir. É como fazer que a fonte primeira da qual se tira a energia necessária seja aquela Presença: não a própria força ética. A clareza do juízo moral, a inclinação afetiva para o que é certo, a força de vontade, tudo isto amadurece como consequência: de fato, na relação com aquela Presença, a totalidade da pessoa é atraída, é suscitada para o bem. A moralidade na Igreja é, antes de tudo, um acontecimento: o reconhecimento daquela Presença, e ‘estar’ com ela. *Viver a memória*, esta é a moralidade da santidade cristã”.¹⁰³

Só a precedência dada a essa Presença é que nos muda: “Que quer dizer presença? *Sed super mel et omnia, ejus dulcis praesentia*. A Sua presença é a coisa melhor, mais bela e mais doce da nossa vida.”¹⁰⁴ Identificando-nos mais uma vez com André e João diante de Jesus, “enquanto estavam ali vendo-o falar (porque não entendiam o fundo dos seus pensamentos, não entendiam todas as suas palavras): nunca tinham feito um encontro daquele gênero, nunca teriam imaginado um olhar, um abraço e uma escuta tão humanos, tão completa e integralmente humanos, que traziam consigo algo de estranho, de totalmente gratuito, de excepcional, além de toda e qualquer capacidade de previsão deles”.¹⁰⁵

Esta Presença muda a vida de quem a acolhe e muda a história: “Muda-a hoje, por meio da nossa adesão, por meio das formas com as quais nós olhamos, ouvimos, sentimos, tocamos as coisas, usamos as coisas. É uma mudança que define a ‘presença’”.¹⁰⁶ Sabemos que estamos na frente dessa Presença porque nos muda. É a experiência que fez o Inominado de Manzoni: ele percebe que está na presença d’Ele porque ela move o que ele não era capaz de mover, o que ele não acreditava ser possível mover em si, como se vê no “choro copioso” diante do Cardeal Frederico.

O que a presença de Cristo introduz na vida de uma pessoa quando ela se dá conta e cede? Uma tensão, o desejo d’Ele, o pedido. “O pedido é o limite último, o confim misterioso da nossa liberdade. No pedido se joga a nossa liberdade. O homem cristão não é indiferente ao bem ou ao mal moral, mas na percepção do próprio nada pede, mendiga. A verdadeira e fundamental prática ascética é pedir. E não se pode pedir por muito tempo sem desejar realmente que aconteça o que se pede. O pedido é tal se realmente desejarmos o que se pede. O comentário de Santo Agostinho

¹⁰³ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 274.

¹⁰⁴ Idem, *Ejus dulcis praesentia*. A doçura como evidência última da verdade: da verdade em ação. *Passos-Litterae Communionis*, fev. 2003, p. 25.

¹⁰⁵ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 26.

¹⁰⁶ L. Giussani, *Ejus dulcis praesentia*, op. cit., p. 26.

ao Salmo 37 diz: ‘Teu desejo é tua oração; e se o desejo é contínuo, contínua é a oração’. [...] [E] Gregório de Nissa [escreve]: ‘A alma é marcada e ferida pelo desespero de não atingir jamais o que deseja, mas este véu de tristeza lhe é removido quando aprende que a verdadeira posse d’Aquele que ela ama reside no nunca cessar de desejá-lo’. [...] Nunca cessar de desejá-lo: este é o acontecimento da relação entre o homem e Cristo, fonte de um desejo que não cessa jamais, este é o encontro que o desperta, a capacidade de desejá-lo sempre. A que tende o encontro providencial que Deus nos fez realizar, senão a nos fazer desejar a Deus? Desejá-Lo continuamente, na humildade clara e realista da nossa fraqueza.”¹⁰⁷

A capacidade que tem Cristo de redespertar o nosso desejo é o sinal da Sua verdade. A salvação não equivale ao apagamento do desejo. É o contrário. Como diz São Bernardo: “Não com os passos dos pés, mas com os desejos busca-se a Deus. E a felicidade de tê-lo encontrado não extingue o desejo, mas aumenta-o. Porventura a plenitude do gáudio significa extinção do desejo? Antes, é o óleo que o alimenta, porque o desejo é chama”.¹⁰⁸ Então a saudade de Cristo é uma boa pista do caminho que fizemos até agora, revela-nos até que ponto nós favorecemos a Sua iniciativa. Cada um de nós pode dizer se hoje sente mais a saudade d’Ele ou se, ao contrário, se afastou d’Ele: não é que já não participe de certas coisas, mas Cristo já não lhe interessa, já não O deseja como no primeiro dia, não O deseja mais do que no primeiro dia. Perguntemo-nos: hoje somos mais necessitados da Sua presença ou mais céticos? Afastamo-nos de Cristo, tendo vivido com Ele uma relação formal, porque no fundo não nos era tão necessário para viver, ou então cresceu a saudade d’Ele? Eu O procuro mais ou O procuro menos em comparação com o início? Se de dentro das nossas entranhas não nasce constantemente o desejo de procurá-Lo, a fé reduz-se a algo que deixa a vida mais pesada.

Como vemos, a liberdade está sempre atuando. “A moralidade”, diz Giussani, “é ‘tender para’. Se fosse ‘cumprir’ algo, não seria mais ‘tender para’. Aquilo que devemos fazer, procuremos fazê-lo certamente! Mas dizer que a moralidade é um ‘tender para’ indica uma posição sempre voltada para algo outro, disposta a ser corrigida para penetrar mais numa realidade maior do que nós ‘assim como nos céus estão acima da

¹⁰⁷ Idem, Questa cara gioia sopra la quale ogni virtù si fonda.... Suplemento de *CL-Litterae Communionis*, jun. 1993, p. 25.

¹⁰⁸ Cf. São Bernardo de Claraval, “Sermones LXXXIV”, *Sermoni sul Cantico dei Cantici*. In: *Opere di San Bernardo*, Parte seconda, “Sermoni XXXVI-LXXXVI”, vol. 2. Roma: Città Nuova, 2008, p. 612-619.

terra'. Não é possível ficarmos satisfeitos com nada daquilo que fazemos, segundo a frase de Jesus no Evangelho: 'Assim também vós, quando tiverdes cumprido todas as ordens, dizei: Somos servos inúteis'. A única coisa com que podemos nos satisfazer é afirmá-Lo, é tender para Ele. Por isso somos totalmente pobres, porque diante do mistério de Deus o homem é nada, e a sua consistência é relacionar-se, obedecer-Lhe a cada instante"¹⁰⁹.

"O que domina ultimamente em mim", escreve uma de vocês, "é uma profunda gratidão pela preferência contínua de Jesus pela minha vida. Uma gratidão e uma comoção que estão superando até o escândalo do meu coração sempre mais necessitado: esta falta está se tornando a coisa mais cara que tenho, embora nem sempre eu tenha a graça de percebê-la".

Na missa que agora vamos celebrar, peçamos que Cristo desperte em nós toda a nossa falta d'Ele.

¹⁰⁹ L. Giussani, *Educar é um risco*. Bauru: Edusc, 2004, p. 33-34.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: 1Jo 1,5-2,2; Sl 102; Mt 11,25-30

HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA CARDEAL EDOARDO MENICHELLI ARCEBISPO DE ANCONA - OSIMO

A paz do Ressuscitado esteja com todos vocês.

Ele, presença viva, que desata os nós fortes das nossas prisões ilusórias e que, sobretudo, desafia como ninguém o desejo de liberdade com uma obediência imitativa d’Ele, que do amor obediente fez seu testamento e seu estandarte glorioso.

Ele, caríssimos, feito pobre para entender a mim, pobre, Ele satisfaça com verdadeira riqueza a vida de vocês e a minha.

Sou grato ao Pe. Carrón e a todos por este convite, que me faz rezar com vocês e por vocês e que reata em mim, reforça em mim algo que para vocês e para mim tem a identidade de pertença e direção vocacional.

Não sei se conseguirei dizer-lhes algo de útil. Direi, ainda que hesitante, algo sobre Alguém em quem acredito.

No centro desta minha pequena reflexão está a Páscoa. A Páscoa, em cuja graça vivemos, recorda-nos e anuncia-nos que a credibilidade – podemos dizer a fé – não é a evidência de uma ideia nem a propriedade de algo, nem uma soma asfixiante de regras, mas é manifestação de uma Pessoa. Este é o núcleo espiritual, íntimo e misterioso onde só se entra por meio do amor e da liberdade que ele gera.

Vejo-me totalmente no tema destes Exercícios: “O meu coração é feliz porque Tu, Cristo, vives”. Eu acrescentaria: “Eu te encontrei e Tu me libertaste”. E aqui vem ao nosso auxílio a experiência espiritual de Santa Catarina – cuja memória litúrgica celebramos – que consiste na fusão de um amor intenso de Cristo e por Cristo a um amor pela Igreja e pela história que a habita. E neste conúbio de amor com Cristo e com a Igreja, em Cristo e na Igreja, caríssimos, tudo é atraente, tudo é liberdade. Este encontro ou, se quiserem, esta descoberta deve ser construída, deve fazer-se fascinante evidência e trabalho e liberdade.

Vocês poderiam perguntar-me: “Em que ponto você está? Tem a consciência de ser livre porque tem tudo tendo a Ele? Percebe-O como contemporâneo?”. Não sei dizer, caríssimos, ou melhor, só sei dizer que tudo isto passa na e pela fidelidade à Páscoa e ao seu ser acontecimento de salvação, no qual estar e habitar, estando e habitando o tempo humano que nos é dado.

Naturalmente, todos nós sabemos que a Páscoa insere a minha vida de discípulo dentro de um duelo, no qual, como a liturgia pascal nos fez proclamar, morte e vida se enfrentaram e do qual o Senhor, que estava morto, saiu vivo e triunfante. Este é o ponto radical que ajuda a cada um de nós a atravessar a história e o tempo e as coisas, devido ao qual, como diz muitas vezes o Papa Francisco, a vida do discípulo que crê não é um *status* social, não é uma forma de viver uma espiritualidade que me torna bom e talvez ausente da história. Esta vida, a vida do discípulo, é o testemunho de uma fidelidade e de uma obediência.

E quanto a isto, convido-os a contemplar comigo brevemente três olhares essenciais da Páscoa.

O primeiro: antes de tudo, a reconhecibilidade do Ressuscitado. Não sei, mas às vezes acho que nos assusta mais a alegria do Ressuscitado – até os discípulos disseram: “É um fantasma” –, assusta-nos mais a alegria do Ressuscitado do que o entristecer-se pelo Crucificado. Fazer experiência de Cristo ressuscitado não é resposta de uma emoção nem descoberta de uma companhia esperada. É mais a novidade que alegra, que cria uma maravilha sedutora, é o Amado que nunca perderemos, é o Destino, é o Mistério que nos preenche. E esta, caríssimos, é para mim a primeira grande liberdade: o impensável é possível, o Morto caminha, agora, comigo.

O segundo olhar: aceitar o dom que o Ressuscitado nos deu. E o dom do Ressuscitado é o Espírito. “Recebei o Espírito”, disse o Ressuscitado aos onze amedrontados. O Espírito, é Ele quem nos faz reconhecer quem é, é Ele quem vai explicar cada coisa do mistério de Cristo. Sim, caríssimos, aqui reside toda a liberdade de que precisamos. No Espírito nada é estruturado, nada é velho, nada cheira a mofo. Deixar-se levar pelo Espírito, dom de Cristo ressuscitado, para fazer a vida frutificar, para festejar a existência mesmo que marcada pela cruz, para libertar a minha carne das seduções que ela oferece; acorrentar ou pretender acorrentar o Espírito e seus carismas é o pecado mais antipascal. O anúncio do Ressuscitado não é fruto das nossas palavras, nem das nossas alquimias ou análises sociais ou pastorais, sempre em busca de “novidade”. O anúncio de salvação passa pelo e no cotidiano, refrescado pelo Espírito que o anima. Quero lembrá-los de um passo do Evangelho. Jesus ressuscitado não se revela na gestualidade exagerada, mas na quotidianidade. Lembrem-se do lago de Tiberíades? O que disse aos doze que estavam lá? “Filhos, não tendes nada para comer?”

Gostaria de lhes dizer uma coisa, e espero que sejam misericordiosos comigo. Fico comovido ao dizê-lo. Vocês têm um carisma singular e fas-

cinante: não o deixem envelhecer, não o tornem um fóssil! Perguntem-se sempre: “O que o espírito da Páscoa quer hoje, agora, de mim?”.

E há o terceiro olhar pascal: Cléofas e seu amigo, quase desesperados e já sem desejos, mortos por dentro. “Reconheceram-no na fração do pão”, diz o Evangelho. O gesto da ceia pascal é o gesto que dá vida. Vamos lembrá-lo: “Tomou o pão”: era o Seu corpo; “partiu-o”: quer dizer “imolou-se”; “deu-o”: Seu pão comunica e dá vida; “faizei isto em memória de mim”: isto, não um gesto qualquer e sem significado, isto! “Vós o fizestes a mim”: em Seu nome e estranhamente em Sua vantagem (deve ser entendido este “Seu”). Aqui, acreditem, está a tipologia eucarística pascal do discípulo que crê e da Igreja, comunidade de fiéis, ainda que pecadores. Gosto da expressão do amado Dom Giussani: “A pobreza nasce da caridade”, é como dizer: “Se você ama, você se faz pobre”; ou então: “Se você ama, serve ao Cristo pobre que vê, agora!”.

Quero deixar-lhes, a este propósito, uma imagem que vi há alguns dias e que me educou. No nosso museu diocesano, em Ancona, está exposta há algum tempo uma tábua sobre as obras de Misericórdia, pintadas por um pintor desconhecido – para mim –, Olivuccio di Ciccarello. Olhando as várias figuras, notei que na cabeça de algumas delas havia uma coroa de glória. Fixei o olhar e vi que as figuras eram todas diferentes. Não era sempre a mesma figura que estava com a coroa de glória, e perguntei o porquê. As figuras com a coroa de glória não eram nem Cristo nem algum outro santo da caridade, mas a coroa de glória estava, sim, na cabeça dos destinatários da caridade, porque neles está presente Cristo. Aqui, para mim, está o testemunho crível do discípulo. Não envelheçam, acumulando! Sejam jovens, dando! E também aqui é assim que se vive a liberdade.

Amém.

ANTES DA BÊNÇÃO

Julián Carrón. Caríssima Eminência. Quero agradecer-lhe em nome de todos os amigos do Movimento o fato de ter aceitado tão alegremente estar aqui conosco esta manhã, partilhando sua companhia e presidindo a Eucaristia, na qual nos testemunhou o contragolpe que a Páscoa significa para o senhor, e somos gratos por esse testemunho porque é dar-nos algo de si ao compartilhar a coisa mais cara. Agradecemos-lhe, pois o senhor sempre nos abraçou onde estive; os nossos amigos de Ancona sempre me contam sobre a estima que tem pela graça que o Senhor nos deu. E pedimos-lhe, como nos encorajou esta manhã, que reze para ser-

mos fiéis, porque o senhor intui o quanto é uma graça para toda a Igreja o dom do carisma dado a Dom Giussani. Por isso lhe agradecemos de verdade por tudo.

Cardinale Menichelli. Sou eu quem deve agradecer, e espero vivamente que vocês possam ser a letícia e a alegria da Igreja. Obrigado.

* * *

Regina Coeli

Sábado, 29 de abril, tarde

Na entrada e na saída:

Johannes Brahms, Sinfonia n. 4 em mi menor, op. 98

Riccardo Muti – Philadelphia Orchestra

“Spirto Gentil” n. 19, Philips-Universal

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

“Tornarei evidente o poder do meu nome pela letícia de seus rostos”*

“Os teus olhos viam tudo e falavam ao coração, / as palavras traziam o fogo e a vontade de ir... ir.”¹¹⁰ Se prestarmos atenção ao que cantamos, descobrimos como tudo está ligado: a vontade de ir nasce dos olhos que viam tudo e falavam ao coração e das palavras que traziam o fogo. A ligação entre as coisas é interna, não é colada por fora, como algo acrescentado.

Tentemos então entender o que aparece na vida de um homem a quem aconteceu um encontro como o que descrevemos esta manhã, que foi capturado por aqueles olhos cheios de misericórdia, que encontrou a resposta à sua sede de significado e à sua necessidade de ser perdoado. Veremos como tudo brota de uma mesma fonte, nas entranhas da própria experiência.

Na *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco afirma que “o problema maior” na vida cristã “ocorre quando a mensagem que anunciamos parece [...] identificada com [...] aspectos secundários, que, apesar de serem relevantes, por si sós não manifestam o coração da mensagem de Jesus Cristo”. O conteúdo do anúncio cristão, com efeito, é outra coisa: um acontecimento que move o eu no profundo. Sem olhos, sem palavras que acendam o fogo, a pessoa fica “obrigada” a ir, só avança por um esforço e não pela vontade de não perder algo que viu, não pelo desejo de viver e de favorecer aquela vontade.

* *Confractorium* do IV Domingo do Advento, *Missale ambrosianum juxta ritum Sanctae Ecclesiae Mediolanensis*, editio quinta post typicam. Daverio: Mediolani, 1954.

¹¹⁰ C. Chieffo, “Andare...”. In: P. Scaglione, *La mia voce e le Tue parole*. Milão: Ares, 2006, p. 272.

Convém por isso “relacionar o nosso discurso com o núcleo essencial do Evangelho que lhe confere sentido, beleza e fascínio”.¹¹¹ O Papa insiste: “Tal como existe uma unidade orgânica entre as virtudes que impede de excluir qualquer uma delas do ideal cristão, assim também nenhuma verdade é negada. Não é preciso mutilar a integridade da mensagem do Evangelho. Além disso, cada verdade entende-se melhor se a colocarmos em relação com a totalidade harmoniosa da mensagem cristã: e, neste contexto, todas as verdades têm a sua própria importância e iluminam-se reciprocamente. [...] O Evangelho convida, antes de tudo, [como vimos esta manhã] a responder a Deus que nos ama e salva [...]. Este convite não há de ser obscurecido em nenhuma circunstância!”. Se o damos por óbvio, se o obscurecemos por considerá-lo “já sabido”, o cristianismo torna-se inevitavelmente, querendo ou não, um moralismo, porque se perde aquela origem, aquela nascente que o torna razoável e possível: “Se tal convite não refulge com vigor e fascínio, o edifício moral da Igreja corre o risco de se tornar um castelo de cartas, sendo este o nosso pior perigo”. O cristianismo vira uma ética, um moralismo. Mas então já não é cristianismo, e, se continuamos a usar as palavras cristãs, ele perde a sua verdade. E então, continua o Papa, “não estaremos propriamente a anunciar o Evangelho, mas algumas acentuações doutrinárias ou morais, que derivam de certas opções ideológicas. A mensagem correrá o risco de perder o seu frescor”, perder o interesse para nós, “e já não ter o ‘perfume do Evangelho’”.¹¹²

Coloquemos diante dos nossos olhos uma imagem que facilite a nossa compreensão. Imaginemos Zaqueu – a quem já me referi esta manhã – preso em suas próprias engrenagens. Tinha reduzido seu desejo de plenitude ao acúmulo do máximo de dinheiro possível. Mas tudo o que tinha obtido não lhe bastava. Demonstra isto o fato de que, quando ouviu falar de Jesus, do que Ele dizia e fazia e da atitude que tinha pelos outros, não pôde conter a sua “vontade de ir”, como dizia o canto! Aonde? Vê-Lo, ainda que de cima de uma árvore. E quando ouviu dizerem: “Zaqueu, desce, porque devo ficar na tua casa”, viu naquelas palavras a resposta a toda a sua necessidade de salvação. De fato, Zaqueu, como dissemos esta manhã, estava cheio da mentalidade que o circundava, que o penetrava até a medula, que lhe fazia pensar: “Não se iluda, para você não há salvação!”. Mas, quando teve a surpresa daquele “devo ficar na tua casa”, recebeu Jesus muito contente. E o Evangelho narra as palavras de Jesus:

¹¹¹ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, §34.

¹¹² *Ibidem*, §39.

“Hoje aconteceu a salvação para esta casa”.¹¹³ De que é que vemos que chegou a salvação? Daquilo que surgiu em Zaqueu com aquela visita imprevisível: “Senhor, a metade dos meus bens darei aos pobres, e se prejudiquei alguém, vou devolver quatro vezes mais”.¹¹⁴ Como veem, tudo está ligado. Imaginem todas as tentativas que os fariseus devem ter feito para obrigá-lo a mudar, jogando na sua cara todos os erros que tinha cometido. Não o tinham movido nem um milímetro. Jesus conseguiu movê-lo, com aquele olhar de misericórdia, que ia até a raiz do seu coração, e isto é o cristianismo. Quando falta a origem, já não é cristianismo, ainda que usemos as palavras cristãs.

É só da experiência da misericórdia que pode nascer uma letícia que muda tudo. Por isso, o Papa escolheu como título da sua proposta para a Igreja e para o mundo *Evangelii gaudium*, a alegria do Evangelho.

1. “A estimada alegria na qual toda virtude se fundamenta”

O nexa com a totalidade harmoniosa da mensagem cristã não é o resultado de um artifício intelectual de algum percurso mental complicado ou de algum esforço particular nosso. Tudo vem da experiência do encontro com Cristo. Dom Giussani ensinou-nos a surpreendê-lo na experiência dos que O encontraram primeiro, dos quais nos fala o Evangelho.

“Pensem em João e André: por toda a vida deles, o presente mais presente foi o presente daquele dia.” Prestemos atenção a esta frase: “O presente mais presente foi o presente daquele dia”. Não se fala de um fato do passado! O presente mais presente é algo que continua presente sempre. “Não há nada de comparável, exceto a renovação daquele dia todos os dias da vida deles. Passaram três anos como reis, e não porque dessem a volta ao mundo de avião ou fossem até a lua, mas pelo nexa que tudo o que faziam – olhar para a mulher, cuidar dos filhos, ir pescar, os amigos – tinha com Ele, de modo que, quando seguiam aquele homem pelas ruas, já não havia espaço para mais nada em seus corações.”¹¹⁵

Mas o mesmo aconteceu a Zaqueu: imaginem-no em silêncio, com os ouvidos cheios do tom daquela voz e o coração repleto da palavra de Jesus, de alguém que finalmente o tinha chamado pelo nome! É evidente como aquele chamado ecoava em tudo o que fazia, Zaqueu estava magnetizado pela presença d’Aquele que o tinha chamado: “Não a presença

¹¹³ Cf. Lc 19,1-10.

¹¹⁴ Lc 19,8.

¹¹⁵ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 363-364.

de alguém que olha para o outro lado, mas a presença de alguém que olha para você. É esta proximidade que desconcerta, pela qual a vida se transfigura”,¹¹⁶ tanto a vida de Zaquieu como a nossa. Não sou eu quem transfigura a minha vida! É esta proximidade, que desconcerta e revoluciona, que transfigura a vida.

Quando se dá semelhante Fato, tudo gira em torno dele. “Para Zaquieu”, continua Dom Giussani, “aquele homem se tornara o horizonte de tudo, por isso tudo o que pensava e julgava era expressão e estava em função daquele horizonte. Aquele rosto – vai ser interessante quando o virmos! –, aquele olhar de cima a baixo, e aquela palavra, e ele correndo para casa; aquele foi o horizonte de tudo para a sua vida, e por isso julgava, pensava e realizava tudo na vida, idealmente, partindo, tirando inspiração dali e em função daquele horizonte”¹¹⁷ que Jesus tinha introduzido na sua vida. Tudo o que ocorria tornava-se um acontecimento em seu âmbito, dentro do horizonte daquele olhar. Para Zaquieu, a coisa decisiva da vida – devido à qual, daquele dia em diante, já não era ele mesmo, mas outro, ou seja, mais completamente ele mesmo – foi aquele contragolpe, aquele entusiasmo que descobriu em si.

De onde nascia aquele entusiasmo? Do encontro com aquele Homem. “Tudo estava lá, por toda a vida tudo esteve lá, foi aquele homem lá; aquele homem que depois morreu, que depois viu ressuscitado...”¹¹⁸ Em Zaquieu o entusiasmo nascia do contragolpe acolhido e abraçado – todo dia, todo instante, quando andava pela rua, quando fazia silêncio, quando se atrapalhava, quando não se aguentava mais – do encontro com aquele Homem, nascia do reconhecimento da Sua presença excepcional. O entusiasmo, portanto, nascia da fé.

Então, “se tivermos consciência d’Aquele que está entre nós, [...] não é a dificuldade o que nos assusta. Como a mãe quando a criança chora e a acorda de noite: não é o trabalho que assusta, mas a fé que entusiasma. Entusiasmo é uma palavra que significa – de algum modo – tornar tudo divino. Tornar tudo divino quer dizer olhar para as pessoas e as coisas de certa maneira, sentir as pessoas e as coisas de certa maneira, procurar tratá-las com verdade e nunca se cansar, até morrer por elas. É a fé que nos entusiasma”.¹¹⁹

¹¹⁶ Anotações da palestra nos Exercícios Espirituais dos noviços dos Memores Domini, Le Pianazze (PC), 7 de agosto de 1982, conservados na Secretaria dos Memores Domini, Milão.

¹¹⁷ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 442-443.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 424.

¹¹⁹ L. Giussani, “Esta cara gioia sopra la quale ogni virtù si fonda...”, suplemento de *CL-Litterae Communionis*, op. cit., p. 38.

Portanto, a fé é o reconhecimento da grande presença de Deus feito homem. Mas de que tipo de reconhecimento se trata? Não é como observar uma estátua, uma imagem ou um monumento na nossa frente. A “fé é reconhecer-Lo dentro do acontecimento da vida, do dia, dentro do acontecimento do presente, do instante. Fé é reconhecer a Grande presença diversa que acompanha a nossa pequena e mortal”.¹²⁰ É este reconhecimento livre o que impede que a nossa doença se torne mortal, que a nossa fraqueza se torne nada. Não é suficiente afirmar coisas verdadeiras: se esta Presença não determina a minha vida a partir de dentro, significa que fica fora de mim. Deve entrar em ação esse reconhecimento livre para que a Sua presença vibre nas entranhas do nosso eu, naquilo que fazemos, não no que não fazemos, em tudo o que tocamos, em tudo o que olhamos, em tudo o que sofremos, em tudo o que suportamos, até quando erramos. É neste reconhecimento que nasce, como em Zaqueu, toda a alegria de acolhê-Lo em casa. “E o recebeu com alegria”, diz o Evangelho.

“A estimada alegria na qual toda virtude se fundamenta é a fé, é a alegria do encontro que fizemos, é a alegria do acontecimento que se deu conosco e é o acontecimento que se deu conosco, é a alegria do encontro feito que nos faz desejar mudar.” Dom Giussani incita-nos a olhar os sinais inequívocos da germinação em nós desse desejo que nasce da fé, do choque do encontro: “É verdade ou não que muitos entre nós, todos entre nós, temos desejos de bem que antes não tínhamos, temos sede de pureza que antes não conhecíamos, temos anseio por uma justiça que antes não conhecíamos, temos um senso maravilhado da beleza e da grandeza do milagre da gratuidade ou da caridade que antes nem sequer poderíamos sonhar? Nós começamos a desejar essas coisas por causa do que nos aconteceu”. Como aconteceu a Zaqueu, “a estimada alegria da fé, este precioso dom da fé que se reaqueceu e reviveu no encontro feito, nos faz desejar a virtude, nos faz desejar uma mudança de nós mesmos conforme a vontade de Deus. E o desejo da mudança – que não é verdadeiro se não se torna pedido a Deus – já é o gesto, o movimento do bem na nossa vida”.¹²¹

O que muda? A relação com as coisas. Zaqueu “estava cheio daquele olhar e, como consequência, pensou: ‘Pois bem, vou dar tudo o que roubei’”.¹²² O milagre daquele encontro transformou totalmente a vida de

¹²⁰ *Ibidem*.

¹²¹ *Ibidem*, p. 46-47.

¹²² Anotações da palestra nos Exercícios Espirituais dos noviços dos Memores Domini, Le Pianazze (PC), 7 de agosto de 1982, conservados na Secretaria dos Memores Domini, Milão.

Zaqueu. Por isso passou bem longe dele o medo de perder algo, porque o fato de ter ficado totalmente preenchido por aquele nome tomou a dianteira de todas as prioridades e de todos os objetivos que formavam a sua vida antes que Jesus o chamasse. Foi a mesma experiência de São Paulo: “Essas coisas, que eram ganhos para mim, [...] considero como lixo”.¹²³

“É graças a este abraço de misericórdia”, lembrava-nos o Papa no dia 7 de março de 2015, “que surge em nós o desejo de responder e de mudar, e que pode nascer uma vida diferente”.¹²⁴ Observamos também neste caso o nexo entre as coisas: só quando encontra uma resposta verdadeira a pobreza radical de que falávamos esta manhã – a sede de significado e a necessidade de perdão que somos – é que poderá brotar de dentro desta experiência única de correspondência e de senti-Lo dentro das nossas entranhas, como gratidão, também a pobreza material. Porque nada é deixado de fora da novidade que Cristo é para a vida do homem. Se não chegasse a tocar tudo, até o bolso, o acontecimento de Cristo não seria verdadeiro: não porque se demonstraria muito pouco exigente, mas porque não nos libertaria totalmente, não seria suficientemente atraente a ponto de nos liberar até mesmo da riqueza material, ou seja, não responderia até o fundo à nossa necessidade, deixaria de fora uma parte dela, que continuaríamos a achar que podemos satisfazer por conta própria, com alguma posse nossa. No entanto, a verdade de Cristo, a verdade que é Cristo, comprova-se para Zaqueu no fato de a Sua presença ter tomado a dianteira de tudo, até o ponto de chegar ao bolso.

2. A virtude da pobreza

“Se pertencemos a Cristo”, diz Dom Giussani, se Cristo está presente na vida, se Cristo é imanente à vida, então nós, assim como Zaqueu, “não pertencemos às coisas que temos”, porque há algo mais, maior, que prevalece: isto é o que se chama *pobreza*. “Porque a riqueza é o apego a si, à própria medida, à própria imagem. [...] A pobreza radica na consciência que eu sou não na medida em que tenho isto ou aquilo.” Dom Giussani adverte-nos, sem poupar ninguém: “Vejam que a frase: ‘Nós identificamos a nossa consciência naquilo que possuímos’ – que é a frase que define todos os homens deste mundo – é uma terrível possibilidade para nós também”.¹²⁵ É só Cristo começar a tornar-se um fato do passado, é só

¹²³ Fl 3,7-9.

¹²⁴ Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

¹²⁵ ASAEMD, *Registrazioni audiovisive*, OR.AUDIO/1030, Retiro de Quaresma. Palestina da tarde de 19 de fevereiro de 1983; transcrição da gravação.

Cristo deixar de determinar o presente, é só Cristo não prevalecer e não ser a coisa mais interessante da vida, que logo começamos a preencher a vida com outras coisas.

E então o que acontece? Colocamos a esperança da nossa felicidade na posse disto ou daquilo. A pobreza é, porém, “não pôr a esperança da felicidade num objeto fixado por nós. Duvido que algum de vocês já tenha ouvido esta definição de pobreza, que é profundamente contraditória a todas as imagens de pobreza que vocês já imaginaram. Ao passo que a pobreza é uma virtude que nasce [atenção aos nexos entre as coisas!] da ontologia profunda do homem [da mudança radical que Cristo introduz na vida do homem]: o seu ser uma só coisa com Cristo, estar na presença de Cristo”.¹²⁶ É isto o que torna a pobreza possível.

Para facilitar a nossa compreensão, identificando-se como sempre com os relatos do Evangelho, Dom Giussani imagina esta situação: “Se vocês tivessem entrado na casa naquelas duas ou três horas em que João e André estiveram lá e tivessem dito: ‘Espere um momento, mestre, pare! João e André, vocês querem alguma outra coisa? A felicidade, a alegria, a segurança, a luz de vocês está em alguma outra coisa? Vocês querem alguma outra coisa?’, eles os teriam botado para fora como quando uma pessoa está contemplando um lindo quadro e outro cretino fica na sua frente: segura-o e puxa-o para longe, à força! Se está presente, a nossa esperança não pode estar apoiada senão nessa presença, não numa coisa que nós queiramos”.¹²⁷

A pobreza, portanto, “torna-se possível com o fato de Cristo estar presente, de a esperança dominante [da vida] ser Cristo, de o objeto do meu olhar ser Cristo”.¹²⁸ É o oposto do moralismo. A pobreza é fruto da Sua presença na nossa vida, senão é como “um castelo de cartas”, que desaba de uma hora para outra. Se não houver pobreza em nós, de nada adiantarão censuras e propósitos, estarão todos fadados ao fracasso. Peçamos antes que Cristo nos atraia e nos conquiste novamente, voltemos para Ele assim como somos. Se não o fizermos, significa que já começamos a nos afastar. Quem de nós, ao menos por um momento em sua vida, não ficou totalmente tomado por Cristo, pelo encontro com Ele? Não estaríamos aqui, garanto que nenhum de nós estaria aqui! Por isso é para esse momento que temos de olhar, para a origem; e quando falta algo temos de voltar para lá, como mendigos, e pedir de joelhos –

¹²⁶ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 345.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 345-346.

¹²⁸ *Ibidem*, p. 388.

como escutamos ontem à noite – que o Senhor tenha piedade de nós. Senão estaremos à mercê de tudo e nunca ficaremos felizes, viveremos como “canhões soltos no convés”.

Como dissemos nos Exercícios do ano passado, é sempre uma “história particular [...] o ponto chave da concepção cristã do homem”.¹²⁹ Nem um discurso nem um apelo ético têm o poder de nos tomar totalmente e de gerar outra forma de olhar e tratar as coisas. É só porque Cristo está presente e domina a minha vida, a preenche e responde à espera do meu coração, que eu me surpreendo livre perante tudo. Fora desta experiência da Sua presença que domina, os apelos à pobreza são infrutíferos, desprovidos de eficácia, não têm a força para nos mudar, e a sua realização obtém o resultado oposto ao esperado. É por isso que reduzir o cristianismo a uma ética é um fracasso em todos os sentidos. Olhemos para Zaquêu: todos os apelos possíveis e imagináveis para mudar o estilo de vida, que lhe foram dirigidos pelos fariseus, não o moveram nem um milímetro. Cada um de nós pode encontrar a confirmação disto na própria experiência.

A pobreza é “não depositar a própria certeza em nada exceto um presente, [...] naquilo que nos é presente *sempre*”. Ou seja, para ser pobre, é preciso que Cristo seja presente, é preciso que o cristianismo seja um acontecimento presente (e, se não for um acontecimento presente, não é cristianismo). Eis pois a alternativa: ou o cristianismo é um acontecimento que toma tudo de nós, a partir de dentro, que nos permite fazer uma experiência única de superabundância, e por isso nos torna livres de tudo – da variedade de migalhas em que depositamos a nossa esperança –, ou então sempre estaremos à mercê de uma ou outra posse ou projeto. Mas isto equivaleria a admitir que não há uma resposta à nossa sede, à nossa necessidade, porque, ainda que realizasse tudo o que temos na cabeça, isso não seria capaz de realizar realmente a nossa vida, como tantas vezes já experimentamos. E seria realmente de chorar, não pelo fato de não sermos suficientemente coerentes, mas pela impossibilidade de sermos nós mesmos. Não haver Cristo, esta seria a verdadeira desgraça! Significaria que não há possibilidade de resposta a toda a espera que temos. Cristo é uma presença presente: “A presença de Jesus, que é de todo dia, de todo empenho nosso com as circunstâncias, vocês a veem lá com o canto dos olhos”.¹³⁰ É nisto, no reconhecimento da Sua presença presente, que se fundamenta a nossa esperança.

Dom Giussani desenvolve de maneira fascinante a insistência do Papa, referida no início, na “unidade orgânica entre as virtudes”, mos-

¹²⁹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 82.

¹³⁰ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 345.

trando como a pobreza nasce da esperança e é “uma consequência da dilatação até os extremos confins da esperança. A esperança dilata seus confins até a extremidade do mundo, até os umbrais do céu; a pobreza é uma consequência dela”.¹³¹ Por que nasce da esperança, como fruto da fé, a pobreza? Porque só quem tem uma certeza no futuro fundamentada, por uma profunda certeza no presente – pela posse de Cristo presente –, é que pode não se apegar ao que tem ou ao que projeta como perspectiva de realização da sua pessoa, é que pode não apoiar em certa posse estabelecida por ele a sua consistência e as suas expectativas de felicidade. Vemos isto na vida quotidiana, positiva ou negativamente. Um exemplo entre muitos: se não tenho certeza de que minha mulher ou meu marido não vai me largar em poucos anos dizendo: “Não quero mais saber de você”, eu não vou pôr os bens em comum nem sonhando, e vou preferir sem dúvida a separação de bens (independentemente das questões fiscais). Só havendo uma esperança para o futuro é que se pode chegar também à comunhão de bens; senão será impossível, porque não se pode confiar um no outro.

“Faço questão de deixar isto claro”, ressalta Dom Giussani, “porque esta é a coisa mais importante [...]. A fé me faz reconhecer Cristo presente, eu possuo Cristo e por isso tenho certeza sobre o futuro, esta é a esperança”. É só por essa certeza no futuro – que nasce da relação com Cristo e se chama esperança – que eu posso não ligar a minha consistência ao que tenho, que eu posso ler livre de tudo. Então, “o que se opõe a essa esperança é qualquer forma com que o homem fixa numa coisa determinada e escolhida por ele a sua certeza, ou no presente ou no futuro, o que dá no mesmo. E esta é a grande ilusão, porque não há nada do que você possui em que “você possa depositar a sua esperança. Em nenhuma posse você pode colocar a sua esperança no futuro, porque aquilo que você possui, amanhã, o tempo ou uma bicicleta tiram de você: a bicicleta que violentamente bate numa pessoa, esta cai, bate com a cabeça na calçada e morre; aí amanhã, em vez de festejar o casamento você vai ao enterro”.¹³² Como é verdade para cada um de nós! Sem quase nos darmos conta, atrelamos a expectativa do futuro à realização deste ou daquele resultado, à posse de tal pessoa, de tal coisa ou situação.

A pobreza então é consequência da esperança, ou seja, da certeza de que Cristo cumpre, porque o que desejamos é uma Presença presente (e se não fazemos já experiência disto, ninguém conseguirá separar-nos

¹³¹ Ibidem.

¹³² L. Giussani, *É possível viver assim?* São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, p. 213.

do que possuímos). E ao mesmo tempo é condição para “salvar” esta esperança: “A pobreza salva essa esperança no futuro, não atrapalha essa esperança no futuro porque não nos deixa pôr a nossa esperança em uma certa posse presente”.¹³³ Isto nos permite entender o que o Papa escreve na carta, dizendo que “a pobreza é mãe e é muro”. Essa relação nova com tudo que leva o nome de pobreza é, de fato, geradora: “A pobreza gera, é mãe, gera vida espiritual, vida de santidade, vida apostólica”. A pobreza gera vida, não é uma desgraça. É mãe “e é muro, defende”,¹³⁴ acrescenta o Papa, defende-nos do apego às coisas.

A pobreza, esta não posse que nasce da fé por meio da esperança, é ao mesmo tempo a única posse autêntica, a possibilidade de uma verdadeira e completa afirmação do outro: “A pobreza também se pode definir com esta frase: a afirmação de outro como significado de si. A afirmação de outro como significado de si, por si, é amor; mas dinamicamente, por como se dá, é pobreza, porque liberta daquilo a que nos agarraríamos. [...] A pobreza é condição do amor (até porque uma pessoa que se sente rica não precisa de nada naquele momento; talvez use, mas não ama)”.¹³⁵

Depois de termos atentado para a origem da pobreza, perguntemo-nos: como é que reconhecem que Cristo me aconteceu, que a minha vida é caracterizada pela certeza da Sua presença e, assim, daquela certeza no futuro que se chama “esperança”? Em que se revela a pobreza vivida?

Dom Giussani indica-nos três pontos, que são três consequências ou três sinais.

a) Liberdade perante as coisas

Pois que Cristo faz meu coração explodir de plenitude, eu sou livre das coisas: “A pobreza é aquela **liberdade perante as coisas** – também dos rostos – que se dá como consequência da identificação clara daquilo de que podemos esperar a felicidade, daquela Presença da qual esperamos tudo, que é tudo: ‘Tudo para mim Tu foste e és’, dizia Ada Negri”.¹³⁶ Aquilo de que podemos esperar a felicidade é uma Presença presente.

Portanto, a raiz profunda da liberdade perante as coisas é a relação com Cristo: “Se Cristo lhe dá a certeza de cumprir aquilo que Ele o faz desejar, então você é libérrimo das coisas [...]. Você não é escravo de nada, não está ligado a nada, não é acorrentado a nada, não depende de nada:

¹³³ Ibidem, p. 212.

¹³⁴ Francisco, *Carta a Julián Carrón*, 30 de novembro de 2016.

¹³⁵ L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, op. cit., p. 369-370.

¹³⁶ Ibidem, p. 346.

“você é livre. [...] Ora, você não é escravo daquilo que usa, pois é escravo somente d’Aquele que lhe dá a certeza da sua felicidade. A pobreza se revela como liberdade das coisas”.¹³⁷

O fundamento da pobreza assenta-se na certeza de que Deus cumpre o que nos faz desejar. “Em que a pobreza fundamenta o seu valor? Na certeza de que é Deus que cumpre; Cristo cumpre o desejo que faz nascer em você: ‘Aquele que começou em vós essa boa obra há de levá-la à perfeição até o dia de Cristo Jesus’.”¹³⁸ Prestemos atenção às palavras de Dom Giussani: o fundamento, diz, é a certeza; não um raciocínio e tampouco um esforço moral, mas uma certeza – de realização futura, que é a certeza de uma presença – sem a qual inevitavelmente nos apegamos a tudo. “A pobreza ocorre porque uma certeza maior permite que nos desprendamos de algo ao que estivemos ligados até agora.”¹³⁹

Esta liberdade vê-se, surpreende-se no modo como nos relacionamos com as coisas, com as pessoas, com o que nos acontece na vida, como diz São Paulo: “Eu digo, irmãos: o tempo abreviou-se. Então, que, doravante, os que têm mulher vivam como se não tivessem mulher; os que choram, como se não chorassem, e os que estão alegres, como se não estivessem alegres; os que fazem compras, como se não estivessem adquirindo coisa alguma, e os que tiram proveito do mundo, como se não aproveitassem. Pois a figura deste mundo passa”.¹⁴⁰ Mas semelhante liberdade só é possível se Jesus for “‘imane[n]te’, [...] presente dentro da vida”; apenas com esta condição é possível “deixar o que se queria ter: o dinheiro, a saúde, a namorada, a carreira, a honra, o cargo político”.¹⁴¹ A pobreza é pois a “eliminação da posse mundana que quer dizer apoiar, muito ou pouco, a própria esperança – o significado da própria vida e a consistência da própria pessoa – naquilo que se tem ou naquilo que se planeja”. É a recomendação de Jesus: “Não cuideis do que haveis de vestir ou comer, o vosso Pai que está nos céus sabe do que tendes necessidade”. Mas que significa isto? Será que quer dizer “não ter roupas e não ter comida? Não, não quer dizer isto. Quer dizer não se planejar para vestir e para comer? Não, não quer dizer isto. É uma maneira de possuir as coisas, é não apoiar nelas a esperança e a consistência da vida”.¹⁴²

¹³⁷ L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 214.

¹³⁸ *Ibidem*.

¹³⁹ L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, op. cit., p. 387.

¹⁴⁰ 1 Cor 7,29-31.

¹⁴¹ L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, op. cit., p. 389.

¹⁴² ASAEMD, *Registrazioni audiovisive*, OR.AUDIO/1458, Encontro da casa, Gudo Gambaredo (MI), 23 de março de; transcrição da gravação.

Dom Giussani não está nos convidado a desprezar as coisas. De fato, ele diz que “a definição que Jesus dá de pobreza [...] não é a abolição ou a censura de algo: de nada, de nada!”. E lembra-nos a frase de São Paulo que o afirma abertamente: “Tudo o que é belo, tudo o que é bom, tudo o que é digno de louvor, tudo o que traz fama, que atraí o louvor dos outros, fazei tudo isso”. Portanto, ressalta Dom Giussani, a pobreza é “o desprendimento de uma *determinada* forma” de ter as pessoas e as coisas, “mais precisamente o desprendimento da forma com que se trata a pessoa ou a coisa que se tem à frente não segundo o universo (o desígnio de Deus), não segundo o sentimento que Deus tem, mas segundo o sentimento que se tem, isto é, segundo a reação que se experimenta; seguindo a própria reação e não a destinação objetiva da coisa”. Pobreza, portanto, não significa de modo algum uma desvalorização das coisas, mas é “aquele desprendimento que olha com positividade, sem exceção, para tudo, para tudo o que acontece”. Olho tudo com positividade, mas não ponho a minha esperança no que, embora verdadeiro e belo – pessoas e coisas –, não é suficiente para dar consistência à minha vida. Introduce-se assim uma maneira diferente de olhar para tudo: o respeito. Porque “respeito quer dizer olhar para uma coisa dominado pela presença de outra – [...] olhar para uma coisa seguindo outra com o canto dos olhos”. Quer dizer: “o Mistério que faz você domina a mim enquanto olho para você, enquanto penso em você. Isto é o desprendimento: você não é minha. E, com efeito, toda a minha relação com você se esgota em afirmar você”.¹⁴³

b) Letícia

Qual é o sinal da pobreza entendida como liberdade perante as coisas? A letícia. “Dessa liberdade das coisas, que nasce da certeza de que Deus realiza tudo, brota mais uma característica do espírito pobre que é a letícia”¹⁴⁴ Quanto mais for madura, quanto mais se tornar habitual a certeza de que Deus cumpre e quanto mais nos tornarmos livres das coisas, tanto mais nos tornamos felizes. “A letícia não floresce em outro terreno. [...] A letícia nasce exclusivamente no terreno desta consciência de pobreza.”¹⁴⁵ A nossa letícia não depende do que possuímos, porque fomos libertados por Aquele que nos aconteceu. A origem da nossa letícia é o reconhecimento de que Cristo existe, de que Ele está presente.

¹⁴³ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 392, 395, 396.

¹⁴⁴ Idem, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 215.

¹⁴⁵ Idem, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 347.

Mas quem poderá convencer-nos disto, quando ao nosso redor todos dizem o contrário? É preciso descobrir a verdade disto na própria vida. Mas esta descoberta é só para corajosos, para quem aceita o risco de verificar que a relação com Cristo presente liberta e traz alegria, em qualquer condição que nos encontremos, como nos testemunhou a pessoa da carta desta manhã. Senão ninguém nos convencerá e tentaremos justificar a nossa posse das coisas.

Dom Giussani relembrou e documentou incansavelmente o dinamismo do qual brota a letícia: “‘Sou feliz’ quer dizer: ‘O meu coração é feliz porque Deus vive’”.¹⁴⁶ É o fato de que Deus vive, que está presente, o que me assegura quanto ao passado, ao presente e ao futuro, e por isso me enche de letícia. “A consistência da vida, a felicidade que o futuro nos reserva, não está naquilo que aparece.” Aquilo que aparece e passa não é capaz de garantir algo para o futuro. Então não pode oferecer um fundamento suficientemente consistente para a letícia. “A esperança não pode ser colocada no fato de que uma pessoa tenha mulher, de que tenha namorada. A letícia não deriva disso, disso deriva o contentamento, mais ou menos passageiro, mas não a letícia, porque a letícia se apoia numa posse cuja perspectiva não acaba mais.” Isto explica por que, mesmo quando se realizam os nossos projetos e obtemos o que queríamos, ficamos contentes, o quanto quisermos, mas não cheios de letícia. Porque a fonte da letícia é outra. Então “não há outra fórmula da letícia mais bonita do que esta: quem tem, seja como se não tivesse. Quer tenha, quer não tenha, é a mesma coisa... Mas ter alguma coisa que dura para a eternidade... não, isto não pode ser a mesma coisa! Se você tem algo que dura para a eternidade”, isto torna diferente “o amor, o amor do homem pela mulher, o amor pelo companheiro, o amor pelos pais, o amor pelo sol que nasce”.¹⁴⁷

c) Livre porque nada lhe falta

Quando nos apoiamos em algo que permanece – ou seja, no divino –, não nos falta nada, “porque tudo é seu”. Tudo é seu. “Como assim tudo é seu?”, pergunta Dom Giussani. Porque “você tem aquilo que lhe é necessário. Você tem tudo o que lhe é necessário.”¹⁴⁸ É impressionante a afinidade com as palavras de São Paulo: “Tudo vos pertence: Paulo, Apolo, Cefas, o mundo, a vida, a morte, o presente, o futuro, tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus”.¹⁴⁹

¹⁴⁶ Idem, *L'attrattiva Gesù*, op. cit., p. 281.

¹⁴⁷ Idem, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 216-217.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 218.

¹⁴⁹ 1 Cor 3,21-23.

É esta a pobreza que o fascínio de Jesus introduz na história, na nossa vida, a fim de não permanecermos constantemente acorrentados ao sucesso dos nossos projetos. A Sua presença cola-nos de tal forma a Ele, preenche-nos a tal ponto da Sua plenitude, que chega a nos tornar livres, cheios de letícia, porque já nada nos falta.

3. Do ímpeto inicial à luta da vida

Dêmos um passo mais adiante. Como dizíamos no começo, a alegria da fé faz brotar um desejo de mudança. Mas não se trata de nada de automático. Para Zaqueu, como para todos os que Jesus chamou e envolveu consigo, não o foi. Zaqueu, diz Dom Giussani, “estava cheio daquele olhar e depois, como consequência, pensa: ‘Pois bem, vou dar tudo o que peguei’. Mas é uma consequência que durou por toda a vida, porque não é automático”. O desejo de pertencer a Ele é total desde o início, mas seu desenvolvimento não é automático, e de fato continua por toda a vida. Portanto ninguém deve medir-se, pois na relação com o Mistério não há medidas: “Cada um de nós conhece o ímpeto com que se dá, e que depois retira, por isso é a luta da vida. Mas o que torna já agora a vida transfigurável tornou-se um fato”. Já temos o “vírus” – um vírus benigno, evidentemente – dentro de nós, a Sua presença já abriu uma brecha na nossa vida. “É o contrário do episódio do jovem rico (Mt 16,19-30), um homem a quem Cristo diz: ‘Vem e segue-me’, ou seja, quero estar perto de você. E o Evangelho diz: ‘O jovem foi embora cheio de tristeza’: o jovem rico, triste.” Eis então a alternativa que se mostra a partir de tudo o que estamos dizendo e que vemos tantas vezes no nosso mundo: “Ou transfigurados ou tristes, porque não se pode ficar parado no mesmo lugar de antes quando Cristo chamou”; depois que Cristo nos chamou e veio ao nosso encontro, não podemos ficar como antes: “Ou transfigurados ou tristes, [...] ou se fica mais triste [...] ou então se fica transfigurado”,¹⁵⁰ por causa daquela novidade que Cristo introduziu na vida. De fato podemos ser ricos de dinheiro, de projetos, de ideias, e porém ser tristes.

Mas esta transfiguração não é mecânica nem tampouco acontece de uma vez por todas. Zaqueu não eliminou automaticamente todos os seus erros. “Quando Zaqueu se sentiu investido por aquele olhar e por aquele convite, disse: ‘A metade dos meus bens darei aos pobres e, se prejudiquei

¹⁵⁰ Anotações da palestra nos Exercícios Espirituais dos noviços dos Memores Domini, Le Pianazze (PC), 7 de agosto de 1982, conservados na Secretaria dos Memores Domini, Milão.

alguém, vou devolver quatro vezes mais’, mas dois dias depois com a mulher, sete dias depois com os filhos, talvez tenha ficado irritado, e aquele horizonte despertado, definido por aquele rosto e por aquela voz que o tinha chamado, por aquele homem que tinha ido à sua casa, trouxe-lhe uma dor aguda por ter maltratado a mulher. E no dia seguinte, suponhamos, pediu-lhe desculpas ou não lhe disse nada. Mas no dia seguinte, duas horas depois do dia anterior, irritou-se novamente. Então, se a coerência for a regra do caminho ético, do caminho moral, da coerência, nós não somos capazes! [...] A coerência é graça, é a renovação da surpresa do encontro com algo que é mais do que você, sem o qual você não seria você mesmo.”¹⁵¹

No encontro com Jesus o método foi colocado nas mãos de Zaqueu: deixar entrar uma presença, em vez de confiar-se a um esforço moralista próprio, que já se tinha demonstrado incapaz de transformá-lo. O cristianismo, como eu dizia antes, é um acontecimento. E, quando se torna moralismo, muda de natureza. Já não é cristianismo, ainda que continuemos a usar as palavras cristãs.

Vocês lembram o que nos disse o Papa na Praça São Pedro? “A moral cristã é uma resposta, é a resposta comovida a uma misericórdia surpreendente, imprevisível e, segundo os critérios humanos, até ‘injusta’, de Alguém que me conhece, conhece as minhas traições e que, no entanto, me ama, me estima, me abraça, me chama de novo, espera em mim, espera algo de mim. A moral cristã não consiste em nunca cair, mas em levantar-se sempre, graças à sua mão que nos resgata.”¹⁵²

A presença de Cristo introduz na vida uma luta. Por quê? Dom Giussani diz: “O cristianismo é de tal forma um dom que foi feito para a nossa natureza”, que o cristão – “ou seja, quem vive a conversão, quem vive então a consciência de pertencer a Cristo, [...] quem vive a memória de Cristo – é outro homem. [...] É outro nascimento”. Eis então o problema. Porque, apesar de ter ocorrido esse nascimento, apesar de ter acontecido esse encontro, “nós continuamos feitos de carne e osso, nós também continuamos nascidos do nosso pai e da nossa mãe. ‘E pecador já minha mãe me concebeu’ [...]. É verdade, nós continuamos dentro do sepulcro e do sufocamento dos limites carnis em que continuamos a nascer, e esse segundo nascimento é como algo de extraordinariamente alheio”. É por isso que se verifica “este fenômeno pelo qual, já que a fé nos foi dada – e num encontro realmente gracioso, realmente providencial (vai saber por

¹⁵¹ L. Giussani, *Qui e ora. 1984-1985*, op. cit., p. 432- 433.

¹⁵² Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

que Deus o deu!) –, em certos momentos a nossa alma fermenta, diante do chamado a nossa alma ‘acorda’, move-se, mas depois o olhar pela vida de todos os dias volta a deixar tudo liso, tudo homogêneo, tudo pesado, tudo delimitado, tudo sufocado. E é como se nunca conjugássemos esses dois momentos de pensamento e de olhar por nós mesmos, se não de fora”. Como dizíamos ontem, eles não se juntam a não ser “de forma moralista [ou formalista], no sentido de que, uma vez que temos a fé, certas coisas não podem ser feitas, outras coisas precisam ser feitas”. E então “o que fazemos ou não fazemos não é expressão de uma consciência nova (conversão), de uma verdade de nós [que nasce de dentro de nós], mas é como um pedágio pago, tributado a algo de fora, ainda que devota e profundamente reconhecido e estimado”.¹⁵³

Aqui podemos entender melhor o alcance daquilo para o qual Dom Giussani nos chamou a atenção no trecho de ontem à noite: “Qualquer expressão de um movimento como o nosso, se não faz nascer do íntimo das experiências concretas que se vivem o apelo à memória da presença de Cristo, não serve. Aliás, piora a situação do humano, porque favorece o formalismo e o moralismo”.¹⁵⁴

A alternativa – que indica o motivo da luta – é clara: “Ou Deus é a vida, ou então é como se ficasse para fora da nossa porta”.¹⁵⁵ E aqui entra em questão de novo o mistério da liberdade do homem (“Queremos que conquiste esta salvação por si próprio”,¹⁵⁶ escreve Péguy). Como? “A objeção da nossa carnalidade, a objeção do peso sepulcral dos limites das coisas quotidianas, que nos fazem viver na indiferença, no cinismo ou no desgosto e no tédio, conforme os momentos ou o estado de espírito, tudo isto deve ser quotidianamente investido e transpassado, desafiado, desafiado agora pela esperança cristã.”¹⁵⁷ Senão o formalismo se espalha entre nós, e a novidade que encontramos não muda a vida de todos os dias. Mas isto implica necessariamente a nossa liberdade.

Por isso a luta é contínua. E só quem permanece fiel poderá ver o triunfo, a vitória de Cristo na vida, aceitando o ritmo humano da mudança, que passa por meio da nossa liberdade. É neste nível que podemos entender a dimensão e a finalidade do nosso estarmos juntos, como nos aponta Dom Giussani no livro dos Exercícios: “A fraternidade é sim-

¹⁵³ Ver aqui, p. 16.

¹⁵⁴ Ver aqui, p. 15.

¹⁵⁵ Ver aqui, p. 16.

¹⁵⁶ Ver aqui, p. 5.

¹⁵⁷ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 195-196.

plesmente uma ajuda para viver a verdade de mim em tudo o que faço, [...] e a verdade de mim em tudo o que faço é que pertenço a Outro. [Muitas vezes pensamos:] “Mas eu, assim?!”. Sim, eu assim, assim como sou, pertenço totalmente a Outro”.¹⁵⁸ Mesmo continuando a errar, o que me aconteceu nunca se apaga. É um acontecimento que se estabelece na raiz de mim. Eu fui marcado para sempre por esse encontro. Nós nos damos conta disto quando uma pessoa abandona a Fraternidade, mas não consegue deixar de sentir toda a saudade do que viveu – se viveu algo realmente significativo –.

Nós estamos juntos porque temos a esperança de que a “consciência [...] de pertencer a Cristo” invista “as coisas de todos os dias, a vida de todos os dias, as ações de todos os dias, na família, no trabalho, no Movimento, na sociedade”. Caso contrário, o cristianismo perderá todo o seu interesse aos meus olhos, porque, diz Dom Giussani, acabarei “sufocado no cinismo, na superficialidade satisfeita ou no desespero do tédio”.¹⁵⁹

“Para esperar, minha filha, precisa ser muito feliz, precisa ter obtido, recebido uma grande graça”, escreve Péguy. A esperança de que a nossa vida quotidiana seja investida em todo e qualquer aspecto por Cristo vem de ser muito feliz, de ter recebido uma grande graça. E Dom Giussani logo afirma: “Meus amigos, a grande graça é esta realidade em que estamos: é o que a Igreja chamou de Fraternidade, é esta experiência da fé”. Todos nós estamos aqui porque “em algum momento houve algo inexprimível, houve uma percepção, um pressentimento, uma emoção, houve um tom persuasivo: esta é a grande graça que obtivemos, conforme toda a discrição com que Deus normalmente se move na vida do homem, conforme a discrição com que a liberdade de Deus respeita a nossa liberdade. Foi-nos dada a graça da fé, pressentida como algo de profundamente persuasivo e de pertinente, aliás, de idêntico à vida. É preciso ficar muito feliz com isto! Aqui está o ponto. É preciso ficar muito feliz com isto, porque sem a fé o rosto da mulher amada – diria Chesterton – seria como um nome escrito com um giz preto dentro de um quarto escuro numa parede também preta”. A nossa esperança consiste no fato de que, “tendo Ele iniciado, leve até o fim a Sua obra em nós. Só que é preciso deixá-Lo entrar por uma fresta, pela fresta daquela última devoção, estima e inteligência graças à qual não podemos mandá-lo embora completamente. É preciso deixar que penetre através dessa rachadura”.¹⁶⁰

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 196.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 196-197.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 197-198, 202.

Como se faz para sempre ter consciência daquela Presença da qual esperamos tudo? Giussani indica-nos um caminho simples e seguro: “Repetindo gestos de consciência. E ficando atento ao lugar em que Cristo mesmo nos desperta a consciência”.¹⁶¹

a) A primeira indicação para o caminho é, portanto, repetir gestos de consciência. Principalmente a oração, que é pedir e recordar, retomar a consciência contínua do que se é: uma só coisa com Cristo. “Essa retomada de consciência não é automática”, a liberdade está sempre em questão. “Você tem de querê-lo, tem de desejá-lo! Aquilo que é árido em você”, e muitas vezes poderá sê-lo, “aquilo em que você põe a língua e o lambe como pedra-pomes, torna-se doce ao paladar continuando a esfregar a língua na pedra-pomes, naquela aridez que o homem, por si mesmo, seria. O homem e o universo seriam, para a consciência do homem, um enorme acúmulo de pedras-pomes áridas, se ele não pedisse para saber e sentir, se não tivesse como primeiro propósito: ‘Tornar-me consciente disto; lembrar-me disto o máximo possível durante o dia’. E esta é a oração! [...] É assim que o homem se torna homem: repetindo continuamente [...] gestos de consciência”.¹⁶²

b) A segunda indicação é a atenção para a companhia vocacional: “Deus que fez o céu com as estrelas estabeleceu o lugar onde você toma consciência. O que é esse lugar? A companhia vocacional, essa companhia vocacional que tem como lugar, no sentido estrito da palavra, o âmbito de tempo e de espaço (espaço: onde se apoiam os pés; tempo: horas e minutos) onde essa companhia se reúne, no qual a companhia vocacional se expressa. A companhia vocacional é aquela que, expressando-se, te chama a isto. Se você estiver distraído, não te chama para nada; mas, se não estiver distraído, se quiser ser, tornar-se você mesmo, reconhece que a companhia está aí para te chamar a isto. Teríamos ficado juntos senão para isto? [...] Você não pode ficar na companhia ou pensar nela, senão sendo de alguma forma chamado a esta verdade mais profunda”.¹⁶³

Há aqui, implícita, uma terceira sugestão, que decorre da segunda: viver as circunstâncias de uma maneira nova. A companhia, com efeito, com seu chamado, deixa exposto o significado das circunstâncias, que se tornam, portanto, elas mesmas chamado contínuo para a consciência da Sua Presença. “A companhia aponta para um efeito admirável, aponta lentamente que tudo tem este significado, tudo é chamado a isto: a flor

¹⁶¹ Idem, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 346.

¹⁶² Ibidem, p. 348-349.

¹⁶³ Ibidem, p. 349.

do campo, o fruto da árvore, a criança que nasce...” Jesus introduziu os discípulos a olhar para toda a realidade como sinal da Sua presença. “A companhia vocacional nos acostuma a fazer de qualquer momento e circunstância – de trabalho, de caminho, de silêncio, de brincadeira, de tempo que passa, no ônibus, no trem [quando alguém nos irrita de modo particular, quando gostamos de alguém de modo particular, quando se ouve música] – chamado à verdade do nosso eu, a esta participação no ser.”¹⁶⁴ Tudo remete para a memória d’Ele.

Só deste estar cada vez mais investido por Cristo é que pode nascer uma nova forma de tratar as coisas, a pobreza, que significa usar as coisas para o destino. Mas este uso tem de ser aprendido. “Somos chamados a fazer um trabalho [...], a pobreza não é uma coisa automática [...]. A pobreza é uma iniciativa nossa; se não for iniciativa nossa não é pobreza. Pobreza é um ato da liberdade, não é um padecer, mas um agarrar para caminhar, agarrar para construir, agarrar para responder à vocação de Deus.”¹⁶⁵

Como nos educamos a essa pobreza? Também neste caso, a sugestão de Dom Giussani é simples e fácil de praticar: “Repetindo gestos de consciência”. São os gestos de consciência que, junto com a Escola de Comunidade, caracterizam desde sempre o nosso caminho.

O fundo comum

“O sustento mensal ao fundo comum de toda a Fraternidade, que implica sacrifício, está em função de um incremento da consciência da pobreza como virtude evangélica. Como disse São Paulo: ‘Não temos nada e possuimos tudo’. A verdadeira maneira para possuir tudo é viver um desapego para com tudo. Pode-se pagar somente um real, mas pagá-lo com fidelidade tem um valor fundamental de chamado de atenção, porque é um gesto concreto e unitário. Quem não se empenhar com esta diretriz não pode considerar-se parte da Fraternidade.”¹⁶⁶

Impressiona-me a decisividade da afirmação de Dom Giussani, que nos mostra como ele colocava em estreita relação o gesto do fundo comum e o pertencer. “Nada como a fidelidade ao fundo comum demonstra o próprio pertencer”, o nosso desejo de pertencer. Por isso chamamos a nossa atenção sem cessar para o valor desse gesto: além de nos fazer uma propos-

¹⁶⁴ Ibidem, p. 350.

¹⁶⁵ Idem, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 229-230.

¹⁶⁶ Idem, *L’opera del movimento: La Fraternità di Comunione e Liberazione*. Cinisello Balsamo (MI): San Paolo, 2002, p. 246-247.

ta tão articulada sobre o tema da pobreza, Dom Giussani nos dá também os instrumentos, que estão ao alcance de qualquer um, para podermos, de forma simples e fácil, ser educados a esta dimensão da vida cristã. Diante do convite a pagar o fundo comum, todos devem perguntar-se: por que o pago? Quem me faz pagá-lo? E para responder deve fazer memória de tudo o que dissemos. “Portanto o problema do fundo comum, como o aspecto mais fácil da ascese, do pertencer, deve ser lembrado, num momento desfavorável psicologicamente e oneroso do ponto de vista da responsabilidade que assumimos para nós: informem aos seus amigos que dar o fundo comum é uma forma de oração, é uma expressão da *pietas*.”¹⁶⁷

Sabemos o quão facilmente escorregamos para o esquematismo e o formalismo, Dom Giussani precisa: “É este o valor simbólico e educativo do sacrifício do ‘fundo comum’. Pode haver uma pessoa que não consegue fazer outra coisa, e tem isto como sua oferta a Cristo, como sua participação, como demonstração da sua vontade de disponibilidade àquela realidade que vê como grande, a esta realidade que Cristo criou em Sua Igreja e que chamamos, com o nosso nome, de Comunhão e Libertação. Pode haver alguém que não consegue fazer nada além do sacrifício do fundo comum, e é literalmente como a sua oração. Mas se põe o coração nisso, quem faz ainda que só o mínimo, apenas o mínimo, mas com o coração, é impossível que não tenda a fazer também o máximo”.¹⁶⁸

Como escreveu um de vocês: “Caros amigos, recentemente eu e minha mulher recebemos uma quantia inesperada de dinheiro. Felizmente não temos necessidades materiais urgentes, e por outro lado aprendemos que tudo o que nos é dado tem uma finalidade, que é a possibilidade de fazer todos reconhecerem Cristo”. Vejam de onde tira a razão para dar a oferta. Se não estiver ligado a todo o resto, o fundo comum reduz-se a uma taxa para pagar, da qual eventualmente se abre mão facilmente. A carta continua: “A Fraternidade é ‘a nossa casa’, o porto seguro onde experimentamos o abraço de Cristo e a partir do qual abraçamos o mundo todo”. Veem? Não leu todos os textos que eu acabei de citar, mas fez a experiência descrita neles: neste lugar – ‘a nossa casa’ – essa pessoa aprender a abraçar o mundo todo. “E assim, pensamos em efetuar um pagamento extraordinário ao fundo comum.” Se não ligarmos cada coisa a seu ponto de origem, qualquer gesto se torna extrínseco. Dom Giussani propõe-nos o fundo comum para nos ajudar a conceber e viver todo e qualquer particular em ligação com o todo.

¹⁶⁷ Ibidem, p. 90-91.

¹⁶⁸ Ibidem, p. 75.

Nos meses passados, mandamos uma carta para a atualização dos dados. Já faz alguns anos não tínhamos nenhuma resposta da parte de diversas pessoas inscritas na Fraternidade. Poderíamos pensar numa formalidade, mas as respostas recebidas foram surpreendentes: houve quem comunicou ter tomado outro caminho e quem tinha o desejo de retomar uma relação; quem nos apontou uma situação de solidão e quem expressou certa vergonha por poder dar pouco ao fundo comum. Tudo isto diz o quanto devemos estar próximos uns dos outros.

Leio algumas respostas que recebemos: “Já não pagava a minha quota de fundo comum. Mas, quando chegou o seu e-mail, senti novamente o sentimento de pertencer àquele ‘algo’ que tinha encontrado anos atrás; tinha simplesmente me ‘perdido’ nas dificuldades contingentes”. Este é o objetivo do nosso estarmos juntos: a pessoa pode perder-se, mas há sempre alguém que bate à sua porta.

Outro comunica que, infelizmente, não pode vir aos Exercícios por motivos de trabalho e depois acrescenta: “Quanto ao fundo comum, comecei a não pagá-lo por um problema financeiro e depois, com o tempo, tornou-se uma distração minha, esquecendo-me mesmo desse pequeno gesto que me ensinou a importância da partilha”.

Há quem está passando por dificuldades: “Infelizmente a crise atual me levou a fazer escolhas drásticas [...]. Não falei disto com meu grupo de fraternidade; o meu orgulho não me permite nem sequer participar dos Exercícios por falta de dinheiro”.

Há também quem sente uma solidão, mas ao mesmo tempo tem vontade de recomeçar: “Digamos que há muita distração de minha parte, mas, tendo recebido a mensagem, me entristeci pela minha negligência. Gostaria de tentar retomar a situação e recomeçar”.

Houve gente que percebeu que tinha parado de pagar o fundo comum por um descuido técnico no banco: “É óbvio que isto não pode ser uma justificativa, mas na verdade acontece por causa da minha fraqueza humana”. Nenhum escândalo, amigos! Por isso nos permitimos, com discrição, bater de vez em quando à porta de vocês, para continuarmos a lembrar o motivo por que estamos juntos.

Levar a sério a proposta do fundo comum pode nos fazer descobrir algo de nós e para nós: “Depois de quase oito anos muito difíceis de instabilidade no emprego, fui contratada como médica. Logo pensei em aumentar a minha quota do fundo comum como reconhecimento. Este lugar fez os meus anos de precariedade virarem ocasião para me perguntar para que eu valho e o que fundamenta o valor da minha pessoa”. Vejam a ligação que faz: “Não é o salário ou o tipo de contrato o que

estabelece o meu valor, mas o infinito do meu coração”. Dom Giussani propôs-nos este gesto simples para que cada um de nós possa aprofundar o valor da vida.

Outra pessoa escreve: “Admiti a mim mesma esta noite que adiar o pagamento do fundo comum, esperando por tempos economicamente melhores, não é útil para mim”. Porque não é um problema de quantidade, amigos, é um problema de fidelidade. Ninguém julga ninguém pela quota que estabelece. É na fidelidade que nós insistimos, porque é ela a ajuda para alcançarmos a consciência de nós mesmos e daquilo em que está a nossa consistência. “Eu levei a sério as indicações que vocês nos deram nos Exercícios: ‘Basta pouco, mas com constância’. Isto me permite abraçar com misericórdia a minha realidade agora.” Só é preciso aceitarmos ser abraçados como somos: é isto o que “me permite abraçar a minha realidade agora. Tenho sempre mais certeza. Mesmo se não entendo tudo, mesmo se tudo é misterioso, a minha esperança me diz que aqui entra em jogo para mim um bem imenso!”.

Há também quem agradece por uma bolsa de estudos recebida da Fraternidade: “Nunca poderei expressar adequadamente a gratidão por me terem feito ver que qualquer obra do Movimento remete ao fato de que ‘quis vir Aquele que podia contentar-se em nos socorrer’, como diz o Cartaz de Natal. Esta razão salva não somente a exigência do momento, mas toda a vida”.

Por fim, uma amiga escreveu-me: “Fazia muito tempo que eu não pagava o fundo comum, e não porque não tivesse dinheiro, mas por esquecimento e preguiça. Desde quando eu e meu namorado decidimos nos casar, há poucas semanas, as coisas mudaram”. É impressionante que uma pessoa pense no fundo comum quando está para se casar. Por que pensou nisto? “Se não tivesse encontrado o cristianismo por meio do Movimento, eu nunca me casaria. Imediatamente eu saboreei a dimensão comunitária, a dimensão da Igreja, em relação à minha e à nossa decisão de dizer ‘sim’ diante de Deus. A este lugar eu devo tudo. E por isso hoje depusitei a quota mensal do fundo comum. As minhas possibilidades econômicas não são muitas, mas decidi aumentar a quota, duplicando-a, e ainda me parece pouco! Eu daria muito mais por esse encontro que mudou a minha vida e que espero, através das missões e da vida do Movimento, que mude a vida de outros jovens como eu.”

Estas últimas palavras são a confirmação viva da verdade do que nos dizia Dom Giussani: conceber a própria vida “em função do Movimento não é nada mais do que a tradução prática do ímpeto missionário, porque o Movimento não é nada mais do que o modo, o nosso modo, o

modo em que fomos introduzidos a viver o mundo e a vida conforme o coração da Igreja”. O gesto do fundo comum serve para educar a cada um de nós a “conceber a própria vida, a vida familiar, a própria profissão, a educação dos filhos, o tempo livre, as próprias energias, o próprio dinheiro, em função do Movimento. Ou seja, em função de algo maior, onde agimos em total liberdade, já que sem liberdade não é uma resposta humana. É melhor uma resposta de 0,1 em 100 na liberdade do que uma resposta aparentemente de cinquenta por cento sem liberdade. Aliás, de cem por cento sem liberdade”. O fundo comum, portanto, “traduz em termos elementares e banais, de tão concreto que são, este nexos que a pessoa sente e vive entre tudo o que é e faz e essa coisa maior do que ela, que é a participação na Igreja, no Movimento, pela qual sua pequena pessoa com seus pequenos gestos quotidianos [...] se torna colaboradora do grande desígnio”.¹⁶⁹

Lembro a todos que o fundo comum é *um*, assim como a Fraternidade é *uma*; e o fundo comum tem *uma* finalidade: a construção da obra que é o Movimento (que, entre parênteses, sustenta muitas iniciativas e faz frente a muitas necessidades). Isto – foi-nos ensinado – é muito mais para a glória de Deus e vem antes do sustento a qualquer outra iniciativa, precisamente porque é o Movimento a origem de onde nós recebemos tudo, a fonte da nossa gratidão.

A este propósito, leio o que escreveu um amigo: “Vamos ao não pagamento do fundo comum. Nunca enfrentei a questão de verdade. Desde quanto fundei uma obra, todo ano doo bastante para ela. Claro, eu podia continuar pagando uma quantia simbólica à Fraternidade, mas me parecia uma brincadeira”. Mas não é! Não teria sido mesmo uma brincadeira. A fidelidade ao fundo comum é para não esquecer a origem, a nascente da sua generosidade, amigo. Temos de ter consciência disto, porque, se a generosidade se separa da origem, cedo ou tarde acaba. Isto diz respeito a qualquer gesto: separado de sua nascente, tudo fica formal e com o tempo se perde. Como quando se separa o aquecedor da tomada que fornece energia.

A origem é Quem lhe dá tudo o que você é e tem! E isto vale para todos. Até para quem está em graves dificuldades, como nos testemunhou um amigo da Venezuela, país que atravessa uma situação realmente dramática. Durante uma viagem à Itália, ao fim de um encontro, os amigos

¹⁶⁹ FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO, Milão (FCL), *Documentação audiovisual*, Assembleia da Fraternidade de Comunhão e Libertação da região das Marcas, Loreto (AN), 15 de janeiro de 1984.

de uma comunidade nossa ofereceram-lhe dinheiro, desejando contribuir para as necessidades dos amigos venezuelanos. Mas ele não quis e pediu-lhes que depositassem no fundo comum da Fraternidade, dizendo: “Sem a Fraternidade, a minha obra não teria futuro”. Este é um exemplo de como o gesto do fundo comum é realmente um ponto educativo da nossa consciência de pertencer.

Neste sentido, julgo essencial lembrar que a primeira coisa a ter presente é o fundo comum da Fraternidade; em segundo lugar, as necessidades concretas da comunidade em que vivemos; por fim, as necessidades que Deus coloca à nossa frente como provocação à nossa caridade, de acordo com o discernimento de cada um.

O gesto do fundo comum é um sinal da liberdade do eu em ação, que sabe estabelecer os nexos entre as coisas. Senão vence o dualismo, e as coisas não duram no tempo. Pela proposta de um gesto simples e livre, Dom Giussani fazia questão de nos fazer ver o nexo com o ponto de origem de tudo, sem o qual qualquer generosidade diminuiria. É um passo de consciência que precisamos dar continuamente.

Apenas este caminho pode permitir que respondamos ao convite que o Papa nos dirigiu em sua carta: “Num mundo lacerado pela lógica do lucro, que produz novas pobreza e gera a cultura do desperdício, não desisto de invocar a graça de uma Igreja pobre e para os pobres”.¹⁷⁰

A caritativa

Nós somos constantemente educados para tal postura por meio do gesto da caritativa. “Cristo nos fez entender o porquê profundo de tudo isto revelando-nos a lei última do ser e da vida: a caridade. Ou seja, a lei suprema do nosso ser é compartilhar o ser dos outros, é pôr-se em comum a si mesmo. Só Jesus Cristo nos diz tudo isto, porque Ele sabe o que é cada coisa, o que é o Deus do qual nascemos, o que é o Ser. Consigo explicar toda a palavra ‘caridade’ quando penso que o Filho de Deus, amando-nos, não nos mandou suas riquezas como poderia ter feito, revolucionando a nossa situação, mas fez-se miserável como nós, ‘compartilhou’ a nossa nulidade. Nós vamos à ‘caritativa’ para aprender a viver como Cristo.”¹⁷¹

A caritativa é um gesto simples, também ele ao alcance de todos, para que tudo o que dissemos até agora saia das entranhas da nossa vida. É um gesto para aprender a compartilhar, acolhendo o chamado do Papa Francisco diante de um risco a que estamos todos expostos: “Quando a vida interior

¹⁷⁰ Francisco, *Carta a Julián Carrón*, 30 de novembro de 2016.

¹⁷¹ L. Giussani, *O sentido da caritativa*.

se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha duma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado”.¹⁷²

Para podermos testemunhar, como o Papa nos pediu na carta, a autenticidade da vida cristã com coragem, não basta um “dobrar-se sobre o passado”. Apenas algo presente pode mudar-nos. Por isso, só se recontecer incessantemente um novo início, é que podemos surpreender em nós aquele “início corajoso dirigido ao amanhã”, de que fala o Papa. É daqui que pode nascer “a revolução da ternura e do amor”,¹⁷³ que nos obriga a voltar constantemente às nossas raízes, como sempre nos lembrou Giussani, para que o nosso pertencer não vire um formalismo e um moralismo, até o ponto de perder o interesse para cada um de nós.

Como vemos, o que está em questão em tudo o que dissemos aqui é a autenticidade da vida cristã, e portanto a plenitude da nossa existência. Só assim podemos encontrar os pobres, “não porque já sabemos que o pobre é Jesus, mas para voltar a descobrir que aquele pobre é Jesus”,¹⁷⁴ como nos escreveu o Papa. “É indispensável”, lemos na *Evangelii gaudium*, “prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofredor: os sem abrigo, os toxicod dependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados, etc. Os migrantes representam um desafio especial para mim, por ser Pastor duma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos”,¹⁷⁵ que é chamada a abraçar e acompanhar todos os irmãos homens.

É o convite a uma abertura, a uma atenção e a uma proximidade sem fim. Parece-me que com isto o Papa nos esteja exortando àquela postura tipicamente cristã que Dom Giussani nos tornou familiar: o ecumenismo, aquele abraço positivo a todos e a tudo que nasce, como contragolpe, do sermos “possuídos inteiramente por um amor” pelo “amor de Cristo ‘transbordante de paz’”.¹⁷⁶

¹⁷² Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, §2.

¹⁷³ Idem, *Carta a Julián Carrón*, 30 de novembro de 2016.

¹⁷⁴ Ibidem.

¹⁷⁵ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, §210.

¹⁷⁶ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 158.

Domingo, 30 de abril, manhã

Na entrada e na saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Sinfonia n. 40 em sol maior, KV 550

Frans Brüggen – Orchestra of the 18th Century

“Spirto Gentil” n. 36, Philips-Universal

Pe. Pino. A manhã é o início do drama de duas liberdades: que todo dia eu possa pedir-Te, mendigar-Te e reconhecer-Te nasce da Tua resposta, da Tua iniciativa para comigo, Senhor.

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Julián Carrón. Bom dia a todos!

Davide Proserpi. Gratidão, este é o primeiro sentimento que nasce das mais de mil e duzentas perguntas que chegaram (e que lemos todas, uma por uma). Gratidão, como bem sabemos, tem a mesma raiz de graça, porque é o fruto dela. O coração que é disponível – foi posto no nosso peito por isso –, ou seja, o coração que espera, reconhece o dom que nos foi dado nestes dias. Por que estamos agradecidos? Porque fomos levados, acompanhados novamente a ver o que Cristo é capaz de fazer na nossa vida. Como os primeiros dois discípulos naquela época, nós também hoje chegamos aqui com muitas perguntas, mas certamente com uma antes de todas: “Quem és Tu?”. Ouvimos a resposta: “Vinde e vede”. Aquele início revive ainda hoje como início. É este o motivo principal da nossa gratidão, como sinal de que o carisma que nos foi doado para toda a Igreja – como o Cardeal Menichelli nos lembrou na homilia de ontem – ainda está vivo. Porque se mantém vivo só no recontecimento do início. E o que aconteceu no início, o que aconteceu para mim, para cada um de nós, no início de tudo, no início histórico, quando fizemos o encontro? A irrupção na minha vida, na nossa vida, de uma novidade que gerou um fascínio inimaginável, porque pudemos ver, pudemos encontrar o rosto de Jesus presente, com Seus traços humanos.

A segunda palavra que descreve o nosso sentimento hoje é “desejo”. Desejo de não perder esta beleza, portanto desejo de começar a trabalhar,

de aprofundar, de conhecer mais, de ver mais. As perguntas que chegaram expõem bem o contragolpe provocado em nós pela proposta que nos foi feita. Quase todas nascem do desejo de entender, sem reduzir o que nos foi dito ao ponto em que já estamos e ao que já sabemos.

Justamente por isso, hoje começamos a nos ajudar a entender. Este trabalho, naturalmente, vai nos acompanhar também pelos próximos meses; então não percamos a coragem se nos parecer que não entendemos tudo de uma vez, porque temos todo o tempo para fazê-lo.

Vamos começar com duas perguntas que estão ligadas ao mesmo tema: a relação entre liberdade e salvação, que nos foi proposto na primeira noite.

“Na sexta-feira você definiu a nossa liberdade como necessária para a nossa salvação. Mas o que você entende por salvação?”

“Queria entender melhor o que é essa salvação, na qual você insistiu tanto, porque eu a vejo como uma coisa muito distante no tempo, que vai chegar no fim da minha vida. Por que deveria ser interessante para mim agora, nos desafios dos meus dias?”

Carrón. Por aquilo mesmo que o Davide acabou de dizer, a salvação é a coisa menos distante da nossa vida, é a coisa mais próxima. A grande graça que recebemos é a notícia de que Deus venceu a distância. Uma coisa que ficaria longe de nós, ou que só diria respeito ao futuro, tornou-se presente. E nós estamos aqui justamente porque se tornou presente. Por isso a pessoa teria de arrancar de si mesma a experiência que viveu para dizer que a salvação está distante. Quanto ainda temos de crescer na consciência de como a salvação começou a entrar nas entranhas da nossa vida e de como já a preenche de luz, de plenitude, de alegria, de gratidão! Vemos que começou a entrar pelas músicas que cantamos, que não são a “decoração” musical dos Exercícios, mas a expressão de uma experiência humana que nasce da proximidade mesma dessa salvação. “Não chores mais”, *Cry no more*, “pelo que fizeste e não querias ter feito”, nós cantamos. “Não chores mais pelo que querias e não foi feito. / Não chores mais pelo amor ao qual disseste não. / Não chores mais: eras escravo e agora és filho.”¹⁷⁷

Quando a consciência de uma Presença que entrou na nossa vida mudando-a decai, a salvação parece-nos distante, e então prevalece em nós todo o resto, os projetos ou os arrependimentos, as medidas e as imagens. Porém, quando o encontro domina, podemos dizer, num sentido verdadeiro, com-

¹⁷⁷ R. Veras; R. Maniscalco, “Cry no more”.

pleto, o que acabamos de escutar na música: “Se não estivesse aqui / pobre de mim... / seria uma coisa morta, / uma vela apagada, / uma mulher inútil...”¹⁷⁸ Quem, com efeito, pode dizer isto com verdade? De quem podemos dizer isto, senão d’Ele que venceu a distância, que se tornou presença na nossa vida e nos fez saborear já agora a salvação? Se não partirmos da experiência que fizemos, não conseguiremos entender o significado das perguntas feitas. Por isso o Evangelho não fornece uma definição da salvação, mas nos coloca diante do acontecimento dela. Voltemos mais uma vez ao exemplo de Zaqueu. Aquele homem tinha o desejo de encontrar alguém que pudesse responder à sede à qual nem todo o dinheiro acumulado tinha sido capaz de responder, alguém que pudesse resgatá-lo de toda a sua inadequação e de todos os seus erros. Por isso, assim que Jesus se aproxima e o olha, dirigindo-lhe a palavra, ele vê-se diante de uma Presença que o afirma, o estima, como nunca lhe tinha acontecido em sua vida – e este é para ele o primeiro sinal da proximidade da salvação –, e faz uma experiência de correspondência a si, à sua sede, que nunca teria imaginado. Daqui brota o desejo de mudança. Aquele encontro o liberta do apego ao seu tesouro. Zaqueu começa a separar-se da coisa mais estimada que tinha até aquele momento, o dinheiro: “Vou restituir o que peguei”. O Evangelho conta que Jesus, depois de ter entrado na casa de Zaqueu, diz: “Hoje aconteceu a salvação para esta casa”¹⁷⁹. A salvação para aquele homem estava perto, perto mesmo. Quando mais está desperta a consciência do drama da vida, tanto mais é fácil reconhecer a salvação. Zaqueu nunca tinha experimentado aquela letícia. É a mesma experiência do Inominado de Manzoni, que chora copiosamente de alegria. E tudo se torna diferente, novo.

Há uma forma de perguntar: “O que você entende por salvação?” que nos faz entender que conservamos a palavra, separando-a, porém, da experiência da vida. Como Dom Giussani tem razão! “Nós cristãos no clima moderno fomos separados não diretamente das fórmulas cristãs, não diretamente dos ritos cristãos, não diretamente das leis [...]. Fomos separados do fundamento humano”¹⁸⁰, arrancados da experiência. E então já não sabemos o que as palavras significam.

Por isso, a questão não é explicar de novo o que é a salvação, mas deixar a pergunta aberta – a nossa pergunta humana –, para podermos descobrir seu significado a partir das entranhas do viver! Ninguém pode

¹⁷⁸ “Se tu non fossi qui”, letra e música de M. Terzi e C. A. Rossi, 1966. Música cantada por Mina.

¹⁷⁹ Ver aqui, p. 55.

¹⁸⁰ Ver aqui, p. 17.

nos explicar o que é a salvação com um discurso, bem como não pode nos convencer a ser cristãos “na marra”, com uma explicação. Nunca!

O cristianismo não é uma lógica, não é um discurso, não é uma lista de coisas para fazer, mas é um acontecimento. Para entender sua relação essencial com a liberdade, como perguntaram na primeira parte das duas perguntas, temos de olhar novamente para Zaqueu. Depois de a salvação ter entrado em sua casa, Zaqueu começa a olhar o que poderia parecer um obstáculo, o que nos faria exclamar: “Mas de novo eu tenho que usar a minha liberdade?!”, de uma forma totalmente diferente. Como responderia? “É justamente a liberdade que eu descobri em todo o seu valor no encontro com aquele Homem e que eu quero usar muito mais!” Finalmente uma paixão pela liberdade! Não um peso da liberdade. O cristianismo exalta a nossa liberdade. E então começamos a ter um olhar positivo por tudo, amigos! A salvação é o olhar que alcançou Zaqueu e que alcançou também a nós, que torna a vida diferente e nos faz olhar para cada coisa com uma positividade última. “O meu coração é feliz porque Tu, Cristo, vives.”

Prosperi. “Como faço para amar e respeitar a liberdade do outro, quando vejo que meu marido, mesmo tendo feito o encontro e já tendo sido tomado por Cristo, está paralisado e não deseja mudar? Cheguei a odiar essa liberdade. Como posso esperar a salvação, se tenho na minha frente um muro por onde não parece entrar nem um raio de luz? E como faço para ficar diante do outro com ternura e misericórdia?”

Ou então, dito com outras palavras: “Como faço para esperar e respeitar a liberdade de um filho, quando vejo que ele se atrapalha na vida e está triste e sozinho? Meu desejo é vê-lo feliz. Peço sempre o milagre da sua mudança, mas a espera de que a sua liberdade se mova é longa demais, e a tentação é pedir a Cristo que a mudança se dê agora”.

Carrón. Peça-o! Peça a Cristo que aconteça. Mas nem sempre os desígnios de Deus coincidem com os nossos, e nem sempre os outros estão disponíveis à graça que Deus lhes dá. Existem as duas coisas. Por trás das perguntas formuladas está toda a dificuldade que temos diante da nossa liberdade e da dos outros, porque as coisas não se verificam de acordo com os prazos que nós temos na cabeça. Por isso, a coisa mais importante é identificar-se com Deus. Que angústia Deus não deve experimentar, vendo as nossas tentativas desajeitadas, vendo o quanto resistimos! Já sabia que poderíamos resistir: você corre algum risco quando cria um ser livre! Mas por que Deus, apesar de tudo, não odeia a nossa liberdade e não a elimina da face da terra, mas ama-a – assim como você ama a

liberdade do seu filho – e demonstra amá-la cada vez mais? Porque, como dissemos, sem liberdade a salvação não seria nossa, e por esta liberdade Ele está disposto a sacrificar tudo. Quando você gostaria de jogar seu filho na parede porque não para de chorar à noite ou porque é teimoso como uma mula, você tem de lançar mão de todos os recursos do seu eu para não fazê-lo, só porque ama a sua liberdade. Diferentemente de Deus, muitas vezes nós odiamos a liberdade do outro – também a nossa –. Se as coisas não acontecem conforme os nossos desígnios, então achamos que o marido ou o filho não podem realizar-se, não podem fazer seu próprio caminho segundo um desígnio diferente do nosso. Muitas vezes surpreendo-me dizendo a quem me faz esse tipo de pergunta: “Você põe a mão no fogo que a única possibilidade de o Mistério conduzir o seu filho para o destino seja a que você tem na cabeça?”. Ainda não encontrei ninguém que respondesse sim. Ainda bem, significa que ainda usamos a razão como categoria da possibilidade: admitimos que poderia escapanos alguma brecha pela qual o Mistério pode conduzir nosso filho ao destino, sem pisar na sua liberdade. Então, é claro, a verdadeira questão diz respeito a nós; porque depois ele vai ter de se virar sozinho.

O que Deus faz com o homem que oscila, se complica ou se desvia do caminho? Torna-se próximo, exatamente como você faz com seu filho: em vez de jogá-lo contra a parede, de jogá-lo fora, você o olha de novo, recomença e o acompanha como pode, tateando, e espera. Por quê? Porque é seu filho. Em vez de odiar a nossa liberdade, Deus fez-se carne para se fazer nossa companhia, para pôr na nossa frente uma Presença que fosse mais fascinante do que tratarmos dos nossos assuntos, do que tudo aquilo a que somos apegados ou que poderíamos proporcionar-nos. Se Deus está longe, podemos pensar em fazer o que bem entendermos. Mas quando Deus entra na vida, como entrou na casa de Zaqueu – não é que Zaqueu não tivesse ouvido falar de Deus, mas era um Deus reduzido apenas a regras para respeitar –, a Sua proximidade torna possível uma mudança.

A questão é ficar diante dos nossos filhos como Jesus esteve diante de Zaqueu quando entrou em sua casa. Toda vez que a liberdade de vocês e a dos seus filhos derem trabalho, que vocês não souberem o que fazer diante da presença do seus marido ou da sua mulher, imaginem que estão diante dele ou dela ou dos filhos com a mesma certeza com que Jesus, desarmado, entrou na casa de Zaqueu, sem forçar nada, sem violência: “Posso ir à tua casa?”. Mas, para entrar assim naquela casa, para não sucumbir à rigidez, aos nervosismos, aos medos, que certeza do destino é preciso ter! Se nós procuramos outras maneiras para “entrar” na liberdade do outro – filho, marido ou mulher, tanto faz –, é por falta de certeza. De fato, é pela certeza

da vitória, que decorre da relação com o Pai, que Jesus pode ficar diante da nossa liberdade sem odiá-la, continuando a bater à nossa porta. E bate, e bate, e bate de novo. E abraça, e perdoa, e acolhe, e olha de novo. Esperando, mendigando. Sem ser chantageado pelos seus caprichos e sem ceder e odiar a sua liberdade. Quem não gostaria, caso perdesse o caminho, de encontrar semelhante presença em sua vida? Mas é o que nos aconteceu, estamos aqui justamente pelo encontro com esta Presença que perdoa, que nos olha de novo. Quem a acolhe, na medida em que a acolhe, começa a amar a liberdade dos filhos, começa a amar a própria liberdade. É por causa da certeza que Jesus introduziu na vida que, apesar de tropeçarmos, podemos amar a nossa liberdade e a dos outros.

Por isso a questão fundamental é como podemos ter sempre mais certeza da ressurreição de Cristo, mas não nos assustarmos diante da primeira dificuldade, uma vez que tudo já foi vencido. Nós somos filhos de Alguém que ressuscitou! E então a vitória – ou seja, a nossa salvação – já aconteceu. Quanto tempo será preciso para que esta vitória se espalhe e seja acolhida por homens livres, livremente, isto está nas mãos de Outro, a quem temos de nos abandonar, tal como Jesus se abandona ao desígnio de Outro até o último instante: “Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem!”.¹⁸¹ A alternativa para nós não é diferente daquela com que Jesus teve de se confrontar. Se nós não temos a certeza que Jesus tem da Sua relação com o Pai, então nos irritamos, sacamos a espada como Pedro e a violência explode de muitas formas. Mas Jesus detém a nossa mão, como fez com Pedro: “Guarda a espada na bainha! Pois todos os que usam a espada, pela espada morrerão. Ou pensas que eu não poderia recorrer ao meu Pai, que me mandaria logo mais de doze legiões de anjos?”.¹⁸² “Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem!”, e abandona-se seguro ao desígnio de seu Pai.

Prosperi. “Você disse que temos de nos abrir a nós mesmos, olhar com simpatia para o humano que há em nós, levar a sério o que experimentamos, e que esse trabalho é crucial. Mas isto quer dizer que tudo de mim está bem? Que quer dizer olhar para a experiência “com olhos claros”, como diz Dom Giussani? Quando aflora toda a minha humanidade, assalta-me um medo tremendo, quase um pavor de olhá-la, de acolhê-la, de deixar outra coisa entrar, como se houvesse o risco de quebrar um equilíbrio sutil que construí para mim. Como é possível favorecer com simplicidade esse movimento da minha humanidade que vem à tona sem ser subjugada por ela?”

¹⁸¹ Lc 23,34.

¹⁸² Mt 26,52-53.

Carrón. Uma das conseqüências mais impressionantes do meu encontro com o Movimento foi descobrir que podia amar a minha humanidade, como acho que aconteceu a qualquer um de vocês quando foi objeto de um amor: tinham feito a experiência de alguém que não se escandalizava com o humano que havia em vocês e que os abraçava assim como eram. Mas em todos, em certo momento, assume o controle uma medida: se vamos além de determinados limites, enchem-se de nós, assim como nós nos enchemos de nós mesmos. Somente Cristo olha com uma simpatia irredutível para a nossa humanidade. Por isso reconhecemos no passado e no presente a Sua presença. E só a relação com a Sua presença é que pode nos fazer olhar com simpatia para o humano que há em nós. Até ter encontrado Dom Giussani, nunca tinha ouvido dizerem: como é humana a minha humanidade!¹⁸³ Desde então, não pude continuar a olhar a minha humanidade sem esse amor. Não é um problema de esforço: é um problema de amor pela minha humanidade! Porque fomos bem feitos. Para termos simpatia pela nossa humanidade, é preciso olhá-la em sua originalidade, como Deus a fez, porque ela continua tal e qual como foi querida por Deus, amigos! Nem sequer o pecado original e a influência da sociedade podem impedir que a nossa humanidade, quando depara com algo que corresponde a ela, possa reconhecê-lo. Com o pecado original, a nossa humanidade ficou ferida, mas não está destruída (“A natureza humana não é totalmente corrompida”,¹⁸⁴ diz o Catecismo, ela “conserva o desejo do bem”¹⁸⁵). Senão não teria havido cristianismo, e não estaríamos aqui hoje. O próprio fato de estarmos aqui testemunha que a nossa estrutura humana original não foi apagada e que a nossa humanidade é bem feita! Só aprendendo a olhá-la desta maneira é que poderemos amá-la. Porque ela me faz reconhecer a Ti, ó Cristo! Nenhum erro cometido pode impedir que a minha humanidade reconheça a Cristo quando aparece na frente dos meus olhos, nada pode impedir que a minha humanidade vibre de novo na frente d’Ele presente, quando deparo com aquele fenômeno de humanidade diferente em que Cristo se torna presente agora. Quantas vezes o surpreendemos na nossa vida! Então a pessoa entende a natureza e o valor de sua humanidade: ela é feita para reconhecê-Lo, é feita para ser preenchida pela Sua presença.

Quando encontrei Dom Giussani, que olhava assim para a sua humanidade, finalmente entendi por que a minha humanidade era tão importante e comecei a amá-la. Não é que desde então nunca mais tenha tido quedas

¹⁸³ Cf. L. Giussani, *Affezione e dimora*. Milão: Bur, 2001, p. 42.

¹⁸⁴ *Catecismo da Igreja Católica*, §405.

¹⁸⁵ *Ibidem*, §1707.

ou feito reduções – pelo contrário! –, mas nunca mais diminuí a minha estima pela humanidade que há em mim. Muitas vezes me pego dizendo às pessoas: “Você deve se olhar como eu o olho, senão você não se olha bem, mas se olha mal”. Não o digo porque me sinta bom ou melhor, mas simplesmente porque eu olho como fui olhado. O ponto é se encontramos alguém que nos olhe bem, com o olhar que Jesus tinha por Zaqueu. O que não quer dizer receber um selo para justificar tudo o que fazemos. Não, não, não, não se trata disto. A busca de justificativas para o que fazemos é coisa de estúpidos. Eu não quero que ninguém justifique nada do que faço (sobretudo os meus erros). Quero que alguém me olhe pelo que sou originalmente e me possa devolver um olhar original pela minha humanidade, como Jesus. Por isso Ele entra em qualquer escuridão, na casa de qualquer Zaqueu do mundo, com uma simpatia última. Cristo não se deixa encaixar pelas nossas reduções, Ele sabe que por trás do Windows está o DOS, que por trás da aparência das coisas, por trás dos erros de Zaqueu, há um coração, há uma estrutura humana que O espera e que pode reconhecê-Lo. Por isso, nada de medo, amigos! Apareceu Alguém na face da terra fazendo-me companhia para que eu possa olhar tudo, até o que me custa levar em consideração. Tudo, sem me escandalizar. É o exemplo que oferecem algumas das suas cartas que recebi nestes dias mesmos, e que não leio por discricão: assim que uma pessoa percebe esse olhar sobre si, ainda que seja um entre vinte mil, já começa a olhar para a sua humanidade com sinceridade, com positividade, até o que por anos não conseguiu admitir nem sequer a si mesmo. Para falar à humanidade de cada um não são necessários encontros “pessoais” num espaço privado. Dom Giussani falava em público, na frente de todos, mas quando eu o escutava era como se estivesse dirigindo-se diretamente a mim, e isto me libertava. O que é mais útil no nível pessoal é o que é dito em público e é dirigido a todos, dizia Dom Giussani.¹⁸⁶ O diálogo pessoal não é para simplificar. Digo o que devo dizer a todos. E as pessoas sentem-se libertadas por isto. O que é ver-

¹⁸⁶ “Lembrem-se de que, se o que uma autoridade lhes diz não os toca, não os atinge pessoalmente, como por uma interlocução pessoal, quando fala a todos, não é verdade. Mesmo quando você está na sala dela, que é tão cheia de amizade e de ternura e de afeição, é uma lengalenga. A direção espiritual pode ser um ‘adminículo’, quando for necessária, mas não pode substituir o fato de que a relação da autoridade que tem como interlocutor a pessoa, não o grupo, se dá justamente quando fala a todos, não quando fala ao indivíduo. Falará ao indivíduo para suprir uma incapacidade que o indivíduo tem em aplicar as coisas, talvez; o ajudará nesse sentido. [...] Mas – lembrem-se disto – a interlocução pessoal que deve ser privilegiada é a que se dá em público, dirigida a todos” (L. Giussani, *Dall’utopia alla presenza. 1975-1978*, op. cit., p. 384).

dadeiro, o que é útil para a vida, pode ser dito na frente de todos, de modo a podermos olhar juntos o que nos acontece, ajudando-nos a caminhar.

Prosperi. “Em que condições a tensão a sermos leais com nós mesmos não corre o risco de ser reduzida a um esforço voluntarista? A resposta a Cristo só é possível por causa do entusiasmo por um abraço recebido. Contudo, você acrescentou que não se trata de um automatismo. Como superar o medo de resistir? Como é possível abandonar-se de verdade à iniciativa de um Outro?”

Carrón. Para entender estas coisas, basta simplesmente ver como nascem. Quando nascem de dentro da experiência, não são um esforço voluntarista: quando acontece um encontro decisivo, sou eu quem não quer perder o olhar que me alcançou. Observem a experiência de vocês: quando se apaixonam, não vão – sei lá eu – ao cinema com ela ou com ele por um esforço voluntarista. Ou quando um torcedor vai ao jogo do seu time – não digo qual, senão vai dar em pancadaria! –, vai por um esforço voluntarista? Se alguém lhe dissesse: “Por que é que você vai ao estádio, se está chovendo, fazendo frio e passam o jogo na televisão?”, responderiam: “Você é um idiota! Não é o mesmo!”. É uma tensão que nasce de dentro, não é voluntarismo: o torcedor não quer perder o jogo ao vivo! E não é que não dê trabalho. Dá muito mais trabalho do que se ficasse no sofá assistindo na televisão. Não nos confundamos: o fato de alguém dar tudo de si, livremente, não equivale de jeito nenhum a um esforço voluntarista, porque então a alternativa seria não fazer mais nada. Não, não, não! Quem não faz nada é porque não está apaixonado por nada, porque não ama nada. Este é o ponto. Quanto mais ama algo, menos voluntarismo em cada gesto seu. Quando falta esse amor, todo gesto fica externo a nós, como algo acrescentado: faço porque não posso fazer de outra maneira, senão não me pagam no fim do mês, ou porque tenho que pagar um pedágio, senão não me acolhem. Mas isto ocorre por falta de amor. Ao contrário, quando a pessoa vê nascer um amor, quando a pessoa é abraçada, tudo fica muito fácil; até quem resiste, num determinado momento, se rende, e então – como o Inominado – chora copiosamente. Ceder, não resistir, é um abandono a um amor, como a criança que em dado momento se rende entre os braços de vocês. O problema é de quanto tempo precisamos para nos rendermos. Custa mais – digo sempre – continuar a resistir do que ceder. Mas é a luta que cada um deve travar, à qual Deus não quer dar respostas antecipadas. Espera, espera, espera, como um mendigo, à porta do nosso eu.

Prosperi. “Que a pobreza é uma bem-aventurança foi uma descoberta vertiginosa. Por que na nossa experiência percebemos a pobreza como uma vulnerabilidade que não é desejável, em vez de como uma afirmação do caminho feito?”

Carrón. Nós olhamos para essa vulnerabilidade sem uma verdadeira atenção à experiência. O nosso ideal, o *desideratum*, é não sermos vulneráveis, porque – sem quase perceber – concebemos a salvação como não ter mais sede, uma abolição do desejo. Mas que salvação seria aquela que nos privasse do nosso desejo? Não poderíamos chamá-la de salvação. Por isso, a exaltação do desejo, da nossa humanidade, é o sinal evidente da verdade de Cristo. Quando o cristianismo decai como fato relevante na história, volta-se de fato a temer o desejo, como era antes do cristianismo. Num escrito de 2016, republicado por *Avvenire*, o filósofo e ensaísta Tzvetan Todorov, recentemente falecido, afirma significativamente a propósito do Iluminismo: “No Iluminismo há uma ausência de medida pela qual o perigo da *hybris* está sempre à espreita. [...] Em relação às Luzes, lamento não ter sido vigilante o suficiente, lamento não atentado para seus excessos”.¹⁸⁷ Parece quase um convite a reduzir os “excessos” do desejo. O desejo humano é desmedido, e como tal é algo perigoso para a vida do homem, uma *hybris*: é preciso redimensioná-lo, mantê-lo sob controle. Quer dizer, não encontrando uma resposta adequada à infinitude do desejo, a única alternativa para não se decepcionar torna-se a de reduzir a sua dimensão. Só o infinito feito carne, só Cristo é capaz de salvar o desejo conforme toda a sua amplitude, justamente porque é capaz de lhe corresponder. O fato de Cristo despertar e relançar constantemente o nosso desejo é, portanto, o sinal claro da Sua verdade. Nós porém pensamos: “Como assim, depois de ter encontrado Cristo, ainda tenho estes desejos?”. Ainda bem que ainda os tem, porque isto mesmo demonstra que Cristo é a resposta à nossa humanidade! Só o que responde, o divino, pode manter viva toda a nossa humanidade, toda a nossa paixão, toda a nossa saudade, todo o nosso desejo, toda a nossa pobreza original. Então a pobreza se torna desejável, parece-nos como uma descoberta vertiginosa. Ou você preferiria, como digo sempre, não sentir saudades da pessoa que ama? O dia em que você perder a saudade dele ou dela, vai ser o fim! O sintoma mais inexorável de que acabou é justamente o fato de que, num determinado momento, ele ou ela já não fazem falta.

¹⁸⁷T. Todorov, Todorov e le ombre dei Lumi. *Avvenire*, 7 de março de 2017, p. 1,24.

É só Cristo que torna possível o despertar contínuo do desejo: este é o sinal mais evidente da Sua diversidade e da Sua verdade. É Ele o único capaz de salvar o desejo humano sem reduzi-lo. Todos os outros, as outras posições, no fundo – e nisto se mostra a sua insuficiência – têm de censurar algo, uma parte da experiência humana; de alguma forma, censuram aquilo a que não sabem responder; como é desejo é grande demais, tentam reduzi-lo, se conseguirem. Mas quem consegue reduzi-lo como gostaria? Tentem! Quando tiverem tentado de tudo, saibam que há uma alternativa: chama-se Jesus, o único capaz de manter despertado o desejo sem ter de censurar nada.

Prosperi. Pois bem, esta última coisa que você disse toca no ponto que suscitou a maior parte das perguntas. Cristo faz o desejo crescer, não o reduz; nós sentimos os nossos desejos aumentar e isto é sinal de uma atitude de pobreza. Ao mesmo tempo, ontem você falou do fato de a pobreza significar possuir as coisas de uma forma diferente. Como é que estas duas coisas estão juntas, ou seja, o fato de esta pobreza implicar um desprendimento último das coisas – e por isso eu já não estou preso a nada – e no entanto eu desejo? E então, sobretudo as coisas que eu mais amo, como você disse antes, quero poder desejá-las mais. Isto é verdadeiro para os afetos, é verdadeiro também para os nossos projetos: por que seria errado fazer projetos na vida? Leio duas perguntas que exemplificam o problema.

“Se abandonamos tudo para segui-Lo, como ficam os desejos e as expectativas particulares na família, no trabalho, que todos os dias tentamos realizar? Como faço para me desprender dos projetos que, ainda assim, tenho de perseguir?”

“Que ligação existe entre a pobreza e o trabalho? Eu entendo o desprendimento como não corresponder ao que as circunstâncias me pedem, imagino o desprendimento como algo de negativo.”

Carrón. Esta pergunta surgiu com muita força também nos Exercícios do CLU. Foi a primeira da assembleia: “Se no fundo o meu desejo é muito maior do que o que eu imagino, se o meu desejo só encontra paz em ti, ó Cristo, então de que valem todas as outras coisas? Por que devo perder tempo atrás dos desejos quotidianos e particulares que encontro em mim?”. Bastou-me fazer uma pergunta à menina que a tinha feito para que tudo sofresse uma reviravolta: “Você já se apaixonou alguma vez?”. “Sim.” “E, quando se apaixonou, que valor tinham as outras coisas? As coisas concretas e todo o resto da sua vida foram desqualificadas?” “Não.” “Então como é que ficamos? Que experiência você faz quando se

apaixona? As outras coisas ficam com um valor reduzido, ou são exaltadas?” “Reflorescem.”¹⁸⁸

Veem? Amar a Cristo, amar a uma presença excepcional, ou seja, que corresponde finalmente ao desejo, não diminui o desejo, nem o valor dos projetos ou da realidade. Pelo contrário, exalta tudo. Quanto mais Cristo entra na vida, mais torna tudo interessante. “Na experiência de um grande amor”, disse-nos sempre Dom Giussani, fazendo suas as palavras de Guardini, “tudo se torna um acontecimento em seu âmbito”!¹⁸⁹ Até as coisas mais banais adquirem um alcance único. Amar a Cristo não implica negar algo. Pelo contrário, exatamente porque Cristo enche o meu coração de modo absolutamente transbordante, com uma superabundância tal que não consigo sequer explicar como é possível, eu fico livre de todos os meus projetos. Ponho a mão na massa como nunca antes, lanço-me todo em jogo, faço projetos empenhando toda a minha inteligência, a minha afeição, o meu desejo, a minha intuição, mas sou livre, porque não dependo do que faço para estar feliz. No trabalho isto se vê claramente: no mundo pagão, o trabalho era uma coisa absolutamente sem valor, com efeito, era reservado aos escravos. Quem se podia permitir, não trabalhava. O trabalho tinha uma aceção totalmente negativa. Quem introduziu um olhar novo sobre o trabalho? Cristo, quando disse que o trabalho é participação na obra de Deus. Não há maior valorização do que esta. Por isso não vive na pobreza, diz Giussani, quem não ama o próprio trabalho. Aliás, no desígnio de Deus, o trabalho é o instrumento para “obrigar” o homem a estar a serviço, em função de algo maior do que ele. Dom Giussani faz uma comparação com o amor: Deus faz com que você se apaixone para que possa sair do seu egocentrismo. No mesmo sentido, Deus nos faz sair da afirmação egocêntrica de nós mesmos obrigando-nos a “trabalhar para”. Mas a tentação que se apresenta é a de possuir o próprio trabalho. Por isso Cristo introduziu a pobreza como um desprendimento no trabalho, como um desprendimento nas relações ou, se quiserem, introduziu uma liberdade. Bastaria surpreender o que acontece quando Cristo entra na nossa vida – por isso destacamos termos como “dentro”, “imaneente”, “reconhecê-Lo dentro da minha experiência” –: faz você se lançar totalmente no que faz

¹⁸⁸ J. Carrón, *A te si volge tutto il mio desiderio*. Milão: Nuovo Mondo, jan. 2017, p. 36-37.

¹⁸⁹ “Como dizia o já muitas vezes citado Romano Guardini, nesta linda frase (é a mais bonita que já ouvi neste sentido e é a mais sintética): “Na experiência de um grande amor, todas as coisas se tornam um acontecimento em seu âmbito”. A grande coisa que torna tudo um acontecimento em seu âmbito (ou seja, que determina tudo) é a fé. [...] E a fé é reconhecer aquela Presença: Cristo é o conteúdo da fé” (L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose. 1979-1981*. Milão: Bur, 2007, p. 398).

e, ao mesmo tempo, torna você livre. É o máximo que uma pessoa pode imaginar: implicar-se, envolver-se, empenhar-se até o fim em qualquer coisa e, ao mesmo tempo, continuar livre, sem que isto signifique desvalorizar o que existe. É fundamental. Qual é, com efeito, o problema? Nosso apego errado ao trabalho. Tanto é que, quando o perdemos – por termos uma imagem do que temos nas mãos, uma imagem do nosso papel –, temos uma enorme dificuldade em aceitar outro tipo de trabalho, porque a nossa consistência residia no lugar que ocupávamos, no papel que tínhamos, no dinheiro que ganhávamos, etc. E em vez de deixarmos que Cristo nos liberte da prisão destas imagens, permitindo-nos recomeçar onde for possível, preferimos ter um trabalho enorme. Vê isto claramente quem acompanha as pessoas desde quando perdem o trabalho até quando encontram outro; toda a dificuldade que elas têm não depende do fato de não terem as habilidades necessárias para encontrar outro trabalho, mas do fato de terem de mudar de mentalidade: têm de se tornar pobres, desprender-se da imagem que têm, caso contrário, nesta situação de mudança de época, não resistem. Mas o problema não é a época, e sim estarem presas ao trabalho de uma determinada maneira.

Prosperi. A última série de perguntas tem a ver com a parte final da palestra de ontem à tarde, ou seja, com a imagem da Fraternidade e os gestos.

“Muitas vezes me surge a pergunta sobre os gestos que fazemos juntos. O que é que propomos? Como é que propomos? Que consciência temos do motivo profundo por que procuramos momentos de comunhão? Como posso verificar se são úteis para mim e para os outros, ou seja, se estamos nos ajudando naquele nível tão correspondente que você descreveu no final da palestra da tarde? De onde nasce um gesto e o que o torna um gesto de consciência?”

“Nós aderimos à Fraternidade há pouco tempo e ainda não temos um grupo. Com que critério podemos escolher os amigos do grupo de Fraternidade?”

“Como podemos nos ajudar a estar cada vez mais em companhia no grupo de Fraternidade?”

Carrón. É justamente para que isto seja de ajuda, que destaquei que não podemos deixar para trás a nossa humanidade enquanto estivermos em caminho, como se o senso religioso, ou o coração, fosse algo que serve no início, mas depois, uma vez feito o encontro, já não serve.

A Fraternidade, como dissemos, tem um objetivo muito simples: ajudar-nos a caminhar na vida, e podemos verificar se isto acontece todas

as vezes que estamos juntos. Todas as vezes nós verificamos se os gestos nos ajudam a caminhar ou não. Nós sabemos distinguir bem quando rezamos as Laudes distraidamente e não acontece nada, de quando, pelo contrário, rezamos estando presentes no que dizemos e acontece alguma coisa. Sexta-feira à noite, no início dos Exercícios, quis que, assim que entrássemos, cantássemos logo juntos: foi uma tentativa de educação a este estar presentes para o que acontece. Assim como o canto desta manhã,¹⁹⁰ antes do *Angelus*, tinha o objetivo de nos ajudar a retomar a consciência do fato de sermos como uma ânfora vazia. Muitas vezes nós “entramos” nos gestos de forma mecânica, com pressa de que acabem, pensando: “Temos de fazê-lo porque somos de CL, temos de fazê-lo porque nos ensinaram a rezar o *Angelus*” (lembram-se do “pedágio” de que falava Dom Giussani?), ou seja, estamos ali como se não estivéssemos, e por isso o *Angelus* – assim como qualquer outro gesto – não nos muda em nada. Pensem se, em vez de entrar no salão de forma mecânica, uma pessoa perdesse meio minuto para dizer a si mesma: “A dor que sinto, o peso que tenho, a dificuldade que vivo, o dia que me espera...”, e depois rezasse o *Angelus* com esta consciência. Desafio vocês a verificar o que aconteceria.

Acontece o mesmo com a Fraternidade. Quando me dou conta do seu valor? Quando vejo que me ajuda. A Fraternidade deveria ser um lugar onde cada um pode ser ele mesmo, onde pode apresentar as suas dificuldades, onde se sente ajudado pelo simples fato de participar dela, tanto que volta para casa diferente. Senão, que sentido teria para nós? Mas isto dificilmente acontecerá se formos distraídos, separados do fundamento humano, como dizíamos ontem. Aquele momento exige que nós não “estacionemos” a nossa humanidade, que estejamos em tensão para que aquilo seja útil para nós e para todos os outros amigos com quem estamos ali. Um gesto como o que estamos vivendo juntos, por exemplo, é um grande exercício de humanidade: na medida em que topamos, nos envolvemos, estamos presentes, porque a salvação é impossível sem a liberdade. Por isso comecei por aquele texto lindíssimo de Péguy. Deus quer que nós colaboremos na nossa salvação, caso contrário nunca se tornará nossa. Por isso, se uma pessoa não empenhar a si mesma e não verificar se as coisas que vive na Fraternidade a ajudam, não venha depois perguntar a mim se está contente ou não. São vocês mesmos que o veem primeiro, antes de tudo. Não é que de repente já não tenhamos o critério para julgar o que fazemos quando nos juntamos!

¹⁹⁰ A. Mascagni, “Al mattino”. In: *Cantos*, p. 315.

Resta ainda uma pergunta. Com que critério podemos escolher o grupo de Fraternidade? No fundo, para nós que encontramos algo, escolher é um reconhecimento. Não decidimos ao redor de uma mesa o que correspondia às exigências do nosso coração: nós a encontramos na nossa frente e a reconhecemos. Foi uma obediência nossa. Qual é, então, o critério para escolher o grupo de Fraternidade? Reconhecer quem são as pessoas que mais nos ajudam a realizar o que queremos para a nossa vida, a seguir o que nos faz feliz. Se alguns companheiros de caminho o ajudam, é você quem o descobre. O Mistério não tem de lhe enviar um anjo para fazê-lo entender, nem você deve perguntar a mim. É o Senhor que faz vibrar a sua vida através desses amigos, fazendo que os sinta como uma ajuda para o seu caminho. Então é fácil: trata-se de responder ao que o Mistério faz você experimentar, como nos aconteceu quando seguimos a Fraternidade. O critério que me faz estar aqui é o mesmo com se escolhe o grupo de Fraternidade.

Bom trabalho a todos.

Durante os Exercícios da Fraternidade em Ávila, na Espanha, pregados por Pe. Julián Carrón no domingo, dia 7 de maio, ocorreu uma assembleia final, da qual repropomos três perguntas e respostas.

Você disse que é preciso fazer um caminho para descobrir como presença vital a nossa humanidade e entender o grito que nos constitui. Disse também que o primeiro passo é nos abrir a nós mesmos e nos olharmos com simpatia. Eu tenho alguma dificuldade em perceber o que significa este olhar do qual você fala. Na realidade, eu também tenho dificuldade em entender quando você fala de experiência genuína como ponto de partida, incentivando-me a não me deter em sensações parciais, a ir ao fundo das verdadeiras necessidades, que posso reconhecer por exemplo quando vivo experiências dolorosas, que efetivamente despertam aquela exigência de significado que só Cristo pode preencher. Queria entender melhor tudo isto.

Julián Carrón. Posso fazer uma pergunta?

Sim.

Já que você está aqui, quero aproveitar para dialogar com você Na sua vida, você já fez alguma vez a experiência de perceber algo que nunca tinha notado antes? Você deve partir da sua experiência. Não me interessa responder às suas perguntas, repito sempre, mas ajudá-los a entender

como vocês mesmos podem responder. Você lembra um momento em que se surpreendeu identificando algo que já estava lá, mas que antes não conseguia ver?

Sim.

Este é o ponto de partida. E o que lhe permitiu ver aquela coisa? Onde aprendeu esse olhar? Quer dizer, o que lhe permitiu ter esse olhar do qual você agora me pede conta?

Primeiramente, ter escutado alguém que me dizia que é possível olhar as coisas de maneira diferente.

E onde você escutou isso? Na universidade, fazendo yoga, no cinema?

Não. Aqui, com vocês.

O fato é, meus amigos, que a história é realmente concreta. Quando falamos de uma história particular, nós nos referimos a um lugar determinado. Você viveu aqui essa experiência. Por que aqui? Se vocês não fizerem este trabalho sobre as coisas que lhes acontecem, não vão encontrar resposta para a suas perguntas, porque tudo vai continuar abstrato. O que você acha, por que aqui?

Porque vocês olham assim.

Nós, e por que nós? Que temos nós que não têm os outros? Você deve ter encontrado muitas pessoas na vida, mas então por que só conosco você fez essa experiência? O que temos de diferente?

Sinto arrepios em dizer, mas é como se vocês tivessem Cristo mais perto.

Temos Cristo mais perto ou Cristo está aqui?

Está aqui.

Este é o nosso grande problema. Se não entendermos isto, não entenderemos a natureza do cristianismo, e tudo se tornará uma grande abstração. A samaritana tinha encontrado muitas pessoas em sua vida, mas só pôde olhar de verdade para a sua sede quando ficou diante d'Ele. A hemorroíssa tinha procurado muitos médicos e nenhum tinha conseguido curá-la. Isto não a tinha paralisado em sua procura, e de fato tinha continuado a procurar. Já que não podia render-se – pois a vida urgia, pois sofria, pois estava com dores, pois sabia que havia a possibilidade para ela de ficar melhor –, quando ouviu falar de alguém, real, concreto, histórico, que fazia certas coisas, correu desejosa de tocar nem que fosse só a barra do manto. Quem lhe permitiu ficar diante de sua doença sem censurá-la? Por acaso teve de censurá-la para entrar em relação com Cristo? Não, foi a sua doença mesma que a levou a entrar em relação com Cristo, e não o deixá-la à parte no armário da vida. Até porque não conseguia deixá-la à parte, sentia a dor dentro de si, não conseguia levantar-se de manhã sem a urgência de encontrar uma resposta para

aquela situação. Como a vida seria diferente se cada um de nós provasse essa dor ou essa enfermidade! A dorurgia-lhe a partir de dentro. E isto a levava a buscá-Lo. Mas só pôde olhar até o fundo para a sua doença, só não precisou reduzir a própria humanidade diante da Sua presença. Ela aprendeu esse olhar inteiro por ela mesma estando na frente de uma Presença; uma lealdade completa por si mesma e para a sua necessidade verdadeira só foi possível diante de uma Presença. Como acontece também conosco: quando não temos a presença de Cristo diante dos olhos, não somos capazes de olhar para a nossa dor.

Há alguns anos, Rosa Montero escreveu um artigo no *El País* no qual, lembrando um episódio de sua vida, num certo ponto diz: “Desejar é sempre uma desgraça”. Por isso é melhor não considerar o próprio desejo. E acrescenta: “Desejar é sempre um problema, e ainda mais quando os desejos se realizam”. Depois cita Santa Teresa – e como poderíamos não citá-la aqui em Ávila? –: “Derramam-se mais lágrimas pelas orações atendidas do que pelas não acolhidas”. Por quê? Porque, quando a pessoa recebe uma resposta e se dá conta de que ela não é suficiente, é aí que começa o problema. Se eu estou esperando que alguém satisfaça um desejo meu, e esse alguém chega, mas na verdade o meu desejo não é resolvido, então o problema cresce, não diminui. “É por isso, por essa falta exasperante de confiabilidade dos desejos e pela sua infinita capacidade de nos ferir de uma maneira ou de outra, que algumas religiões e filosofias orientais preconizam a sua recusa.” Nesta época estamos voltando a determinadas religiões que, para evitar o sofrimento, convidam a não olhar para o humano. Vai-se o dente, vai-se a dor. Se não o considero, não o tenho. Como se disséssemos: “A hemorroíssa não olha a sua doença, então não a tem”. Ou então: “Não penso na sede, então não a tenho”. Não desejar é igual a não sofrer. Se alguém tem certeza de um raciocínio como este, que o aplique: verá depois o que acontece na sua vida. Mas depois Rosa Montero se dá conta de que “nós ocidentais achamos que o desejo é o motor da vida, e que a paz que se pode alcançar abrindo mão dele se parece muito com a tranquilidade do cemitério”. Que fazer, então? “Talvez o ponto da questão esteja em desejar dentro do nosso horizonte.” Eis a solução proposta: regular o desejo, como o aquecedor. “Desejar o que podemos obter racionalmente, o que está ao nosso alcance. Quer dizer, aprender a desejar o que se tem.”¹⁹¹ Num instante o homem, a natureza original do homem, é eliminado. Já não existe o eu. O eu, com sua exigência original, é varrido para longe.

¹⁹¹ R. Montero, La piscina que no fue y otros deseos. *El País*, 18 de abril de 2010.

Nós não estamos aqui nos Exercícios Espirituais para ficar olhando para o céu com a cara triste, estamos aqui para dialogar com o pensamento moderno em toda a sua profundidade e a sua densidade. Não nos isolamos para ver como nos defender da realidade. Não viemos aqui para nos defender da realidade, mas para olhá-la de frente. Cada um deve decidir. O que permite olhá-la de frente? Então, talvez, a pessoa começa a entender o título dos Exercícios. A letícia é possível pelo fato de que Cristo existe. Porque Ele é o único que salva o desejo, o único que teve a coragem de olhar o desejo da samaritana, o único que nos permite olhar para o nosso desejo; senão, voltamos ao paganismo antes de Cristo: o desejo é uma *hybris*, algo de muito perigoso, então nos contentamos com algo menor.

Há uma cena de um filme de Ingmar Bergman, *Fanny e Alexander*, que sempre me impressionou. Perto do fim acontece um almoço, e um dos protagonistas diz: “Nós Ekdahl [é o nome da família] [...] não viemos ao mundo para perscrutá-lo a fundo. [...] Nós não estamos preparados, equipados para certas investigações. [...] Nós viveremos no pequeno... no mundo pequeno. E vamos nos contentar com isto”. A melhor coisa seria contentar-se; a vida seria feita para isto: sermos felizes quando somos felizes, quando conseguimos sê-lo, e sermos gentis, generosos, ternos, bons. E em que consistiria a felicidade? Explica logo a seguir: “Desfrutar deste pequeno mundo, da boa culinária, dos sorrisos doces, das árvores frutíferas que estão em flor, ou até de uma valsa”.¹⁹² Esta é a proposta, exatamente como a do paganismo antes de Cristo. Quando Cristo desaparece do horizonte, quando já não conseguimos vê-Lo, não nos resta senão nos adequarmos, nos contentarmos com valsas melodiosas, com árvores frutíferas em flor e com um bom almoço. Vejam vocês se isto responde à necessidade que têm. É este o ponto em que estamos. O desafio não é de outra natureza, não confundam, não estamos aqui discutindo coisas marginais: estamos tentando descobrir o que é a vida e o que responde a ela. Então olhá-la, que eu possa olhá-la, já é o primeiro sinal da Sua presença.

Portanto, se você, surpreendendo-se, percebe que, em meio à cultura que nos circunda (da qual nós também estamos repletos e que nos repete: “É melhor não me interrogar, porque não estou preparada para considerar as suas perguntas, vamos censurá-las, vamos nos distrair com as coisas, assim entendemos melhor”), existe um lugar onde se pode olhar para o humano todo que está em nós, você se pergunta por quê.

¹⁹² *Fanny e Alexander* (*Fanny och Alexander*, SV-FR-RFT 1982), direção de Ingmar Bergman.

Você me ajudou muito e me marcou muito o segundo ponto da primeira palestra, quando falou do perdão, porque muitas vezes na minha vida eu me vi dominado pela experiência do perdão, pela surpresa do perdão, como o Inominado. Mas também me vi no Mañara, que encontrou Jerônima como eu encontrei o Movimento, e já se passaram vinte anos, mas vejo que na minha vida há coisas que fiz mal e que deixaram um rastro; você vê, vê que o seu mal foi capaz de despedaçar uma vida. E nesse momento se sente imperdoável, chega a se sentir imperdoável, odeia a si mesmo. Você disse que o problema é que nós não nos abandonamos. Eu acredito que seja porque muitas vezes estamos cheios de nós mesmos. Na confissão você se abandona, se abandona sempre, não é um gesto mecânico, é um abandonar-se total. Eu acredito que viver assim seja uma revolução. É a maior libertação. O que permite que eu me abandone nesse nível? Porque aqui eu vejo que nós nos julgamos muito, eu me julgo muito.

Entendem por que Péguy diz que Deus quer que a salvação seja nossa? É normal uma pessoa, se realmente se dá conta do próprio mal, quanto mais é consciente dele, mais vê até que ponto é imperdoável e como não consegue apagá-lo. Eu não o apago da lousa com uma passada de apagador. Volta. Por isso a culpa sempre foi uma experiência muito humana: basta que eu ame outra pessoa para que sinta toda a dor pelo mal que fiz à pessoa que amo, não à que eu não amo. Em quantas ocasiões vemos pessoas que praticaram o mal, por exemplo num atentado terrorista, e que o carregam sempre consigo. E nem mesmo ter cumprido toda a pena aplicada consegue sanar a ferida que o mal deixou. Certas coisas que um homem faz não desaparecem com o tempo; pelo contrário, quanto mais o tempo passa, mais ele se dá conta do mal que cometeu, das feridas que causou e às quais não pode remediar, pois não pode ressuscitar as pessoas que matou, não pode devolvê-las aos que sofrem e o odeiam por tê-las perdido. Aqui estamos diante de uma questão crucial e, se não conseguimos resolvê-la, não há possibilidade de paz. Entendo então a revolução que Jesus introduziu na vida. Qual é a resposta de Deus ao nosso drama? Não uma abstração, não uma análise psicológica, não uma teoria, mas uma história específica, uma presença humana, concreta, que diz: “Os teus pecados estão perdoados”. Entendem o fio de alegria que percorre cada página do Evangelho? Nunca se viu coisa igual. Está tão além de qualquer imaginação, que quase nos escandaliza. Sempre me lembro de uma pessoa que tinha sofrido as consequências de um atentado, com sete projéteis no corpo, e quando ouvia alguém de nós, na Itália, falar de misericórdia, seu estômago embrulhava: “Como assim?! O que você está dizendo?!”. A nossa fala não estancava a sua ferida. O que

lhe permitiu olhar para a ferida e libertar-se daquele mecanismo infernal em que estava presa, naquela engrenagem da qual não conseguia sair, porque, quanto mais vivia, mais aquela cena reaparecia diante dos olhos? De fato, ela dizia: “Eu não conseguia acordar de manhã sem que me viessem à cabeça as cenas de horror que tinha vivido, ou que tinham vivido os outros que tinham me contado, todos os rostos do sofrimento das pessoas”. Mas depois de um tempo, depois de uma convivência com alguns amigos nossos, começou a abrir-se a outra perspectiva: “Desde quando encontrei vocês, a primeira coisa que aparece diante dos meus olhos quando acordo de manhã são os seus rostos felizes”. Não houve outra maneira para curar a ferida: uma história particular, rostos de pessoas felizes, que a libertaram da engrenagem em que estava presa, e finalmente pôde sair dela, pôde libertar-se dos grilhões que a aprisionavam. O que permite essa libertação? Uma graça, como dizia ontem, a faísca que nos dá um instante de pobreza de espírito. Mas isto, como vemos no *Miguel Mañara*, não acontece de uma vez por todas. Na maior parte dos casos não acontece assim. Por isso Miguel Mañara volta a falar com o abade, depois que este o tinha confessado e absolvido, para lamentar-se de seus pecados, como nós nos lamentamos dos nossos. E o que lhe diz o abade? Repete-lhe o juízo que a Igreja lhe deu no dia em que se confessou: “Teus pecados estão perdoados, tudo isto nunca existiu”. A Igreja não usa uma linguagem vazia, suas palavras não são palavras ao vento, são um juízo: tudo isto está perdoado. Mas este juízo deve entrar nas entranhas do eu; por isso é uma luta a que Mañara combate para aceitar, para acolher, para abraçar, para se abandonar a esse juízo. Aqui se assenta todo o trabalho que cada um de nós tem de fazer. Cada um de nós sabe que foi perdoado, mas tem de voltar a escutar o anúncio desse perdão, tem de voltar a reconhecê-lo presente, tem de tê-lo de novo diante dos olhos, tem de desafiar continuamente a sua dor com esta boa notícia: “O fato é que você pensa em coisas que já não são (e que nunca foram, meu filho [Teus pecados estão perdoados!]). Tudo isto nunca existiu”.¹⁹³ É preciso desafiar qualquer remorso, toda vez, com esta verdade, que é a verdade de nós mesmos, em relação à qual ainda resistimos para ceder. É como se dissessem: “Duvido da beleza destas montanhas”. Se as montanhas pudessem falar, responderiam: “Que nos importam as suas dúvidas? As suas dúvidas não mudam a realidade da beleza que somos”, Como bons modernos que somos, achamos que somos nós, com os nossos

¹⁹³ Cf. O. Milosz, *Miguel Mañara*. Milão: Jaca Book, 1988, p. 48-63. Apud L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 87.

pensamentos, quem decide o que é a realidade, e que ela é real por como a pensamos. Não, a realidade é real se for real. Se não for real, mesmo se você a pensar, não é real, porque não é você quem a torna real. “Teus pecados estão perdoados.” O problema será o tempo de que você precisa para se converter ao que é real (neste caso, ao fato de seus pecados já não existirem), e então para deixar Cristo entrar na sua vida. Porque o olhar que define a vida com verdade é o que Jesus introduziu, mas eu tenho de acolhê-lo. E isto não pode acontecer sem a minha liberdade. Aquele olhar não pode ser meu sem mim. Deus, que nos criou sem nós, não pode salvar-nos sem nós. Esta é a liberdade necessária para que a salvação seja nossa. Por isso, sempre lhes pergunto como conseguem viver sem rere o trecho em que Dom Giussani fala do “sim de Pedro”.¹⁹⁴ É preciso relê-lo justamente para responder ao que você perguntou. Eu preciso lê-lo para me olhar de novo como Jesus olhava a Pedro, devo voltar a lê-lo para poder me olhar realmente, ou seja, para poder olhar a mim mesmo como Ele me olhou e como Ele me olha agora. Se não deixarmos a Sua presença entrar, não há nada que fazer. Quando estiverem tristes, releiam-no, para reconhecer a Sua presença, porque sem o reconhecimento da Sua presença não há nada que fazer. Quando estiverem incomodados e se sentirem imperdoáveis, devem voltar a ler o “sim de Pedro”, como mendigos, agradecendo: “Ainda bem que estou triste, incomodado e me sinto imperdoável, porque senão eu não teria voltado a ler, não teria sentido a urgência, teria achado que já sabia”. Eu sempre volto a lê-lo para identificar toda a gratuidade com que Ele me perdoa. Ele nos perdoa e nos deixa todo o tempo de que precisamos para acolhê-Lo, para ceder ao Seu perdão, ao Seu abraço.

O que é a presença de Cristo que você descreve? Como é? Tem a ver com a carne, com a circunstância, com a história, com os homens, ou Cristo está presente mas não se vê nem se toca? Coincide com a carne, com o outro, ou é como um acréscimo, independentemente desta carne? Para me explicar melhor, na música de ontem, Andare..., Chieffo está falando de Dom Giussani, do homem Luigi Giussani. “Os teus olhos viam tudo e falavam ao coração, / as palavras traziam o fogo e a vontade de ir... ir.”¹⁹⁵ Parece evidente a carnalidade da Sua presença quando você fala dos primeiros que seguiram Jesus, de João, André, Pedro. Contudo, quando você fala da Sua presença hoje, como é que chega a concretizá-la numa carne com nome e sobrenome? Gostaria que você pudesse

¹⁹⁴ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 82ss.

¹⁹⁵ C. Chieffo, “Andare...”. In: P. Scaglione, *La mia voce e le Tue parole*, op. cit., p. 272.

concretizá-lo mais na nossa experiência, na nossa história, para nos ajudar a identificá-la, cada um individualmente e todos juntos, como companhia.

Como João e André teriam respondido à sua pergunta se Cristo é algo que tem a ver com a carne.

Que coincide com a carne

Coincide com a carne. Como Dom Giussani diz, “é numa carne que nós podemos reconhecer a presença do Verbo feito carne; se o Verbo se fez carne, é *numa carne* que nós o encontramos”,¹⁹⁶ é numa realidade humana. Mas não numa realidade humana qualquer, mas sim uma realidade humana investida e transformada por Cristo. Ele se faz presente na história por meio daqueles que escolhe e que O reconhecem, O acolhem – eis de novo a liberdade – e são mudados por Ele. Basta pensar no que aconteceu a cada um de nós. Por que é que estamos aqui? Porque deparamos com uma humanidade diferente, com uma forma de viver, de ficar junto, de enfrentar os problemas, de olhar para a nossa necessidade e para a dos outros, que nunca tínhamos visto antes. Encontramos traços tão humanos, que ficamos magnetizados e não pudemos evitar nos perguntarmos o que é que originava aquela diferença de vida perceptível. Enfim, não foi uma realidade humana em si o que nos atraiu, mas uma humanidade plasmada por Cristo, com um determinado tom, feita de gente com muitos nomes e sobrenomes, que se envolveu com o testemunho de um homem concreto, como você bem lembrou. Mas isto nos faz entender uma coisa decisiva: assim como Cristo se fez persuasivamente presente para nós através do sim de Dom Giussani e de tantos outros que o seguiram, igualmente Cristo se faz presente agora através do nosso sim, do nosso seguimento vivido. Cristo não é uma etiqueta que aplicamos a um modo qualquer de estar juntos ou de encarar as circunstâncias: Ele dá testemunho de Si por meio da mudança que provoca na carne da nossa vida, se O deixamos entrar. E é fácil reconhecê-Lo em ação, seus traços são inconfundíveis. Da mesma forma como há um modo de estarmos juntos – na distração, no esquecimento, ou na presunção – que não Lhe dá glória.

No ano passado, impressionou-me muito um fato, que depois contei num artigo.¹⁹⁷ Um imigrante muçulmano chegou à Itália e foi destinado

¹⁹⁶ L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, op. cit., p. 123.

¹⁹⁷ Cf. J. Carrón, *Il Natale dei credenti, gesti di umanità che muovono il cuore. Corriere della Sera*, 23 de dezembro de 2015, p. 35. Encontra-se traduzido em português, com o título “O Natal dos crentes, gestos de humanidade que movem o coração” em: < http://passos.tracce.it/default.asp?id=411&id_n=4818 >. Acesso em: 31 de maio de 2017.

a um centro de acolhida. Um voluntário lhe pergunta: “Você quer carne ou peixe?”. E ele desata a chorar. Não era um sentimental. “Por que está chorando?”, pergunta-lhe; e ele conta que tinha trabalhado por dezoito anos para um patrão que sempre o tratou a pauladas. Mas agora, entre os “infiéis”, alguém finalmente o chamava pelo nome e lhe perguntava até mesmo o que queria escolher do cardápio. “Será que essas pessoas poderão um dia ir para o inferno?”, foi a sua pergunta final. Quando eu estava contando isto durante uma conversa na Itália, eu disse: “O que esse homem percebeu? Isto não poderia ter acontecido se o Verbo não se tivesse feito carne”. E alguns me disseram: “Não vamos exagerar, por favor! Depende da nossa educação. Nós somos assim porque fomos educados a acolher as pessoas”. Não, não é uma questão de “boa educação”, e precisa que venha alguém de fora para nos darmos conta do que recebemos e que se tornou parte do nosso modo de olhar a realidade. Trata-se de algo que não teria acontecido, que não nos pertenceria, se Cristo não tivesse entrado na história. Mas nós também perdemos a consciência disto. De fato, o diálogo que acabei de citar aconteceu com pessoas do Movimento!

Depois da primeira palestra dos Exercícios na Itália, chegou-me esta mensagem por meio de um amigo: “Se tiver oportunidade, transmita meu agradecimento a Julián. Se pudesse, teria lavado os seus pés, como a Madalena, com as lágrimas que derramei. Nem sequer no primeiro encontro eu vi com tanta evidência a presença de Cristo e o desejo tão enorme d’Ele como eu vi hoje”. Quantas vezes, no encontro com alguém, nos surpreendemos dizendo isto. Cristo não está “independentemente de”, ou “perto de”, mas está “dentro de” uma carne. Cada um deve ver onde acontece para si, onde O descobre, onde lhe é dado, por quais mãos lhe é trazido agora. Senão seríamos como os discípulos logo após a Ressurreição: tudo o que tinham vivido, inclusive todas as vezes que tinham comido e bebido com Ele, não era suficiente para vencer a tristeza deles. Só a Sua presença presente pode vencê-la. Portanto a questão é decisiva. É por isso que, quanto mais o tempo passa, mais nos interessa participar desta história. O interesse por esta história coincide com o interesse pela experiência da Sua contemporaneidade. Às vezes, o último a chegar, como o imigrante que citei, percebe o valor da nossa companhia mais do que nós mesmos que estamos dentro desta companhia. O último a chegar devolve à nossa consciência o que em nós se ofuscou e pelo qual nos perguntamos onde está Cristo, se na carne ou em outro lugar. Então o problema é se diante de mim, ou quando estou num determinado lugar com meus amigos – ali, não fora, não do lado, não depois, mas naquele

momento – acontece algo devido ao qual não posso deixar de sentir dentro de mim uma tensão exasperada para dizer o Seu nome. Cada um de nós deve identificar onde acontece, com quem acontece, dentro de qual carne Cristo me alcança hoje.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 2,14,22-33; Sl 15; 1Pd 1,17-21; Lc 24,13-35

HOMILIA DE PE. FRANCESCO BRASCHI

Tinham um só desejo: afastar-se daquela cidade que tinha sido o palco do fracasso deles, além do palco da morte de Jesus. Estavam com os olhos tristes por terem percebido que tinham esperado em vão e que agora estavam vazios, que já não sabiam o que esperar. Por muitos meses, obstinadamente, ilusoriamente, tinham cultivado a esperança num Jesus libertador, mundano e político, não obstante o próprio Jesus sempre tivesse feito de tudo para desmentir essas ideias sobre Ele.

Eram realmente tolos e lentos de coração!

Tolos, ou seja, incapazes de compreender a realidade (o adjetivo usado não indica tanto uma qualidade moral, mas sim uma incapacidade no que diz respeito ao conhecimento); e lentos de coração, ou seja, com um coração incapaz de bater mais rápido, de se apaixonar por algo diferente da imagem que tinham na cabeça.

Não é de admirar que não reconheciam Jesus, que os estava acompanhando na fuga de uma realidade que se tornara agora insuportável. Mas O tinham conhecido realmente, afinal? Em todo caso, bem depressa O tinham envolvido e aprisionado em seus sonhos já enquanto estavam com Ele.

E agora Jesus fora reduzido a um tema de discussão, talvez até de briga entre eles, em busca – pela enésima vez – de alguém ou de algo em que pôr a culpa pelo fracasso deles.

E, no entanto, o Cristo ressuscitado aproxima-se novamente deles, justamente deles.

É Ele quem retoma a iniciativa, quem desperta neles o desejo de uma companhia acima de tudo humana, quem lhes mostra que a realidade ainda tem algo para dizer ao fechamento deles. Reconhecem-No na fração do pão. No gesto da Eucaristia, mas também na multiplicação dos pães. No recontecimento da experiência de uma plenitude inimaginável, de uma doação de Cristo sem limites, justamente a eles.

Isto os põe de novo em caminho. Devolve o sentido àquela companhia de que se tinham afastado, à qual desejam agora voltar, onde encontram uma confirmação da sua experiência de encontro com Cristo.

Também conosco, nestes dias, Cristo tomou a iniciativa, juntou-se a nós no nosso caminho, ofereceu-nos no testemunho de Pe. Julián palavras capazes de inflamar novamente o pedido e o desejo do nosso coração.

Nem mesmo a luta nos dá medo, se formos leais com o que nos está acontecendo agora. Cristo, *vir pugnator*, uma vez mais, aqui e agora parte o pão para nós. A Sua aproximação, a Sua doação no pão partido é a única certeza sólida pela qual realmente podemos ser felizes.

Apesar de tudo, apesar de nós mesmos, felizes.

MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos,

uma pessoa não pode dar-se a si mesma a letícia. É uma evidência solar. Pode apenas pedir a graça de recebê-la como dom. Além disso, a letícia exige que este dom responda ao nosso coração e assim seja um dom presente. Jesus é o dom pessoal que surpreende a existência de quem O acolhe, e a alegria com sua alegria incomensurável. Nada, nem mesmo a dor, as fragilidades e o pecado são objeções ao crescimento, com o passar dos anos, da letícia como dimensão criativa do coração do qual jorra a vida verdadeira.

Desejo a cada um que experimente cada vez mais a identificação com o rosto do Servo de Deus Monsenhor Luigi Giussani.

Com afeto, uma bênção especial

S.E.R. cardeal Angelo Scola

Arcebispo de Milão

Caríssimo Pe. Julián Carrón,

chegue a você e a todos os amigos do Movimento a minha saudação e a minha oração pelo sucesso destes Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Estou unido a vocês no caminho do carisma que mudou a nossa vida e que nos deixou apaixonados pelo anúncio de Cristo morto e ressuscitado no mundo e no serviço à Igreja.

O tema destes exercícios, “*O meu coração é feliz porque Tu, Cristo, vives*”, propõe-nos o fato dominante da nossa vida, a fonte da paz e da alegria que, como nos lembra o Papa Francisco na *Amoris Laetitia*, é uma “dilatação da amplitude do coração” (*AL*, §126). Isto acontece hoje na comunhão com o carisma no grande corpo da Igreja. E assim tudo fica diferente e mais verdadeiro nas circunstâncias em que o Senhor nos chama a viver. Para mim, também na complexa situação em que se opõem falsamente a saúde e um trabalho digno.

Cheio de confiança, peço para todo o Movimento o dom do Espírito e a disponibilidade para seguir o passo que você nos indica.

Invocando sobre todos vocês a bênção do Senhor e a proteção da Mãe de Deus,

saúdo-os cordialmente

S.E.R. Dom Filippo Santoro

Arcebispo Metropolitano de Taranto

Caríssimo Pe. Julián,

O título escolhido para estes Exercícios da Fraternidade expressa a certeza que acompanha a nossa vida: *O meu coração é feliz porque Tu, Cristo, vives*. Nestes tempos cheios de desafios para a nossa fé, como é belo e pacificador voltar todos os dias a reconhecer a Presença que nos permite viver e respirar em cada circunstância!

Estou próximo de você e de todo o povo originado pelo carisma do Servo de Deus Dom Giussani, e os acompanho com a minha oração: que Nossa Senhora desperte em cada um de nós “a alegre certeza” que só Cristo torna possível, e o Espírito nos torne testemunhas apaixonadas para os homens nossos irmãos.

S.E.R. Dom Corrado Sanguineti

Bispo de Pavia

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade Papa Francisco

Santidade,

aproveitamos o gesto mais importante do nosso movimento, os Exercícios da Fraternidade de CL – dos quais participaram 22 mil pessoas em Rímimi e outros milhares por conexão via satélite, de 16 países – para tornar cada vez mais nosso o conteúdo da carta que nos enviou ao final do Jubileu da Misericórdia. Identificando-nos com seu chamado à pobreza, “necessária porque descreve o que temos verdadeiramente no coração: a necessidade d’Ele”, revivemos a experiência dos pobres do Evangelho – Mateus, Zaqueu, a Samaritana –, que reconheceram Cristo como a única resposta adequada à necessidade que eles mesmos eram.

Na memória viva de Dom Giussani, aprofundamos a experiência de pobreza que o senhor nos propôs como sendo gerada pela atração que Jesus exerce na nossa vida (a estimada alegria na qual se fundamentam todas as virtudes): a esperança certa de que Deus cumpre o desejo do coração torna-nos alegres – aquela letícia que jorra da Páscoa, como nos recordou o cardeal Menichelli durante a celebração eucarística – e pobres, ou seja, livres da posse das coisas porque, tendo encontrado Cristo, já nada nos falta.

Retomamos depois as palavras de sua carta sobre a urgência da “partilha com os necessitados”, à qual nos educamos constantemente com gestos concretos: partilhando a necessidade de idosos, crianças, doentes e pobres, vemos o quanto ela é ilimitada.

A *Evangelii gaudium* acompanhou as nossas meditações, lembrando-nos que só Cristo presente é “o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo coração humano” e que todos têm o direito de recebê-lo, sem excluir ninguém, como Vossa Santidade nos testemunhou precisamente nestes dias no Egito.

Gratos por sua mensagem e sua bênção, continuamos a rezar pelo sustento do seu ministério universal. A trinta e cinco anos do reconhecimento pontifício, voltamos a entregar todas as nossas pessoas em suas mãos: use-nos, Santidade, para dilatar aquele abraço positivo a todos e a tudo o que nasce, como contragolpe, do sermos inteiramente possuídos pelo amor de Cristo “transbordante de paz”.

sac. Julián Carrón

Sua Santidade Papa Emérito Bento XVI

Santo Padre,

o conteúdo dos Exercícios da Fraternidade foi a carta que o Papa Francisco nos enviou ao final do Jubileu da Misericórdia, na qual nos exortava a viver a pobreza como “necessária porque descreve o que temos verdadeiramente no coração: a necessidade d’Ele”. Desta pobreza, que só nasce do sermos ricos em Cristo, o senhor continua a ser testemunha para nós: nada falta a quem foi revestido da grande Presença. Por intercessão de Dom Giussani, pedimos a Nossa Senhora que encha de alegria os seus dias, e ao senhor uma bênção para toda a nossa Fraternidade em caminho no hoje da história.

sac. Julián Carrón

*S.E.R. cardeal Angelo Bagnasco
Presidente da Conferência Episcopal Italiana*

Eminência caríssima,

nos Exercícios Espirituais da Fraternidade, que reuniram em Rímini 22 mil pessoas, meditamos sobre o chamado à pobreza do Papa Francisco na carta que nos enviou na conclusão do Jubileu da Misericórdia, chamado esse ao essencial da vida cristã, ao “que temos verdadeiramente no coração: a necessidade d’Ele”. Sentimos como dirigido também a nós o convite do Papa à Ação Católica: “Partilhar a vida das pessoas” para “mostrar que é possível viver a alegria da fé”, testemunhando-o nas circunstâncias quotidianas da vida.

sac. Julián Carrón

*S.E.R. cardeal Kevin Joseph Farrell
Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida*

Eminência Reverendíssima, 22 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação e outros milhares conectados via satélite de 16 países renovam sua disponibilidade para ser instrumentos da missão da Igreja, na fidelidade ao carisma de Dom Giussani e no seguimento do Papa Francisco, que nos exortou a viver “o essencial da vida cristã”, ou seja, a pobreza, “necessária porque descreve o que temos verdadeiramente no coração: a necessidade d’Ele”, de Cristo presente que nos liberta.

sac. Julián Carrón

S.E.R. cardeal Angelo Scola
Arcebispo de Milão

Caríssimo Angelo,

nestes dias o Senhor surpreendeu-nos fazendo-nos experimentar aquela alegria de que nos falou em sua mensagem. Meditando sobre a carta que o Papa nos enviou, voltamos para nossas casas mais conscientes de sermos pobres, ou seja, necessitados d'Ele, cheios só de Cristo. Dom Giussani continua a nos falar através do testemunho da sua vida tomada por Cristo e por isso fecunda em nós, seus filhos, desejosos de reviver a experiência mesma dele hoje.

sac. Julián Carrón

S.E.R. Dom Filippo Santoro
Arcebispo Metropolitano de Taranto

Caríssimo Filippo,

gratos por sua mensagem, voltamos para casa destes Exercícios Espirituais mais necessitados d'Ele e mais disponíveis a partilhar a vida de todos, sobretudo dos necessitados, como nos pediu o Papa Francisco, para testemunhar Cristo presente que torna a vida alegre em qualquer circunstância.

sac. Julián Carrón

S.E.R. Dom Corrado Sanguineti
Bispo de Pavia

Caríssimo Corrado,

agradeço-lhe a mensagem e garantimos que “a alegre certeza” de que nos falou é um pouco mais real em nós, por causa da experiência de Cristo que se debruçou novamente sobre a nossa necessidade sem fim e nos tornou mais pobres e mais livres, porque estamos mais cheios d'Ele.

sac. Julián Carrón

A ARTE EM NOSSA COMPANHIA

Organização de Sandro Chierici

*(Guia para a leitura das imagens tiradas da História da Arte
que acompanharam a audição das peças de música clássica na entrada e na saída)*

O patrimônio dos mosaicos bizantinos de Ravena está entre os mais importantes testemunhos iconográficos cristãos da Primeira Idade Média (séculos V-VI). O percurso começa pela Basílica de São Vital com cenas do Antigo Testamento e prossegue com as cúpulas do Batistério dos Arianos e do Batistério Neoniano, para então introduzir as cenas da Vida e da Paixão de Cristo nas paredes de Santo Apolinário Novo, concluindo-se com a abside de Santo Apolinário em Classe e com o Batistério de Gala Placídia.

1. Basílica de São Vital, abóbada do coro, *O cordeiro místico*
2. Basílica de São Vital, bacia absidal, *Cristo senhor do mundo*
3. Basílica de São Vital, luneta meridional, *O sacrifício de Abel e de Melquisedeque*
4. Basílica de São Vital, luneta setentrional do presbitério, *A hospitalidade de Abraão*
5. Basílica de São Vital, luneta setentrional do presbitério, *A hospitalidade de Abraão*, detalhe, *O sacrifício de Isaac*
6. Basílica de São Vital, luneta setentrional do presbitério, *A hospitalidade de Abraão*, detalhe, *A oferta aos três anjos*
7. Basílica de São Vital, parede setentrional do presbitério, *Moisés recebe as tábuas da lei*
8. Basílica de São Vital, parede meridional do presbitério, *Moisés pastor na terra de Midiã*
9. Batistério dos Arianos, cúpula, *O batismo de Jesus*
10. Batistério Neoniano, cúpula, *O batismo de Jesus*
11. Santo Apolinário Novo, parede setentrional da nave, *O milagre das bodas de Caná*
12. Santo Apolinário Novo, parede setentrional da nave, *A multiplicação dos pães e dos peixes*
13. Santo Apolinário Novo, parede setentrional da nave, *A vocação de Pedro e André*

14. Santo Apolinário Novo, parede setentrional da nave, *A cura dos cegos de Jericó*
15. Santo Apolinário Novo, parede setentrional da nave, *A cura da hemorroíssa*
16. Santo Apolinário Novo, parede setentrional da nave, *Jesus e a samaritana*
17. Santo Apolinário Novo, parede setentrional da nave, *Jesus e a samaritana*, detalhe
18. Santo Apolinário Novo, parede setentrional da nave, *A ressurreição de Lázaro*
19. Santo Apolinário Novo, parede setentrional da nave, *A oração do publicano e do fariseu*
20. Santo Apolinário Novo, parede setentrional da nave, *A oferta da viúva pobre*
21. Santo Apolinário Novo, parede setentrional da nave, *Cristo juiz separa as ovelhas dos bodes*
22. Santo Apolinário Novo, parede setentrional da nave, *A cura do paralítico*
23. Santo Apolinário Novo, parede setentrional da nave, *A cura do paralítico*, detalhe
24. Santo Apolinário Novo, parede setentrional da nave, *A cura do homem endemoninhado*
25. Santo Apolinário Novo, parede setentrional da nave, *A cura do paralítico de Betesda*
26. Santo Apolinário Novo, parede meridional da nave, *A última ceia*
27. Santo Apolinário Novo, parede meridional da nave, *Jesus no horto das oliveiras*
28. Santo Apolinário Novo, parede meridional da nave, *O beijo de Judas*
29. Santo Apolinário Novo, parede meridional da nave, *Jesus conduzido ao julgamento*
30. Santo Apolinário Novo, parede meridional da nave, *Jesus perante o Sinédrio*
31. Santo Apolinário Novo, parede meridional da nave, *O anúncio da negação de Pedro*
32. Santo Apolinário Novo, parede meridional da nave, *A negação de Pedro*
33. Santo Apolinário Novo, parede meridional da nave, *Judas devolve as trinta moedas*
34. Santo Apolinário Novo, parede meridional da nave, *Jesus perante Pilatos*
35. Santo Apolinário Novo, parede meridional da nave, *A subida ao calvário*
36. Santo Apolinário Novo, parede meridional da nave, *As miróforas no sepulcro*

37. Santo Apolinário Novo, parede meridional da nave, *Os discípulos de Emaús*
38. Santo Apolinário Novo, parede meridional da nave, *A incredulidade de Tomé*
39. Santo Apolinário em Classe, *A cruz absidal*
40. Santo Apolinário em Classe, abside, *Santo Apolinário aos pés da cruz*
41. Mausoléu de Gala Placídia, A abóbada com a cruz no céu estrelado
42. Mausoléu de Gala Placídia, luneta sobre o sacelo, *O martírio de São Lourenço*
43. Mausoléu de Gala Placídia, luneta sobre a entrada, *Jesus bom pastor*
44. Museu Arcebispal, *Cristo guerreiro*

Sumário

MENSAGEM ENVIADA PELO PAPA FRANCISCO 3

Sexta-feira, 28 de abril, noite

INTRODUÇÃO 4

SANTA MISSA — *HOMILIA DE PE. STEFANO ALBERTO* 24

Sábado, 29 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO — *“Bem-aventurados os pobres no espírito”* 25

SANTA MISSA — *HOMILIA DE S. E. R. CARDEAL
EDOARDO MENICHELLI ARCEBISPO DE ANCONA-OSIMO* 49

Sábado, 29 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO — *“Tornarei evidente o poder
do meu nome pela letícia de seus rostos”* 53

Domingo, 30 de abril, manhã

ASSEMBLEIA 78

SANTA MISSA — *HOMILIA DE PE. FRANCESCO BRASCHI* 102

MENSAGENS RECEBIDAS 104

TELEGRAMAS ENVIADOS 106

A ARTE EM NOSSA COMPANHIA 109
